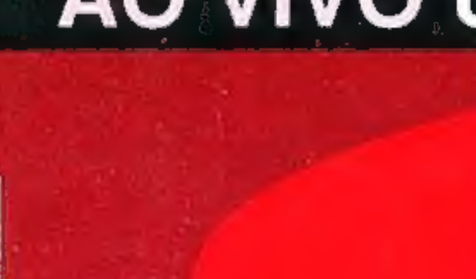
AO VIVO U2 • TRIBUTO A FREDDIE MERCURY • TITÃS

BIZZ

5561 • JUNHO, 1992 • ANO 08 • N.º 6 • EDIÇÃO 83 • CR$ 9 500,00

EDITORA AZUL

GRÁTIS!
4 adesivos


NIRVANA

LEGIÃO URBANA

R.E.M.

SEPULTURA

METALLICA

PEARL JAM

SKID ROW

GUNS'N ROSES

RIDE LUSH
e a nova geração do rock inglês

MR. BIG
ao sucesso

NIRVANA NUPCIAL
Kurt casa

RUSH
uma viagem de 20 anos

CURE

O rock não tem mais cura? Diz isso pra eles.

wish

CD

LP

MC

FicTioN

PolyGram

Fotos de capa: Jonathan Postal/Reima (Rush),Sony (Pearl Jam), A.J.Barret (Nirvana), Raul Mendes/Azul (Sepultura), Polygram (Metallica), Jack Tribano/Azul (Legião Urbana), Neal Preston/Reima (Axl Rose), Terry Allen (REM), Warner (Skid Row)

ALEX LIFESON

me ou odeie o Rush — e parece difícil achar alguém que tenha uma posição intermediária — é impossível negar a importância e a influência do trio, o último grande monumento progressivo que continua progredindo.

Não é à toa que Geddy Lee, Neil Peart e Alex Lifeson são imensamente populares há duas décadas. Nem que estejam entre os favoritos de grupos tão diferentes como Metallica e Primus.

A história completa que apresentamos nesta edição (pág. 31) está sendo pensada desde antes do lançamento de *Roll The Bones*. A idéia era aproveitar o lançamento do disco para fazer uma panorâmica no grupo.

Mas a coisa foi mudando. Sacamos rapidamente que não dava para ser superficial numa retrospectiva do trabalho desses caras. A coisa era complicada, precisava de tempo e de um especialista em Rush. Conseguimos o expert: Cássio Leite, baterista, fã de carteirinha do Neil Peart, e jornalista especializado em ciência (o que até que combina com o jeito de ficção-científica do Rush). E jogamos a matéria mais para frente.

Acabou até sendo melhor este atraso. Porque entre o lançamento do *Roll The Bones* e este momento, aconteceu muita coisa com o Rush. Foi o álbum da banda que mais alto chegou na parada americana (14º) e mais singles emplacou na parada de rock. Levou a uma turnê gigantesca, com abertura do Primus. E — o principal — revelou a uma nova geração crescida nos 80 como era o rock na época em que os roqueiros eram, também, grandes músicos.

Warner

6 **SHOWBIZZ**
O casório de Kurt e Courtney

14 **FAST FORWARD**
Jesus And Mary Chain, L7, Mr. Big

26 **ROCK INGLÊS**
Sangue novo no som independente da ilha

41 **JUKEBOX**
Zombies

42 **DANCE MUSIC**
O que há de *velho* nas pistas?

44 **AO VIVO**
Tributo a Freddie, U2, Titãs, Kreator

49 **DISCOS**
ZZ Top, Little Village, Nick Cave

54 **CD**
DCC: você ainda vai ter um

58 **VIDEO**
Tears For Fears e os principais lançamentos

60 **LETRA**
"Alive", Pearl Jam

62 **CARTAS**
Tubarão dá pano para manga

66 **DISCOTECA BÁSICA**
I Never Loved A Man..., Aretha Franklin

PHILIPS

STANDARD

PHILIPS

MINHA TRIBO TIRA UM SOM AFRO-NEO-HOUSE-PÓS-METAL.

ONDE CABE TUDO?

FICA FRIO. EU TENHO UM DOUBLE DECK.

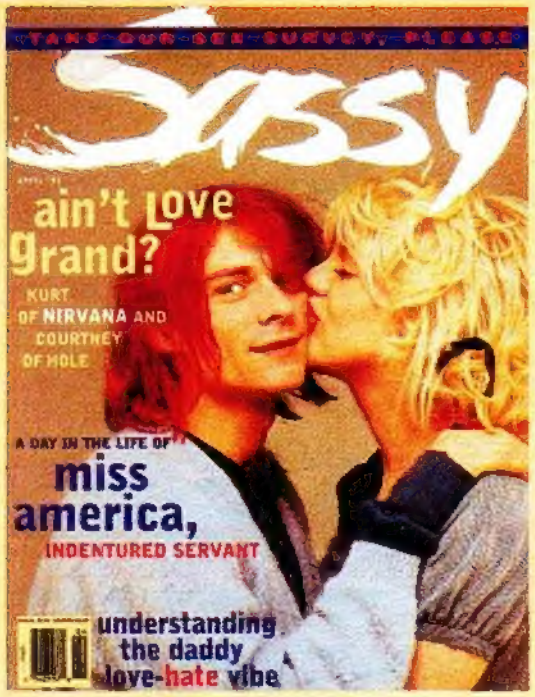
AW7299

Ligado no som da minha tribo? Me passa uma virgem - não a mata, a fita - que eu copio rapidinho pra você. O Double Deck da tribo Moving Sound tem magias do tipo Hi-Speed Copy. Ele domina totalmente os seus sentidos - será vodu? - com o poder do equalizador gráfico de 3 bandas. E para impedir que a pressa louca dos homens da cidade atrapalhe a longa e calma cerimônia desta noite, feiticeiros da Philips colocaram sistema Continuous Play para o som não parar até a próxima lua.

MOVING SOUND

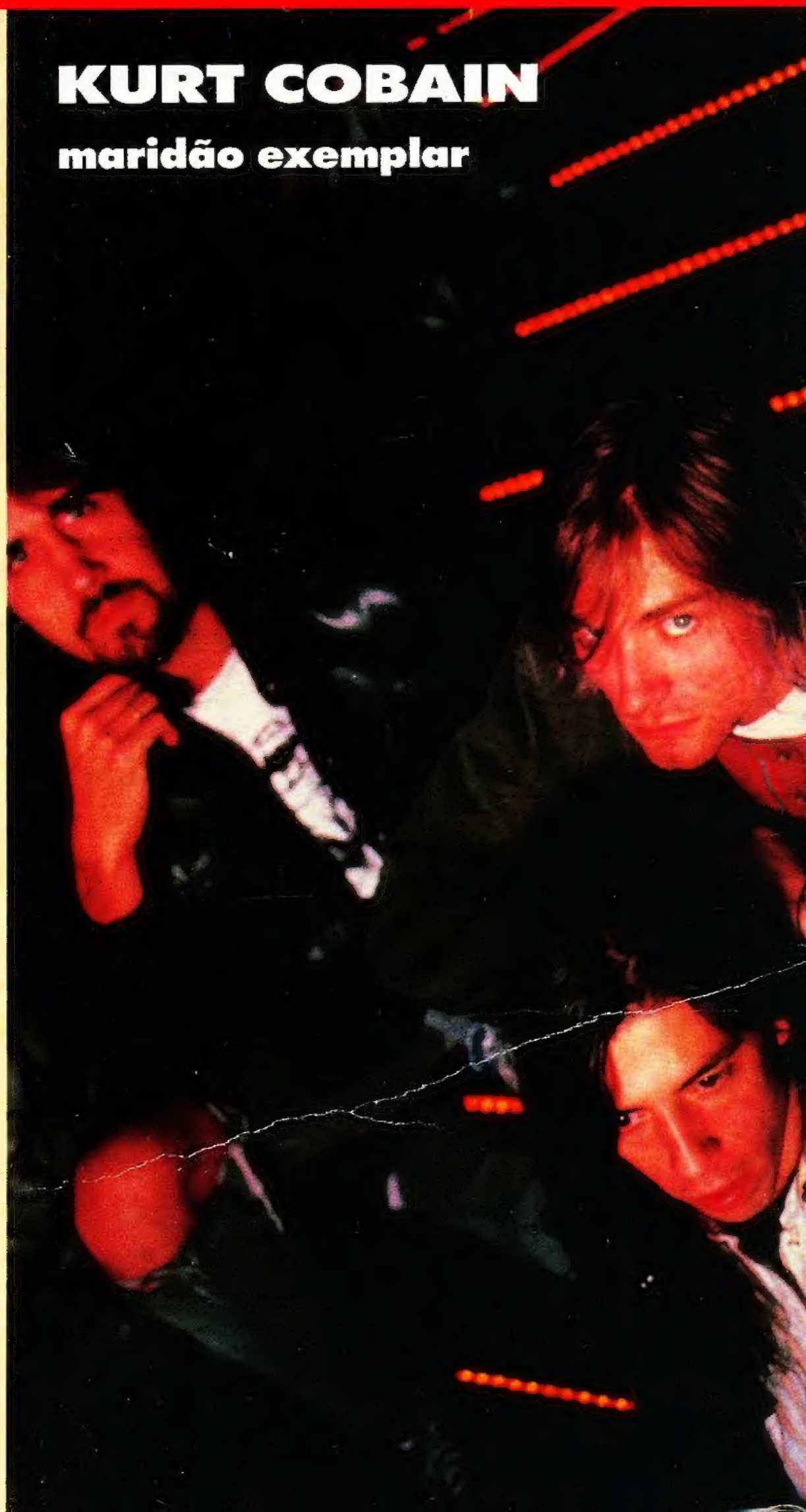
THE SOUND OF ALL TRIBES

PRODUTO IMPORTADO



KURT COBAIN

maridão exemplar



O casal Kurt Cobain, do Nirvana, e Courtney Love, do Hole, apareceu romanticamente na capa de abril da revista *Sassy*, uma espécie de *Capricho* americana.

Em entrevista para a revista, Kurt fala o tempo todo de como está perdidamente apaixonado e que isso pode vir até a mudar sua música do atual revoltado para uma linha "de bem com a vida". Courtney conta como quis Kurt desde a primeira vez que o viu, num show do Nirvana, em 88. "Eu fui atrás mesmo. Não fui agressiva, mas insistente. Kurt ficou com medo de mim." Kurt: "Eu não estava dando uma de difícil, mas é que na época eu simplesmente não tinha tempo para pensar nisso".

O pedido de casamento foi bem "romântico": Kurt se ajoelhou em frente de Courtney e disse "Valho seis milhões de dólares. Quer casar comigo, piranha?" Os dois se casaram numa cerimônia secreta em fevereiro no Havaí. Ambos usaram vestido na cerimônia. Courtney já está esperando um filho de Kurt para o segundo semestre deste ano.

MANO NEGRA E BEATS NO BRASIL

A Eco-92 trouxe no começo deste mês o pop world music do Mano Negra. Além do Rio, o grupo francês tocou em Salvador, Curitiba, São Paulo e Santos.

Em novembro, vem o Beats International. O BI é uma coletividade de cantores, músicos, DJs, grafiteiros e outros, liderada pelo DJ Norman Cook. O grupo se apresentará em São Paulo, Rio, Brasília e Recife. É possível que o BI promova intercâmbio cultural e workshops com músicos e DJs brasileiros.

EMI-Odeon

OS MILHÕES DE MADONNA

O recém-assinado contrato de Madonna com a Time-Warner é estimado em 60 milhões de dólares.

Numa uma artista feminina ganhou tanto controle e dinheiro com sua carreira. O contrato prevê a criação de sua própria companhia de multimídia, a Maverick, da qual ela terá total controle e liberdade administrativa e artística. A Maverick abrangerá um selo (este controlado em 50% pela Time-Warner), uma editora musical, e divisões dirigidas à TV, merchandising, cinema e livros. "Será uma pequena fábrica de idéias."

A Time-Warner injetará ainda 5 milhões de dólares anuais na Maverick. O selo passará a lançar os próximos álbuns de Madonna — neste contrato estão previstos sete. Por cada um ela receberá 5 milhões de dólares adiantados mais 20% de direitos autorais. Ela pretende também lançar artistas novos pelo selo.

Madonna deve lançar seu novo disco no fim deste ano, junto com um livro contendo poesias, ensaios eróticos e fotos suas nua.

NO CINEMA: Programado para este verão americano *A League Of Their Own*, uma história envolvendo beisebol dirigida por Penny Marshall, com Madonna, Tom Hanks e Geena Davis. E até o fim do ano estréia nos EUA *Body Of Evidence*, um thriller erótico soft com Madonna e Williem Dafoe.

Reina

OUÇA ESSA

"Sou um rapper de verdade. Meus discos são para traficantes e pessoas que vendem armas e matam gente."
KRS-One, do Boogie Down Productions

"Houve uma época em que as pessoas cresciam dividindo mitos, lendas e ideais. Agora elas crescem dividindo McDonalds e Disneylandia."
Bob Dylan e seu papo de hippie velho

"Estou de volta para provar que, ao contrário do que se pensa, ainda estou vivo."
Ringo Starr sobre seu novo disco

LONDRES

Em Londres para a homenagem a Freddie Mercury, o pessoal do Guns n'Roses não só não quis ficar no mesmo hotel que as outras estrelas convidadas, mas também se recusou a ensaiar com os demais artistas • Após o grande evento, os 98 artistas e uma centena de convidados comemoraram o show no Hard Rock Café montado nos bastidores. O Prêmio Nobel da Paz deve ir para LizaMinelli, que conseguiu tirar Axl Rose do canto onde ele estava fazendo cara feia, para dançarem juntos ao som de "Brown Sugar", dos Stones • Enquanto isso, Elton John presenteava Liz Taylor com um anel de brilhantes no valor de 100 mil libras, por seu trabalho com a AIDS • E no Marquee, grupos como Mega City 4, Chapterhouse, Jesus Jones e Pop Will Eat Itself homenagearam Freddie Mercury num show "alternativo" • O Iron Maiden sempre soube dar uma boa festa: para o lançamento do novo disco, alugaram um salão que virou parque de diversões • Atenção fãs do Led Zeppelin! A convenção de fãs da banda — a primeira em anos! — promete ser assombrosa: além de palestras e exposições, haverá leilões de memorabília e mostra de videos raríssimos • O Sepultura teve que cancelar seu show na Brixton Academy quando o guitarrista Andreas Kisser finalmente tirou a estrutura de metal que estava sustentando seu braço quebrado. Mas aproveitaram para ver duas vezes os shows do Primus e Rush.

ANAMARIA G. DE LEMOS

CINDY WILSON DEIXA B-52's

OS MOTIVOS AINDA NÃO FORAM REVELADOS. OS MEMBROS RESTANTES NÃO PRETENDEM SUBSTITUÍ-LA E JÁ GRAVARAM O NOVO ÁLBUM SEM ELA. *GOOD STUFF* SAI ESTE MÊS E, ASSIM COMO O ANTERIOR, FOI PRODUZIDO POR DON WAS E NILE RODGERS. RECENTEMENTE, O GRUPO SE APRESENTOU EM NOVA YORK E CONTOU COM UMA CANJA DA ATRIZ KIM BASINGER NOS VOCAIS.

KORZUS VIAJANDO

Os *bandgers* do Korzus embarcaram no fim de abril para sua primeira turnê européia. Estavam programados 35 shows pela Alemanha, Itália, Suíça, França, Holanda, Bélgica, Espanha e Inglaterra – onde tocariam no Marquee. Seu último disco *Mass Illusion* foi lançado nos EUA, Europa e Rússia.

LEGIÃO DANÇA

O Legião Urbana gravou algumas músicas para o grupo de dança de Brasília Endança, formado por velhos amigos da banda. Apesar de ser totalmente eletrônico, Renato garante que o som "tem cara de Legião". O cantor da Legião não sabe quando o trabalho será usado pelo Endança. "Pode ser tanto em seis meses como em dois anos."

OS PODRES DOS SMITHS

Acaba de sair na Inglaterra o livro *Morrissey & Marr — The Severed Alliance*, um relato biográfico detalhado sobre a vida e carreira dos Smiths e seus dois principais membros. O autor, Johnny Rogan, foi fundo nos podres e revela histórias nada felizes sobre as relações na banda e as causas da separação. Johnny Marr e o baterista Mike Joyce estão entre os entrevistados para o livro. Morrissey se recusou a falar e ficou furioso com o resultado final. Ele declarou que "espera que Johnny Rogan termine seus dias em breve num acidente de estrada".

Reina

LOS ANGELES

Confirmada a megaturnê por estádios americanos que Guns e Metallica farão juntos, com Faith No More abrindo os trabalhos. Será uma verdadeira maratona: o FNM tocará por apenas 45 minutos, mas o Metallica ficará no palco por duas horas e 15 minutos, enquanto o GNR ganhará 45 minutos a mais que isso, no barato. Se não atrasar... • O guitarrista John Frusciante saiu do Red Hot Chili Peppers em plena turnê pelo Japão. Em seu lugar foi convocado às pressas Zander Schloss, da banda angelena Thelonius Monster. Essa já é a terceira banda de Zander, também integrante do Porno For Pyros, a nova banda do ex-Jane's Addiction Perry Farrell. O motivo da saída de Frusciante foi o velho, surrado e diplomático "diferenças musicais" • Será lançada uma nova versão do álbum *Badmotorfinger*, do Soundgarden, com um CD-brinde intitulado (tome fôlego agora antes de tentar pronunciar...) *Satanoscillatemymetallicsonatas*: são cinco faixas inéditas, com covers de "Girl U Want" (do Devo), "Stray Cat Blues" (dos Rolling Stones) e "Into The Void" (do Black Sabbath), mais gravações ao vivo • O músico bissexto River Phoenix e o rotundo comediante John Candy serão sócios do também ator Dan Aykroyd na abertura de uma nova casa noturna especializada em blues no coração de Nova Orleans, inspirada no grupo musical formado por Dan e o falecido John Belushi, os Blues Brothers. *JOSÉ EMÍLIO RONDEAU*

A ACRÓPOLE ESTREMECE

O fotógrafo Rui Mendes acompanha a zoeira de um dia e um show do Sepultura em Atenas, Grécia

Você já imaginou chegar na Grécia, domingo, às seis horas da manhã, sem ter para onde ir?! Era 3 de maio, dia do último show do Sepultura em Atenas. Por causa de uma série de desencontros não sabia onde os caras estavam. Através de centenas de cartazes, sabia onde seria o show, mas entender os dizeres eram outros quinhentos. Foi aí que senti na pele aquela frase: "Tô falando grego!"

Às onze e trinta a bilheteria abriu e descobri que os caras hospedavam-se no Athens Gate Hotel.

Ao meio-dia e meia o saguão do hotel estava uma zona. É engraçado perceber que fã é fã até na Grécia. A banda tem uma paciência e simplicidade incríveis. Dá autógrafo e tira foto quase que com todo mundo. Só pára porque Glória, a empresária, dá um esporro e bota todos para fora. Os caras tinham que almoçar. "A comida daqui é do caralho!", diz Andreas. Uma hora e meia depois, estávamos fotografando no centro do universo, segundo os gregos, a Acrópole. A sessão de fotos só é interrompida com a chegada espalhafatosa de um fã francês, que tinha vindo de Paris só para ver a banda. "Vi o show de Paris, o de Gent (Bélgica), e estou aqui. Vocês são minha banda preferida!"

A passagem de som seria às cinco horas e ninguém voltaria mais para o hotel, porque no dia anterior, ao chegarem pouco antes da hora do show, a molecada ficou louca! Para ver os caras dentro do ônibus, subiu e amassou uns vinte carros. Tudo certo para o show. Os caras entram e a pancadaria sonora começa.

O lugar está tão cheio que não dá nem para esboçar um headbanging. Na primeira fila, a cara do povo é um misto de susto e êxtase. Só dá para levantar a mão. Quando entram as músicas dos dois últimos LPs, o lugar vem abaixo.

É impressionante o domínio de Max sobre a galera. Se o cara mandá-los à merda, com certeza metade vai. Andreas improvisa bastante, sem firulas, solos curtos e certeiros, que parecem deixar estática no ar. A bateria de Igor é coisa mais próxima de um liquidificador, cheio de porcas e parafusos, ligado no 220. O cara não perde o pique um segundo e cria uma massa sonora capaz de levantar a múmia de Sófocles. O cara mais difícil de fotografar da história do rock talvez seja Paulo. O cara tem mola no pescoço. Bate cabeça do começo ao fim do show. Seu baixo é potente e é a ligação da banda toda. Depois de 37 shows, no espaço de dois meses, os caras esbanjam afiação.

Depois de umas quinze músicas, o show pára. O Sepultura vai para trás do palco, dar um tempinho antes do bis. A galera mais uma vez manda: "SE-PULL-TU-RAA!, SE-PULL-TU-RAA!" As duas músicas que estavam programadas viram quatro, Max vai emendando uma na outra e só pára porque são quase duas horas de pura porrada energética. Igor comenta que o público é muito comportado. Só um cara tentou e conseguiu um *stagedive*, mas foi agarrado pela segurança e posto para fora.

"Em Lisboa, sim, os caras são demais", conta Max. "Rolou a maior treta com a polícia e a segurança. Um segurança começou a debulhar um neguinho da fila da frente, eu não tive dúvida, sentei a guitarra e o pedestal nas costas do canalha! Meu, foi uma loucura, virou guerra, os caras começaram a descer das arquibancadas e foi a maior pancadaria. Tivemos que ficar uma hora trancados no camarim. A polícia queria nossa cabeça!"

O avião da British Airways para Moscou sai às cinco da manhã. Igor me conta que vão ser quatro shows. O primeiro é em São Petersburgo, e os 8 000 ingressos foram vendidos em duas horas. Tudo bem que custe 50 cents de dólar o ingresso, mas para a Rússia de hoje é caro.

Hoje, soube que os shows foram o maior sucesso. Na Letônia foram 8 000 pessoas ao show. Na Lituânia, Max entrou para o livro dos recordes, como o primeiro cara a fazer *stagediving* no país, num show que levou seis mil neguinhos. Em Moscou a coisa foi ainda maior, dezesseis mil pessoas. E dois agentes da antiga KGB bateram um papo estranho com a empresária dizendo que sabiam do teor político do grupo, e se houvesse alguma provocação por parte da banda em relação à polícia a coisa ficaria preta para eles. Wow! E a *glasnost?*

E as coisas não param por aí. A banda está lançando um EP em junho com seis músicas inéditas. No mesmo mês, está certa uma turnê pela Ásia e Oceania — confirmados Austrália, Japão e Indonésia. E, a partir de setembro, a banda vai abrir os shows da turnê de Ozzy Osbourne nos EUA, que dura dois meses. É mole????

Fotos Rui Mendes Azul

David Bowie e sua atual esposa, a modelo Iman (a rainha egípcia do clip de "Remember The Time", de Michael Jackson)

Black Sabbath No Brasil

Parem as máquinas: depois do Purple e de Ian Gillan, mais um monstro sagrado do rock 70 dá as caras por aqui. E com uma formação quase clássica: Tony Iommi, Geezer Butler, Vinnie Appice e Ronnie James Dio, substituto de Ozzy de 79 a 83. e recentemente de volta a banda.

As datas são: dia 23 no Gigantinho (Porto Alegre); dia 26 no Círculo Militar (Curitiba); dia 25 no Ibirapuera (São Paulo); dia 27 na Apoteose (Rio); e de volta a SP para dois shows dias 29 e 30 no Olympia. Metal clássico e imperdível.

MEDALHAS AOS MEDALHÕES

Aconteceu no dia 27 de abril a entrega do Prêmio BIZZ de Melhores de 91. A festa foi no Rio e contou com a presença dos principais premiados. Detalhe: ninguém tentou bater no André Forastieri.

Luiz Melodia (Melhor Vocalista nacional, pela crítica) e Alex Antunes.

José Augusto Lemos, Jorge Benjor (Melhor LP nacional, pela crítica) e Alex Antunes.

Marcelo Bonfá, Renato Russo, Jose Augusto Lemos, Dado Villa-Lobos e Alex Antunes (Melhor LP, Melhor Grupo e Melhor Música nacional para a Legião Urbana, na votaçao dos leitores).

André Forastieri cumprimenta Carlos Maltz. (Melhor Show nacional para Engenheiros do Hawaii, pelos leitores). No meio, José Augusto Lemos.

Fotos Ricardo Siqueira/Azul

Está mais do que provado que o homem veio do macaco.

FAST FORWARD

Os irmaos William e Jim Reid estão de mau humor. Vestidos do tradicional preto dos pés à cabeça, eles se recostam nas poltronas confortáveis de sua gravadora e fazem cara de tédio.

Pois é, a síndrome do "comeback": você passa alguns anos dando duro, compondo e gravando e, quando volta... "São sempre as mesmas perguntas", reclama Jim. "Como se tivéssemos tirado dois anos de férias! E aí aparecem os boatos de que vamos nos separar. É tão cansativo!"

"Nós queremos um disco que soe bom daqui há dez anos, quando as pessoas tiverem se esquecido do que ou de quem estava na moda. Meus discos prediletos são assim: Stooges, Beatles... uma música boa atrás da outra. E demoramos o que precisávamos demorar para conseguir isso."

Honey's Dead, o novo LP, promete recolocar o Jesus And Mary Chain no mapa musical. Nele, os Reid voltam com grandes riffs, vocais preguiçosos e... sim, batidas dançantes! "Eu sei", Jim me interrompe. "Algumas pessoas vão reclamar, dizendo que todo mundo está fazendo isso. E daí? Elas se encaixam com o que estamos fazendo. E também você tem de se lembrar de que já usamos as *dancebeats* em 88, com Sidewalking . Só que agora o resultado foi muito melhor".

"Seria burrice eu te dizer que durante a explosão toda da dance music não tenhamos nos sentido ameaçados", diz Jim, o mais falante da dupla. "Foi um período amedrontador: as coisas mudavam tão depressa que não sabíamos mais onde nos encaixávamos. A verdade é que, enquanto continuarmos a fazer bons discos, sempre haverá um lugar para nós."

A capa do single "Reverence" (o enterro de Kennedy, Jesus escrita no alto) e a do LP (a Virgem em tons de bege) parecem estar destinadas a controvérsia. Jim e Will discordam totalmente, apesar de minha insistência no assunto. No entanto, Jim chega a confessar seu interesse por imagens religiosas: "Até agora tínhamos evitado essas idéias, porque já basta o nome da banda! Mas não há nada melhor que um crucifixo: existe algo de incrível em um homem numa cruz".

Falando em morte, falemos em ressurreição — a do Mary Chain, que se prepara para voltar ao circo do rock com a turnê *Rollercoaster*, na companhia do Dinousaur Jr, My Bloody Valentine e Blur. Jim e Will estao furiosos, pois a gravadora anda espalhando que o projeto é baseado na famosa Lollapalooza, de Perry Farell. "Não tem nada a ver", Jim me garante. "É um pacote, como o Hendrix e o Pink Floyd faziam nos anos 60."

Antes de partir, me lembro de uma conversa com Jim em 89, quando ele anunciou que "o rock vai voltar com tudo em 94." O evento aconteceu antes do esperado, digo, citando o sucesso do Nirvana. Jim espera "que isso signifique que o rock'n'roll está saindo das mãos de gente como Skid Row, Van Halen e Guns N'Roses e voltando para aquilo que ele representava: rebelião, não negócios". Claro que sobra também para a "maior piada do rock", o Guns N'Roses (Will: "*Use Your Illusion*" tem 37 músicas ruins e três boas, uma das quais é do Paul McCartney!").

No fim os dois se acalmam o suficiente — só para reafirmar a importância do Jesus and Mary Chain para os anos 80. Jim: "Quando as pessoas pensam naquela década, só se lembram de duas bandas: nós e os Smiths. Há tantas bandas por aí dizendo que só começaram a tocar porque viram um show do Jesus And Mary Chain..."

ANAMARIA G. DE LEMOS

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Põe discoteca básica nisso! **Motown Greatest Hits** com o magnífico **MARVIN GAYE** cobre desde sua fase de galã oficial da Motown nos anos 60 ("How Sweet It Is") até os tempos mais politicamente corretos ("What's Going On") e sofisticados ("Let's Get It On") na década de 70. *C.R.*

Mutantes animalescos arrastando carcaças de automóveis puxadas por correntes em meio a ruínas metropolitanas. Se isso soa interessante para você, não perca **Badmotorfinger**. Lento e pesado à velha maneira do Black Sabbath (porém mais tosco e o vocalista tem voz de macho), o **SOUNDGARDEN** é uma pedrada nos cornos. *A.F.*

Exclusivamente em CD, a Warner vem com tudo no primeiro pacote do selo Alligator, especializado em blues. Não bastasse a ótima coletânea comemorativa dos vinte anos da gravadora, chegam também dois discos de **JOHNNY WINTER** e **ROY BUCHANAN**, além de um de **ELVIN BISHOP** Altíssima rotação! *C.P.*

Mr. BIG

velha guarda

A história não é incomum e dessa vez aconteceu com o Mr. Big, um quarteto baseado na Califórnia. Quase um ano depois do lançamento de seu segundo álbum, *Lean On It*, um de seus singles — a balada "To Be With You" — disparou para o topo da parada e, em questão de dias, ressuscitou a carreira do álbum (que, até então, havia estacionado em respeitáveis mas nada sensacionais 400 mil cópias vendidas) e fez da banda uma coqueluche nacional.

"Foi a última música a ser incluída no disco", diz o guitarrista Paul Gilbert, "e o sucesso dela nos pegou de surpresa. Quer dizer, acho que qualquer pessoa se surpreende quando chega ao primeiro lugar da parada. Não é o tipo de coisa que acontece todo dia na vida de uma pessoa (risos)."

Paul não tem explicação para o sucesso de "To Be With You", que ajudou a duplicar a vendagem de *Lean On It*. "É sempre um mistério. Todo mundo que coleciona discos sempre tem na coleção um ou outro álbum que o colecionador acha que todo mundo deveria gostar, mas que não é um sucesso no resto do mundo. É tanta coisa que passa desapercebida. Mas, às vezes, pouco antes da música desaparecer de vista, surge alguém que acredita nela, que gosta dela."

O Mr. Big é uma criação de Billy Sheehan, ex-baixista de David Lee Roth que desejava dar ao mundo uma banda como as que influenciaram seus anos formativos, o Humble Pie e o Bad Company. "Todos (no Mr. Big) fomos influenciados por bandas como essas", admite Paul. "Uma das coisas mais cool dessas bandas (antigas) é que a tecnologia de gravação não era tão avançada quanto é hoje. As bandas não tinham outra saída senão entrar no estúdio, tocar bem e gravar o que estavam tocando. Portanto, se quisessem gravar um bom disco, tinham que ser boas bandas, tinham que saber muito bem o que estavam fazendo. Hoje em dia isso mudou, com produtores, com novas técnicas de gravação, a ponto de praticamente qualquer pessoa ser capaz de fazer um disco bem decente. Só que quando vão se apresentar ao vivo, a história é completamente diferente."

Ninguém no Mr. Big é marinheiro de primeira viagem. Antes de ter sido convocado por Sheehan para o Mr. Big, o baterista Pat Torpey havia gravado com Ted Nugent, excursionado com Robert

Um quarteto de veteranos chega ao topo das paradas fazendo rock como antigamente

Plant e Belinda Carlisle e estava tocando com uma nova versão do The Knack.

O vocalista Eric Martin tinha gravado três discos solo sem repercussão alguma para a Elektra e para a Capitol. Paul Gilbert estava na Racer X, banda hard rock de Los Angeles que jamais conseguia achar um bom vocalista, menos ainda ser contratada ou conseguir ser conhecida fora do sul da Califórnia. "O timing foi perfeito", diz Paul.

JOSE EMILIO RONDEAU

METAL

HARD THRASH

Sem ao menos gravar um disco, Chuck Moseley abandonou os vocais do Bad Brains • O Danzig está de disco novo na praça. Produzido pelo próprio Glenn Danzig, com supervisão de Rick Rubin, o álbum inclui uma cover do T. Rex • Para quem se habilitar: Ronnie Magri, ex-baterista do hard-psicodélico The Throbs está arrebanhando uma moçada para formar uma nova banda. Quem detonar um instrumento, inspirado em Stones e Johnny Thunders, pode contatar Rockfeller, Rothschild, Steele, 1285 Avenue Of The Americas, 35th Floor, New York, NY 10019, USA • Sessão *Palhaçada do Mês* desta vez o troféu vai para o grupo nova-iorquino Naked Sun. Fantasiados e floridos, eles fazem uma mistura de Styx (Socorro!) e jazz rock (?). E dizem que o resultado é absurdo e bom • Podreira fashion no mercado. Os australianos Cosmic Psychos lançaram por lá o LP *Blokes You Can Trust*, produzido pelo norte-americano Butch Vig, que já meteu a mão em discos dos Laughing Hyenas e Nirvana • Dan Reed estreou como ator de teatro (não me convide) na peça *Beirut*. Isso lá em Portland, Oregon; o seu pedaço • O ex-baixista/vocalista do Deep Purple Glenn Hughes refez o grupo de funk rock Trapeze, com Mel Galley (ex-Whitesnake) nas guitarras e Dave Holland (ex-Judas Priest) na bateria, para abrir um show do xaropão Fish no Hammersmith. Haja espanador para tanta teia de aranha! *EVIL OTTO*

Fonseca's Gang

Marcia Ramalho

Aos 30 anos, Fábio Fonseca desponta como o mais cotado produtor-arranjador-instrumentista nas nossas praias dance, tecno-funk e disco. Que o digam Fernanda Abreu, Cláudio Zoli, Marina ou Luiz Melodia, alguns dos que provaram e gostaram da receita do músico carioca.

No momento, além de estar produzindo o segundo álbum de Fernanda, Fábio retoma a carreira solo através de *Tradução Simultânea* (PolyGram). São funks para levantar as pistas, tecno-baladas e até uma canção de sotaque bossanovista, "A Mulher de 15 metros" — cantada por Luiz Melodia. Em seis faixas, fica com o lead. Nas outras, além do já citado Melô, especialistas como Cláudio Zoli, Marina e Fernanda Abreu dão conta do recado.

Tradução Simultânea, gravado e mixado entre dezembro e fevereiro, não deve desviar Fábio Fonseca desta rota: "Eu assumo que é um disco de produtor, este é o conceito e estou satisfeito com o resultado. A participação de outros artistas deu variedade, mas sem tirar a unidade do trabalho. Não é a minha meta principal fazer shows, mas devo tocar no Rio e em São Paulo com alguns músicos que gravaram comigo. Mas o momento está muito difícil e não pretendo me desgastar. Ainda bem que não sou artista."

— ANTONIO CARLOS MIGUEL

PROMOÇÃO

A SONY MUSIC E A 89 FM TRAZEM O MELHOR ROCK DE SEATTLE PARA VOCÊ:

PEARL JAM

A BANDA DE ROCK PARA AVÓ NENHUMA BOTAR DEFEITO

E TEM MAIS: VOCÊ PODERÁ VÊ-LA, OUVÍ-LA E ACOMPANHÁ-LA NOS SEUS ENFURECIDOS ACORDES.
AH! JÁ ESTÁ FICANDO CURIOSO?
ENTÃO, PEGA LÁ!

QUE TAL GANHAR UMA FITA DE VÍDEO COM TRÊS SUCESSOS DO GRUPO, INCLUINDO O HIT **"ALIVE"**; O COMPACT DISC **"TEN"**; E UMA LINDÍSSIMA GUITARRA ESPECIALMENTE PARA VOCÊ? É A MAIOR MOLEZA. BASTA ESCREVER PARA A **89 FM** (PRAÇA OSVALDO CRUZ, 124 - 17º ANDAR - PARAÍSO - SÃO PAULO - SP - CEP: 04004) DIZENDO QUAL O FAMILIAR QUE DEU O NOME AO GRUPO **PEARL JAM**. DEPOIS, É AGUARDAR O RESULTADO QUE SERÁ DIVULGADO PELA RÁDIO. SE VOCÊ MORA FORA DE SÃO PAULO, NÃO TEM PROBLEMA, SERÁ DEVIDAMENTE COMUNICADO PELO CORREIO E RECEBERÁ SEU PRÊMIO EM CASA.

*ATENÇÃO: ENTRE OS QUE ESCREVEREM PARA A PROMOÇÃO **PEARL JAM** SERÃO SORTEADOS, AINDA, 50 LPs **"TEN"**.*

Sony Music

PROMOÇÃO: 89 FM A RÁDIO ROCK

Cabra safado

Cearense gigante é o letrista-revelação do ano

Muita gente deve ter ficado boiando ao ver um tal de Falcão ganhar segundo Melhor Letrista de 91 na votação da crítica para o Prêmio BIZZ. O cara ali — à frente de velhos vencedores na categoria, como Renato Russo e Arnaldo Antunes — perdendo só para Caetano Veloso.

Falcão é um cearense de um metro e noventa, que costuma andar vestido com os paletós mais absurdos. *Bonito, Lindo E Joiado,* seu primeiro álbum, inclui — além de suas personalíssimas composições — uma versão, em inglês "qualquer nota", para "Eu Não Sou Cachorro Não", o clássico de Waldick Soriano.

Quando o disco chegou aqui na redação, o tumulto foi geral: todo mundo deitando de rir com esta cover, "I'm Not Dog No", e faixas como "Só É Corno Quem Quer" e "A Cura Da Homeopatia Pelo Processo Macrobiótico". Não deu outra! O total desconhecido virou poeta laureado.

De onde vem a inspiração para tanta patifaria?

Sempre fui um camarada meio gozador e sempre quis fazer essa mistura que é uma coisa nova na MPB. Às vezes tudo é meio sem querer. Invento um nome e depois a letra vai saindo. Um troço meio mediúnico.

Essa mistura inclui rock, reggae, bolero, xote... O que você andou ouvindo?

Eu escuto de tudo. Desde Waldick Soriano até Bob Dylan, Deep Purple e Led Zepellin. De rock brasileiro eu não gosto muito. Principalmente das letras . O que eu acho legal daqui é Titãs, Paralamas, Mulheres Negras, Belchior e Raul Seixas. Do Raul eu tenho até carteirinha de fã-clube.

E aqueles conjuntos engraçadinhos tipo Premê, Lingua De Trapo...?

Fico até puto quando me comparam com esse pessoal. Quero ser um cara diferente e acho que sou! Meu som pode parecer sem pé nem cabeça mas tem fundamento

Provavelmente seja isso que tenha conquistado os críticos. O que você achou de ser o segundão entre os letristas do prêmio Bizz?

Achei muito legal estar ali na companhia de um cara como o Arnaldo Antunes, que eu gosto muito.

Como é que foi para convencer uma gravadora a lançar um disco maluco como o teu?

Eu fiz o disco independente. Prensei duas mil cópias que vendi em casa mesmo. Aí a Continental soube de mim através do Beto Barbosa e comprou a idéia. Só mudaram o selo. No original tinha um casal fazendo um 69.

O que o Waldick Soriano achou da tua versão em inglês de "Eu Não Sou Cachorro Não"?

Ele já conhecia antes de eu gravar. A gente já tinha feito uns shows juntos. Foi ele que foi atrás da gravadora para liberar a música pra mim. Muita gente não entende a jogada do Waldick, mas ele é um cara muito interessante.

Como é que tu descolou aquele inglês doidão para essa versão?

Eu e meu parceiro fomos pegando palavra por palavra e traduzindo ao pé da letra. Com um dicionário das Edições de Ouro, o *Inglês Sem Mestre*. Já tive a oportunidade de cantar pra uns americanos e os caras ficam bobos. Não entendem nada. Eu também não sei falar nada em inglês.

É verdade que lá no Ceará tem quatro mulheres para cada homem?

É, mas a maioria é feia. Eu faço um tipo de galã brega no palco e conquisto o mulherio. É só performance, mas têm umas fãs que levam a sério. A elite leva na gozação, mas na periferia é como se eu fosse um ídolo mesmo.

Mas tem essa de ídolo mesmo?

No Ceará eu sou bastante conhecido. Talvez eu seja o artista mais conhecido por lá. Toco muito também em João Pessoa, Recife...

Com essa pinta toda deve rolar muita coisa...

Já fiz a cobertura do Carnaval de Fortaleza para a TV Bandeirantes de lá. Chovia gente em cima de mim. Agora eu tenho uma participação diária no jornal do SBT do Ceará. Sou tipo um âncora. Faço os comentários mais malucos possíveis.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

A ÚLTIMA MODA EM SHOW.

Cricket®
SEMPRE INVENTANDO MODA.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

CONTEMPORÂNEA

pesadas como o tijolo

Um colaborador dessa revista que foi aos Estados Unidos no ano passado e viu — entre outros — shows do Nirvana, Red Hot Chili Peppers, Mudhoney e Sick Of It All disse: "Não tem ninguém mais pesado e animal ao vivo que o L7".

Depois de seis anos, chegou a vez deste quarteto de L.A. O disco *Bricks Are Heavy* (Tijolos São Pesados) foi produzido pela banda com o produtor-da-moda Butch Vig, e o futuro desponta brilhante.

O single "Pretend We're Dead", sobre a apatia que reina em certos círculos de Los Angeles, entrou direto no Top 10 britânico, e a recente turnê pela Inglaterra lotou direto. Jennifer Finch, baixista do L7, diz que "ao vivo nós temos um som superpesado e forte, e era isso que queríamos transpor para o estúdio". Conseguiram? "Quase".

O divulgador de sua gravadora aparece para encher nossos copos. Enquanto Jennifer o faz ajoelhar e dizer "Você é maravilhosa" 100 vezes, aproveitamos para rever a história da banda...

Bonita Sparks, a vocalista de cabelo multicolorido, trocou Chicago por Los Angeles para perseguir seu sonho de virar surfista. A banda nasceu do encontro com a guitarrista Suzi Gardner. Um ano depois, Jennifer entrou e o L7 estava completo. Ou quase... o baterista era um homem! "Nós testamos mil bateristas, e acabamos escolhendo a Dee (Plakas). Porque ela era a melhor, não porque era mulher."

Depois de vários lançamentos independentes — entre eles o LP *L7*, prestes a ser relançado, e o miniálbum *Smell The Magic* — a banda parece ser a coisa certa na hora certa.

Elas estão chegando aos olhos e ouvidos do público bem a tempo de lucrar com o novo "interesse" em bandas femininas, como Babes in Toyland, Lunachiks, Hole, Dickless etc.

"Existe uma teoria interessante", me explica Jennifer, quando acaba de torturar o pobre divulgador. "As mulheres praticamente criaram o rock'n'roll. Se você assistir filmes antigos da época que os brancos começaram a tocar r'n'r, vai ver que na platéia só tinha mulher. Nos anos 60 já havia platéias mistas e algumas mulheres no palco, embora não necessariamente tocando instrumentos."

"Aí, nos anos 70, chegou o hard rock e heavy metal, e as mulheres foram empurradas pro lado. O punk mudou tudo, havia mulheres tocando em bandas. Mas o hardcore americano, como o Black Flag, era pura celebração masculina. Agora as coisas estão mudando."

Se você for uma mulher que já tenha sofrido tentando chegar perto do palco num show, o L7 tem uma música especialmente para a ocasião: "Eu compus e canto 'Everglade', que é sobre uma menina que vai num show pra fugir da opressão em casa, e descobre que lá as coisas são piores ainda. Ela acaba sendo chutada e derrubada, mas o bêbado acaba se dando mal."

"Wargasm", que abre o disco, é um rock mortífero sobre o tratamento que a mídia americana deu à guerra do Golfo. "De repente o nosso presidente, que quer ser presidente do mundo, resolveu ir 'liberar' um país onde as mulheres ainda têm que usar véus! E a mídia tratou disso como se fosse um evento esportivo, usando uma linguagem que beirava o sexual: 'O míssel penetrou a linha de frente!!' Só faltou venderem pipoca..."

Suzi Gardner, ainda de olho roxo devido a um acidente sério sofrido durante a gravação de um vídeo — uma câmera caiu em cima da guitarrista e ela pretende processar o responsável — nos interrompe para pedir algumas moedas. Suzi, coitada, é viciada em caça-níqueis. Parece a hora certa para mencionar o Nirvana. O Nirvana.

Pense nos Ramones e no produtor do Nirvana.

Pense em quatro garotas. Está chegando perto

Afinal, as duas bandas têm duas coisas em comum: ambas saíram do selo Sub-Pop e trabalharam com Butch Vig. "Todas essas bandas como Tad e Killdozer estavam indo para Wisconsin pra gravar com o Butch. Nós ficamos curiosas e entramos em contato com ele. Isso foi antes dele fazer o disco do Nirvana..." (começa a rir) "Não... pra falar a verdade, ouvimos *Nevermind*, gostamos e resolvemos imitá-los!" (risos)

Não se preocupe. De Nirvana o L7 não tem nada, além de um bom produtor. Pense em Ramones e Runaways e você terá uma idéia melhor do som explosivo das quatro garotas. "Essas modas vêm e vão. Mas nós esperamos tempo demais para nos preocuparmos com isso agora." Dessa vez elas chegaram para ficar. *ANAMARIA G. DE LEMOS*

TAPAS & BEIJOS

Estou de saco na lua com as reclamações desses roqueiros trintões pentelhos de que a BIZZ não fala de rock brasileiro. Como se o rock brasileiro se limitasse aos trintões. O fato é que existem quinhentas mil bandinhas iniciantes nas esquinas desse país afora, mais umas quinze ou trinta muito interessantes que as gravadoras estão ignorando (o único cara se ligando é o Pena Schmidt, que vai lançar discos com essa moçada nova. Vai se encher de ganhar dinheiro). A BIZZ fala e falará mais ainda no futuro próximo de música brasileira que vale a pena.

Digo isso porque na entrega do *Prêmio BIZZ* um desses roqueiros trintões quis me ensinar a fazer o meu trabalho. Disse que eu não podia meter o pau nos Paralamas e nos Titãs — embora ele mesmo achasse o disco dos Titãs "uma merda". Disse que havia uma diferença enorme entre nós: ele é "artista" e eu, "jornalista". Acho que a diferença é que: a) ele é hipócrita; b) eu trabalho mais, não fico tendo faniquitos no meio dos fechamentos XXX Meus melhores do mês de maio: The Charts (show), *Best Of ZZ Top* (disco), *Retrato De Um Assassino* (filme — estréia em julho). E uma dica: se você gosta de Batman, Alien, Freddy Krueger, gibis e essas tralhas, nao perca a nova revista TERROR E FICÇÃO (ô propaganda descarada). É bacana e está nas bancas XXX Beijos nas moças e bomba na Eco-92!

ANDRÉ FORASTIERI

BLACK

Formação Clássica

TONY IOMMI
GEEZER BUTLER
RONNIE JAMES DIO
VINNIE APPICE

SABBATH

PORTO ALEGRE — 02/07 — GIGANTINHO
CURITIBA — 30/06 — CÍRCULO MILITAR
SÃO PAULO — 26/06 — IBIRAPUERA
RIO DE JANEIRO — 27/06 — APOTEOSE
SÃO PAULO — 23 E 24/06 — OLYMPIA
BELO HORIZONTE — 28/06 — MINEIRINHO

Apoio

EMI · 89 A RADIO ROCK · BIZZ

Realização

MERCURY

100%

RATOS DE PORÃO

100% R.D.P. VIVO. SÃO 10 ANOS DE CARRE
DA BANDA MAIS SUJA E AGRESSIVA QUE O
SEIS PORRADAS A MAIS E UMA SURPRESA

Groove
ELDORADO

(011) 277-3500

"CASCAS-CROSSAS"

(CRUSTIES)

"PASMATUS NOS SACUTUS"

(SHOE GAZERS)

SOM APELIDOS

ESQUISITOS (POWER)

ROCK INGLÊS A NOVA GERAÇÃO

ENTRE INDIES

OS BANDAS

PULULANDO OS

Camisetas

Ilustração Renata Borges

Há mais no rock do que caixões de artistas mortos — ou quase mortos. Basta abrir qualquer dos semanários ingleses *Melody Maker* e *New Musical Express* para perceber como ele continua jovem. Na verdade, a impressão que se tem ao ler esses jornais é que uma nova e obscura geraçao tomou o poder do mercado.

A ascensão do Nirvana ao primeiro lugar da parada americana nao foi um fenômeno isolado. Se os grupos de Seattle estão agora em evidência, há tempos eles são favoritos do Reino Unido. O rock underground tradicionalmente vende bem na Grã-Bretanha, seja ele americano ou local.

O aspecto mais curioso no mercado britânico é que ele sempre viveu de cenas, modas, movimentos. Desde o skiffle nos anos 50, passando pelos mods, punks, o que for.

O indie começou a ser considerado uma cena em 1986 e acabou virando gênero — esse "gênero" não passa de música lançada por selos independentes.

Mas hoje este conceito está falido. A quebra do selo Rough Trade, que lançou os Smiths, no ano passado, foi emblemática. As grandes gravadoras passaram a competir na faixa de mercado que costumava ser exclusividade das pequenas, oferecendo os melhores contratos.

A Factory talvez seja a última das gravadoras independentes de porte. Mas enfrenta dificuldades financeiras, tanto que o New Order está voltando a gravar para salvar a empresa. Outras sobreviventes, como a Food Dedicated, são selos distribuídos por *majors*. Mas ainda há quem se arrisque no mercado. Selos pequenos, como Mut, Wilde Club, Clawfist, Wiija, Setanta e Heavenly continuam a abastecer as paradas *indie* com novidades.

A cena atual segue a linha evolutiva da C86, termo cunhado pelo *NME* para definir a classe de 1986. Naquela época, o Reino se encontrava tomado por bandas de garagem, a maioria vinda de Glaslow. Grupos como Primal Scream, Soup Dragons, Pastels, Vaselines, Jesus & Mary Chain, My Bloody Valentine. Essa geraçao não se perdeu. Seis anos depois, representam os caminhos que acabaram levando o indie às paradas oficiais.

Foi em 89 que o rock anorak (batizado assim devido ao uniforme de seus intérpretes, capotes baratos com capuz) começou a ser absorvido pela acid house. Em 90, até My Bloody Valentine servia de trilha para festas *rave*.

Mas em 91 os ventos mudaram radicalmente. Apesar de *Screamadelica*, do Primal Scream — melhor álbum inglês nas seleções de 91 —, o *indie dance* perdeu espaço para a cena de Camden, o bairro underground de Londres. Lá fica o centro da cultura *crustie*, uma versão radical do *grunge rock* americano (tendência ruidosa e suarenta, cujo mais famoso representante é Nirvana).

Londres também se tornou o centro de uma nova prática, o *shoe gazing*. O termo é pejorativo: quer dizer, literalmente, fitar os sapatos. Foi cunhado por Andy Ross, proprietário da gravadora Food, e diz respeito à interminável horda de bandas cabisbaixas e miseráveis que usam microfonias como escudo contra o mundo cruel. Essas bandas ganharam um segundo apelido, *The Scene That Celebrates Itself* (a "cena" que celebra a si mesma), numa matéria de Steve Sutherland no *Melody Maker*. Sutherland reparou como a última geração indie estava lotando shows e festas de bandas iniciantes, numa manifestação incestuosa de apoio mútuo. Era uma observação projetada como ofensa contra "bandas de nome curto". Um terceiro termo, neutro, foi introduzido na imprensa: noise pop. É o atualmente corrente.

ROCK INGLÊS

Fotos Derek Ridgers LFI

TEENAGE FANCLUB Seu terceiro álbum, *Bandwagonesque*, produzido pelo guru Don Fleming (B.A.L.L. e Velvet Monkeys), levou bola preta da *Rolling Stone*. Em compensação, nas páginas da rival *Spin*, foi destacado como o melhor (n.º 1) disco de 1991. A polêmica que rachou a imprensa musical yankee vem de Glasgow. E, apesar de estar dando o que falar agora, não é exatamente uma novidade no Reino.

Seus integrantes são crias da C86, a classe de 86. Cansados de circular por bandas que nunca estouraram (indispensável para a geração de 86, que considerava o sucesso um crime inafiançável), optaram por uma tática de assalto para promover seu Teenage Fanclub. Em vez de gravar uma demo e procurar contratos, foram logo prensando um álbum independente. *Catholic Education*, de 1990, surpreendeu público e crítica, que nunca tinham ouvido falar neles. Agora, os queridinhos mamam em duas gravadoras. Creation, que jamais sai de moda na Inglaterra, e David Geffen Company, nos EUA.

Seus cabelos e guitarras (Norman Blake usa uma Firebird azul que não se via desde os dias de Wishbone Ash e Cheap Trick) denotam o orgulho de sua retroatividade. Teenage Fanclub apropria-se descaradamente do rock americano dos anos 60 e 70, compondo baladas rudes, de feedback cabeludo.

LUSH A imprensa ama Miki Berenyl e Emma Anderson, as bonitinhas da banda, mas o som, como toda a cocteaufilia, é chatinho. Impossível entender o que as moças cantam sob a muralha de flangers, phasers e harmonias etéreas. Suas melodias são angelicais, frágeis e entediantes. Cocteau Twins para os 90, com produção de Robin Guthrie — o "gêmeo" gordo de Liz "Cocteau" Frazier.

CURVE Duo sediado em Kentish Town, formado por Toni Halliday, um remix de Deborah Harry com Beatrice Dalle, e Dean Garcia, Eram músicos de estúdio do Eurythmics. Agora, são as estrelas do selo Anxious, de Dave Stewart. Um Cocteau Twins dançante, divididos entre o gótico, o barulhento e o indie dance.

VERVE Nada a ver com o selo americano de jazz. O nome é sempre ridicularizado, mas esse grupo de Wigan tem tudo para ser o Blur de 92, destinado a um verão de fama transitória. Segue a linha dos títulos curtos, ao menos. E manda ver psicodelia psicótica. Seu LP de estréia, *All In The Mind*, foi produzido por Paul Schroder, o engenheiro por trás das gravações das melhores *guitar bands* inglesas — de Stone Roses a Ride.

SENSELESS THINGS Misturam Who e Husker Du. Mas sua melhor qualidade são mesmo as capas de seus discos, desenhadas por Jamie Hewlett, o artista de Tank Girl. Adoram uma gracinha. O título de seu segundo álbum, ironicamente chamado *The First Of Too Many* (o primeiro de muitos), quase chegou às lojas como *Should Have Signed To Geffen* (devíamos ter assinado com a Geffen). Sua gravadora, Epic, não achou a piada boa.

CATHERINE WHEEL Admirados por Brian Eno, são os mais pesados da tal *Scene That Celebrates Itself*. Seu novo single, "Black Metallic" é o "Stairway To Heaven" do ruído brando.

THE FRANK & WALTERS Trio irlandês de Cork, que se mudou para o YMCA de Londres quando seu LP de estréia foi lançado, em julho de 91: Agora menos obscuros, são festejados por seu humor debochado.

LEVITATION A melhor banda de guitarrista dissidente (no páreo: *SPIRITUALIZED*, de Jason, ex-Spacemen 3; e *SPIREA-X*, de Jim Beattie, ex-Primal Scream). Terry Bickers, ex-House Of Love, conseguiu jogar Pink Floyd no som estéreo das guitarras shoe-gazers.

FLOWERED UP e SAINT ETIENNE Pop dançante do selo Heavenly, promovidos como as respostas londrinas aos Happy Mondays.

MANIC STREET PREACHERS "You Love Us", diz o título de um de seus hits. Uma bela provocação. Afinal, trata-se da banda mais odiada na Grã-Bretanha desde Sigue Sigue Sputinik. Completamente fora de cena, veio de Gales tocando um punkinho descompromissado, vestindo T-shirts obscenas feitas em casa, jeans brancos, maquiagem e professando sua androginia. Soa como se Ziggy Stardust fosse membro do Clash. Ou como se os New York Dolls fossem uma banda séria. E leva sua arrogância do elitismo. A letra do hit "Motown Junk" começa exclamando "revolução" (Sample do Public Enemy). Em plena entrevista para o *Melody Maker*, o guitarrista Richie Edwards não vacilou em escrever em seu braço, a canivete, a frase "4 Real" (pra valer).

NED'S ATOMIC DUSTBIN Jesus Jones com raiva, ou tudo o que EMF quer ser quando crescer. Seu segundo álbum, *God Fodder*, foi lançado no Brasil e ganhou paredão na BIZZ. Por outro lado, figurou nas listas inglesas de melhores de 91 e nos balanços econômicos. Suas T-shirts bateram recordes de vendagem e se tornaram os definitivos uniformes do ano passado, na Inglaterra. Musicalmente, lembram um Red Hot Chili Peppers mirim e mais popinho. Fazem um punk funk marcado por dois baixos, com letras-manifestos do mais romântico inconformismo. Ao vivo, são headbangers radicais. No estilo, vale a pena conferir ainda *CARTER USM*, dos trintões Jim Bob e Fruitbat, que concorrem ao clichê Pet Shop Boys com raiva — pensando bem, talvez não valha tanto a pena assim.

SILVERFISH A principal banda *crustie*. Surgiu num squat de Camden e fez a fama do Falcon, um buraco negro e úmido com um palquinho armado em seu porão, que virou a base de uma geração de barulhentos. Foi lá que, em dezembro de 89, Silverfish inventou a dança, o endemoniado *lurch*, que está rendendo uma fortuna para os fabricantes de sprays contra torcicolo. Para os não iniciados, sua música é praticamente indançável. Lesley, a vocalista (ou melhor, gritona), solta seu sotaque escocês em vão, enquanto o resto da banda tenta juntar cacos de Birthday Party e Big Black na mesma canção. O guitarrista chama-se, apropriadamente, Fuzz. E seu álbum de estréia, *Fat Axl* (*Axl Gordo*, e é mesmo o Axl que você pensa), foi co-produzido por Steve Albini (Big Black).

FABULOUS Badameiros com mais arrogância do que substância. Adorados por Malcom McLaren, ferosos como os roqueiros dos anos 70, conseguem seu impacto com ações terroristas (tipo atrapalhar shows dos Manic Street Preachers) e merchandising pornô. Punk da lata de lixo dos 90.

THOUSAND YARD STARS Grupo acústico agressivo de Slough. Assinaram com a Polydor e estão sendo produzidos por Stephen Street, parceiro de Morrissey. São herdeiros da fase mod-funk do James.

SENSITIVE A nova esperança do selo Food. Entre a dança, Wonder Stuff e REM.

THE FARM e **SCORPIO RISING** Indie dance de Liverpool. O hit "All Together Now", do Farm, toca nas FMs locais. O grupo faz a linha dos Happy Mondays, com ainda menos carisma. Uma inacreditável mistura de Paul McCartney e Mick Jones. Scorpio Rising tirou seu nome do filme *Homenagem a Satã*, de Kenneth Anger, seu wah-wah da cena baggy, e o pique endemoninhado dos Neds.

GALLON DRUNK e **SUN CARRIAGE** O primeiro, uma confusão de riffs de garage sobre uma batucada de voodoo, lançados pelo selo Clawfist, que revelou os ótimos mas pouco badalados Family Cat e Cud. John Peel, a principal voz do rádio inglês, proclamou-a sua banda favorita de 91. O segundo, contratado pelo Wiija, que descobriu Silverfish, faz a linha guitarreira inspirada por MC5. Ambos foram descobertos nos banheiros de Camden e se destacaram na cena crustie, uma mistura de lurchers e grunges londrinos, que inclui ainda as bandas Bleach, The Butterflies, Milk, The God Machine, Th' Faith Healers, Tragic Roundabout e The Unbelievers.

CHAPTERHOUSE Eram os idolos da matiné. Os sucessores de Ride. Mas bastou o rótulo *The Scene That Celebrates Itself* ser inventado para os ingleses mudarem de idéia.

MOOSE, WHIRLPOOL, REVOLVER Noise poppers londrinos. Moose foi um dos pioneiros da Scene. Quarteto londrino do selo Hut, que atualiza a old wave de Joy Division com a distorção do My Bloody Valentine. Whirlpool é a continuação do extinto trio The Contenders, que gerou algum interesse em 89. Reformado como quinteto e contratado pela Food, é uma das mais acessíveis guitar bands de 92, com os indefectíveis wah-wahs sobre bases dançantes. Revolver, por sua vez, já foi descrito como a banda pos-Ride ideal para o verão de 92.

Fotos Matt Anker Retna

RIDE Filhos diretos de My Bloody Valentine e autores do disco favorito de Robert Smith em 1990. O álbum *Nowhere*, foi o catalisador do *shoe gazing*. São profundamente deprimidos e belos em suas melodias. Os primeiros a desafinar o coro dos contentes dopados de Manchester. Os melhores estilos.

MIDWAY STILL Três cabeludos perdidos entre o feedback e a depressão pos-gótica. Gravaram um cover de "You Made Me Realize", do My Bloody Valentine, que possui o dobro da potência original.

SWERVERDRIVER Cabeludos de Oxford que tiram barulho da cultura trash com uma pedaleira distorcida e jogam seu peso nos alto-falantes como uma colisão em câmera lenta. Referências a quadrinhos, filmes B e carrões americanos. São o mais próximo de Dinosaur Jr que os *shoe-gazers* podem chegar.

KINGMAKER O típico trio básico que transcende suas limitações e apresenta o impossível ao vivo. O som é uma espécie de mod para os 90, sem o modelito. O estilo cru e agressivo do compositor Loz Hardy já valeu comparações com Paul Weller. Mas Loz faz a linha deprimido e emprega melodias mais suaves que seu ilustre predecessor. O LP de estréia, *Eat Yourself Whole* (Chrysalis), entrou na lista dos melhores de 91 da *NME*.

CAPTAIN AMERICA Bastou Kurt Cobain posar na capa da *NME* com uma camiseta do grupo para o seu merchandising se tornar o mais popular do inverno de 92. Esses "americanos" de Glasgow abriram a turnê européia do Nirvana, e descobriram em Cobain um fã alucinado dos Vaselines — Nirvana costuma tocar um cover da banda, "Molly's Lips", em seus shows. Vaselines era a antiga banda de Eugene Kelly, a outra identidade do Capitão América. O extinto grupo era um punkinho adolescente sub-Mary Chain, da famosa C86. Captain America é harder, um fuzzbox com riffs de semimetal. Apesar de comparado com a conterrânea Teenage Fanclub, é muito mais cru e visceral.

CHARLATANS A acusação de charlatanismo nunca os preocupou. Tim Burguess, o Ian McCulloch de 1990, sabe que não é páreo para Ian Brown (dos Stone Roses), o Mick Jagger da década. A categoria é labios. Burguess é o príncipe das caras e bocas. Mas as más-linguas afirmam que seu estouro ocorreu no vacuo dos Stones (os Roses), que estão longe das gravações. A verdade é que o single "The Only One I Know" e o album *Some Friendly* são preciosos. Combinação de Byrds, Doors e grooves dançantes que tornaram muitas raves inesqueciveis. Infelizmente, o mesmo não pode ser dito de seu novo material. Seu segundo álbum saiu em março e não traz nenhum dos fracos singles lançados no ano passado.

BLUR No inicio de 91 eram abomináveis, um grupelho chamado Seymour. Tudo mudou quando assinaram com o selo Food (do Jesus Jones), inclusive seu nome. Com os hits "There's No Other Way", "Bang" e "Bad Day" (reunidos no mesmo álbum, *Leisure*), conseguiram fundir noise pop e *baggy* (outro nome do indie dance, relacionado às roupas largas da tchurma) e ganhar o respeito da "velha guarda". Tanto que foram convidados por Jesus & Mary Chain para participar de sua nova turnê, *Rollercoaster*. As influências vão dos Beatles a Buzzcocks.

DAISY CHAINSAW Faz parte dos revivalistas punks que descobriram a versão anos 90 da anarquia, tipo Manic Street Preachers e Fabulous. Punks que mais lembram os hippies. A vocalista Katie Jane acredita ser a reencarnação de Helena de Tróia. De surrados dreadlocks loiros, pés sujos e descalços e roupas em frangalhos, na verdade está mais para uma sereia na lama, desidratada. Não faltam flores e velas goticas em seu visual. Associação imediata: Toyah Wilcox. O sucesso do single "Love Your Money" os transformou na sensação dos primeiros meses de 92.

MARCEL PLASSE

RUSH

DUAS DÉCADAS PROGRESSIVAS

Geddy Lee, Alex Lifeson e Neil Peart não são uma banda são um fenômeno em evolução permanente. Finalmente, a BIZZ se rende ao último dos grandes monumentos dos anos 70 e conta toda a história do supertrio, de suas raízes hard-rock até o sucesso hard techno *de* Roll The Bones

RUSH

Quem não reconhecer no Rush um trio de excelentes instrumentistas e compositores também não será capaz de distinguir entre um instrumento musical e um cabo de enxada. No 23.º ano de carreira, essa banda canadense mostrou que tocar bem é uma arte — para poucos — que eles exercem com extremo bom gosto, inteligência e maestria.

Hoje, o analfabetismo musical puro e cru impera entre as "bandas cabeça", mas o rock e o jazz sempre serão função direta da relação músico/instrumento. Portanto, saber tocar é fundamental. Mesmo que seja só para fazer simplesmente barulho (o que, por sinal, também é uma arte).

Roll The Bones é o mais recente trabalho de uma carreira marcada pelo indiscutível sucesso de público, por discos de ouro e de platina — apesar da crítica. Alguns desses "experts" dizem que o som do Rush é *faceless* (sem cara própria, sem definição). No mínimo, ignorância inigualável. Pior. Outros apregoam que a banda "mistura *heavy metal* com *new wave*". Bobagem infinita.

Alex Lifeson (guitarra), Geddy Lee (baixo/vocais/teclados) e Neil Peart (bateria e percussão) são incomparáveis como músicos e compositores. O som do trio não cabe em rótulos. Mas a definição mais plausível é do próprio baterista Neil Peart: "Somos o tipo de banda que as pessoas amam ou odeiam. Podemos viver com isso".

Neil Peart: "Somos o tipo da banda que as pessoas amam ou odeiam. Podemos viver com isso"

O Rush foi formado em 1969, em Sarnie, Ontário (Canadá), por Lee e Lifeson. Tinha na bateria John Rutsey, que ficou doente e foi substituído, já no segundo disco, pelo inigualável Peart — para os mais crédulos, uma genuína "intervenção" sobre o mundo dos humanos. A verdade é que a classe internacional dos bateristas saúda até hoje o responsável pela feliz substituição. A troca conferiu ao Rush um som ainda mais peculiar. Além disso, a dupla Lee/Lifeson ganhou não só um gênio dos tambores, pratos e percussão mas também um letrista excepcional (*leia box*).

O primeiro disco, *Rush* (1974), saiu pelo selo independente Moon, da própria banda. Logo depois, a gravadora Mercury trataria de distribuir o LP nos EUA.

A chamada primeira fase da banda vai até o primeiro ao vivo, o *All World's A Stage* (76). Inclui *Fly By Night* (75), *Caress Of Steel* (75) e o *2.112* (76). As letras desse último acabaram

RUSH - 1974

FLY BY NIGHT - 1975

CARESS OF STEEL - 1975

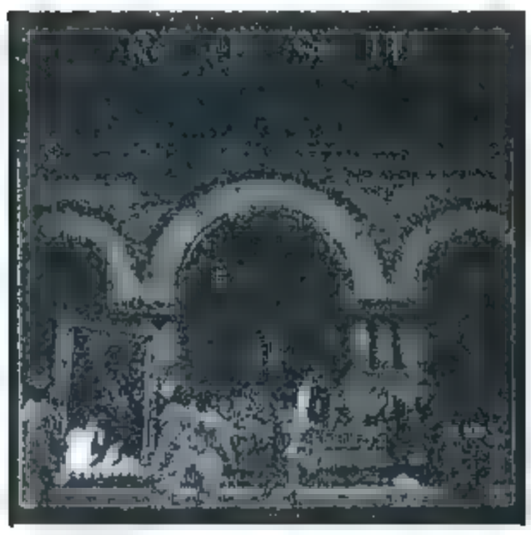
2112 - 1976

ALL THE WORLD'S A STAGE - 1976

A FAREWELL TO KINGS - 1977

HEMISPHERES - 1978

PERMANENT WAVES - 1980



MOVING PICTURES - 1981

EXIT...STAGE LEFT - 1981

criando polêmica. As composições são de Peart, baseadas na obra *Anthem*, da romancista Ayn Rand, considerada pelo patrulhamento ideológico uma escritora "de direita". Consequência: o grupo foi acusado de "neofascista". Para a crítica, os desenhos pintados nos dois bumbos de Peart (um homem "lutando" contra uma estrela vermelha, esta associada ao símbolo do comunismo) era mais uma prova da guinada à direita. Mas, para os fãs, a analogia não passou de forçação de barra.

Nessa primeira fase, o Rush era tipicamente um *power trio* de *hard rock*. A harmonia das músicas era a mesma usada por bandas do mesmo estilo da época. Da Gibson modelo Les Paul de Lifeson saíam as mesmas escalas pentatônicas, comuns em outros guitarristas roqueiros, dos seus amplificadores Marshall, o mesmo volume e timbre.

Mas, então, o que destacava o Rush no cenário hard do início dos anos 70? Até o terceiro LP, o diferencial era basicamente a união de três fatores. Primeiro, os acordes de Lifeson acompanhavam a linha melódica. Baixo, guitarra e bateria, por vezes, faziam juntos frases de divisão mais elaborada.

> Na sua primeira fase (74-76), o Rush era tipicamente um *power trio* de hard rock

O timbre da voz de Lee poderia ser reconhecido por uma marmota bêbada a quilômetros. Além disso, de seu baixo Rickenbacker saíam contrapontos (tipo de segunda melodia) que davam um colorido extra aos acordes de sustentação da guitarra.

Com *2.112* (76) surgem os efeitos dos sintetizadores. Além disso, os três músicos aprimoram a textura da harmonia. Os violões de Lifeson conferem timbre mais acústico ao som. As composições ficam mais longas. Sutilmente, os teclados fazem as primeiras intervenções.

Com o ao vivo *All World's A Stage*, a banda se despede da primeira fase — o mesmo deveria acontecer para as demais. A seguinte começa com *A Farewell To Kings* (77). Considerado um disco de transição — comum em outras passagens de fase —, *A Farewell* guarda elementos de *hard rock*, mas também já dá sinais de que muita elaboração e virtuosismo viriam pela frente. A entrada dos teclados é definitiva. As teclas, manejadas por Lee, superam os simples efeitos especiais. São agora parte obrigatória do som. É a chegada do rock progressivo.

RUSH

RUSH

Rena

SIGNALS - 1982

GRACE UNDER PRESSURE - 1984

POWER WINDOWS - 1985

Pertencem a essa segunda fase a coletânea *Archives* (78), *Hemispheres* (78), *Permanent Waves* (80), *Rush Through Time* (80) — outra coletânea — e o excelente *Moving Pictures* (81), o ápice do virtuosismo e do entrosamento da banda. A partir de *Permanent Waves*, Peart, já letrista oficial, se afasta de temas mais siderais e finca o pé na realidade terrestre. Nessa fase, a habilidade técnica dos três atinge o impensável. É o maior salto qualitativo em termos de domínio do instrumento. Assumem o estilo progressivo descaradamente. O *hard rock* agora é só passado.

Os arpejos — palhetadas que tocam corda por corda — ou dedilhados dos violões de Lifeson conferem um ar medieval às composições. As letras de Peart tratam de mitologia, viagens interplanetárias, federações estelares etc. O clás-

O excelente *Moving Pictures* (81) marca o ápice do virtuosismo e entrosamento da banda

sico "Xanadu" (*Hemispheres*), obra literária transcrita para o pentagrama, é na verdade continuação de "Cygnus X-1" (de *A Farewell To Kings*). Seu verdadeiro nome: *Eggnus X-1 Book Two Hemispheres*. "Tom Sawyer", do *Moving Pictures*, se torna um hino aos fãs.

É ainda nessa segunda fase que Lifeson pesquisa os primeiros acordes com guitarras sintetizadas. Entram em cena o ataque inconfundível de uma Fender Stratocaster e o som exótico das doze cordas de sua Gibson Double Neck. Uma Howard Roberts, também Gibson, acústica e mais comum entre jazzistas, garante o timbre mais intimista. Lifeson busca outras partes do braço da guitarra para digitar suas pentatônicas e várias outras escalas.

Lee se torna demoníaco. Consagra-se como multiinstrumentista. Toca baixo como poucos, canta letras longas complicadíssimas (mesmo sem estrofes). De quebra, "maneja" com os pés um teclado. O que é pior: tudo ao mesmo tempo. A comprovação dessa independência absurda está no vídeo do show *Exit... Stage Left* (81). Lee canta, mexe dedos e pés com o olhar no horizonte, sem pôr os olhos nas cordas ou na pedaleira. É de causar inveja ao melhor dos iogues. Bestial é o adjetivo que melhor qualifica o virtuosismo do trio nos 52 minutos de vídeo.

Com *Signals* (82), outro LP de transição, chega a tecnologia dos seqüenciadores e dos *samplers*. O grupo mostra-se não só progressivo mas também progressista, atento à evolução eletrônica da música. Os teclados tomam conta, jogando muitas vezes a guitarra de Lifeson para o segundo plano. O trio estanca o virtuosismo em busca de novas relações com seus instrumentos. As composições ficam mais curtas.

Lifeson alterna pequenos *riffs* e largas palhetadas em acordes sustentados pelo efeito de seus inumeráveis pedais. Troca solos longos por intervenções mais curtas. Mesmo assim é no *Sig-*

O trio tem uma paixão declarada por tudo que é tecnológico. Num dos discos, eles chegam a agradecer à NASA

nals que está um de seus solos preferidos, o de "Chemistry". Assume definitivamente os arpejos como base de sustentacão para Lee. Nos anos 80, a sobriedade se sobrepõe ao virtuosismo. E a lição vale para o três.

Com *Grace Under Pressure* (83), *Power Windows* (85) e *Hold Your Fire* (87), eles assumem de vez a eletrônica. Arranjos mais simples e temas muito mais tecnológicos, como "Superconductor", de *Presto*. O teclado se destaca como nunca. Peart dá só uma pequena amostra do que é capaz na introdução de "Lock And Key" (*Hold Your Fire*), mas mantém-se linear. Pode-se dizer que o ao vivo *A Show Of Hands*, do início de 89, encerra a terceira fase. O vídeo traz quartoze faixas em 90 minutos de show e inclui o velho clássico "Closer To The Heart". O laser, a iluminação e a animação são um espetáculo à parte.

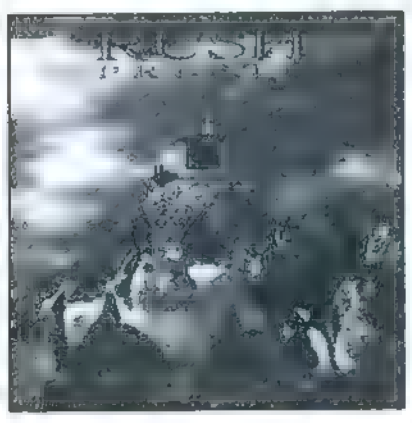
Presto, de dezembro de 89, é a transição da terceira para a atual fase, mas está longe de ser um salto tão abrupto quanto o foram *A Farewell To Kings* e *Signals*. As letras voltam a temas mais humanísticos, como em *Permanent Waves* e *Signals*. É mais roqueiro e incorpora novos elementos aos já presentes em *Power Windows* e *Hold Your Fire*. Segundo Lifeson, em entrevista concedida a *Music Express*, *"Presto* é a volta ao rock mais básico". Segundo ele, o Rush deve ter recuperado agora alguns fãs perdidos durante a fase mais eletrônica.

Baseado num tipo de lógica que vem valendo para a banda durante sua carreira, é possível dizer que *Roll The Bones* é o primeiro disco da quarta fase do Rush. Tem muito do estilo tecnológico da anterior, mas abre de novo espaço para o virtuosismo — "Where Is My Thing" é prova disso. Essas devem ser as duas características marcantes para os próximos trabalhos. Mas tudo isso, em se tratando do Rush, não passa de um exercício de futurologia, já que o trio canadense, a qualquer instante, pode aparecer com uma surpresa.

CÁSSIO LEITE

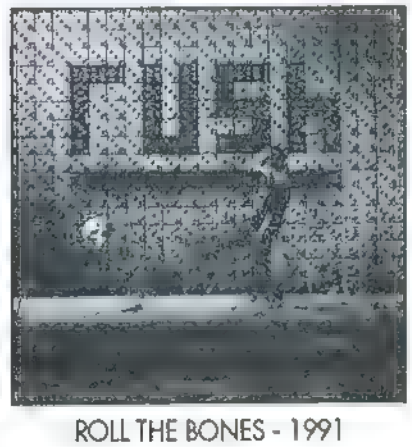
HOLD YOUR FIRE - 1987

A SHOW OF HANDS - 1989



PRESTO - 1989

CHRONICLES - 1990



ROLL THE BONES - 1991

POLVO DE VELOZES TENTÁCULOS

A precisão que Peart imprimiu à arte de tocar bateria é comparável à exatidão que a descoberta do cálculo conferiu à ciência. Ele matematizou a técnica de tocar bateria. Repete ao vivo, exatamente, as passagens sofisticadíssimas de estúdio. Extrai os mesmos timbres e, o que é mais incrível, o mesmo volume. Um polvo de tentáculos precisos e velozes.

Inigualável em criatividade e detentor de uma técnica refinadíssima, é também competente na percussão clássica. De quebra, é intelectual. Lê o tempo todo. Devora de três a quatro livros por semana, o melhor da ficção científica — é autor de pelo menos dois livros desse gênero — e da política. É um individualista radical.

Peart foi eleito pelos leitores da *Modern Drummer*, revista norte-americana especializada em bateria, como "melhor desempenho em estúdio" por seu trabalho em *Signals*. Faturou também "melhor baterista" na categoria rock. Pouco depois, foi elevado ao glorioso *Hall Of Fame*. Hoje, é hors-concours. Votar nele é proibido.

Os ensaios de "Villa Strangiato", na véspera da gravação, decoraram parte de suas articulações doloridas, tamanho o esforço técnico que a música requer. Gravou "Yyz" sem Lee e Lifeson, só com o tic-tac do metrônomo para marcar o andamento. Por outro lado, suas baquetas Pro-Mark 747 traçaram de uma só vez cinco músicas do *Power Windows*.

Seu novo kit, feito sob encomenda, é da Ludwig. Tem tambores pretos, ferragens douradas e pedestais presos ao chão. Lindo. Entre pratos e artefatos para efeitos especiais, são dezoito itens. Usa como prato de condução um Ping Ride, de som inconfundível. Um gongo turco de 26 polegadas completa a parafernália de bronze.

Um kit da marca Tama (modelo Artstar) substituiu o Slingerland, misto gigantesco de bateria e percussão, que pode ser visto em *Exit... Stage Left*. Humano, Peart doou esse verdadeiro colosso orquestral através do concurso de uma revista. A lenda diz que um garoto pobre faturou.

Peart chega aos quarenta anos em 12 de setembro deste ano. Sem dúvida, vai ter muita prece e vela acesa desejando longa vida a esse gênio dos tambores e pratos — para nove entre dez colegas seus, o melhor do mundo.

C.L.

- Trabalhamos com os catálogos anteriores
- Preços válidos até a próxima edição da revista

NEW ROCK

PREÇOS

Manga Curta (MC) Cr$ 30 000,00
Manga Longa (ML) Cr$ 38 000,00
Blusão Moletom (MT) Cr$ 50 000,00
Calça Moletom (CL) Cr$ 46 000,00
Bermuda Moletom (BM) Cr$ 38 000,00
Boné (BO) Cr$ 18 000,00
Manga Curta Simples (MS) Cr$ 22 000,00

- Preços especiais para revendedores
Fone (011) 280-2952

As Bermudas (BM), as Calças (CL) e os Bonés (BO), estão disponíveis na cor preta e nas seguintes referências:
BM_1 - CL_1 - BO_1: Metallica
BM_2 - CL_2 - BO_2: Guns N'Roses
BM_3 - CL_3 - BO_3: Faith No More
BM_4 - CL_4 - BO_4: Iron Maiden
BM_5 - CL_5 - BO_5: Caveiras
BM_6 - CL_6 - BO_6: Skid Row
BM_7 - CL_7 - BO_7: Sepultura
BM_8 - CL_8 - BO_8: Suicidal Tendencies
BM_9 - CL_9 - BO_9: Red Hot Chili Pepper
BM_{10} - CL_{10} - BO_{10}: Ratos de Porão
BM_{11} - CL_{11} - BO_{11}: Slayer

ATENÇÃO!
COMO COMPRAR:

- Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para NEW ROCK: R. Capote Valente, 242 CEP 05409 - São Paulo - SP.
- "DESPESAS DO SEDEX: Devem vir acompanhadas de seu pedido em forma de cheque nominal à NEW ROCK. Os preços médios do Sedex são de Cr$ 8.000,00 (Região Sudeste) e de Cr$ 12.000,00 (Demais Regiões)". Se as despesas forem maiores que os valores acima, a diferença será acrescentada ao valor total a pagar no correio, ou debitada se as despesas forem menores.
- O correio mandará um "Aviso de Chegada" entre 8 a 15 dias, após o envio de sua carta.
- Você tem até 7 dias para retirar o encomenda, após receber esse aviso.

"SÓ ATENDEREMOS SEU PEDIDO SE AS DESPESAS DO SEDEX FOREM ANTECIPADAMENTE PAGAS"

MOD	REF.	COR	TAM.	MOD	REF	COR	TAM

TOTAL DA COMPRA CR$ _____
NOME. _____
END _____
_____ Nº _____
CIDADE _____
CEP _____ EST _____
FONE: _____ RG _____

VIVA UMA EMOÇÃO ATRÁS DA OUTRA.

GRÁTIS:
O PRIMEIRO SUPERPOSTER DA SÉRIE S.O.S. BICHOS

CHEGOU A Nº 2

Viaje com a revista OS CAMINHOS DA TERRA para Queimada Grande, Ganges, Siberia, Raso da Catarina e muitos outros lugares onde a natureza dá espetáculos, a aventura não pára e a consciência ecológica está sempre presente.
Descubra OS CAMINHOS DA TERRA. Uma emoção atrás da outra.

NAS BANCAS

THE ZOMBIES

É um daqueles casos trágicos de rejeição e incompreensão: a reputação do grupo só cresce com o passar do tempo

Eles foram a antítese de um grupo convencional de rock. Sua "experiência" anterior ao primeiro contrato profissional resumia-se a performances esporádicas em pátios de colégios e igrejas; Tinham educação musical formal e nem de longe passaram pelo batismo do inferno dos prazeres e provações comuns às bandas de rock iniciantes.

Uma semana apenas após um teste na Decca inglesa, em 64, os Zombies tinham um contrato e um hit, "She's Not There". Mas, além do hit, foram a banda que produziu a mais sofisticada música pop durante seu tempo de existência, de 64 a 67.

Não se parecia com *nada* feito na Inglaterra ou nos EUA; intuitivamente criaram um som próprio, desenvolvido entre temas jazzísticos e clássicos. Os teclados de Rod Argent, tingidos por *cool jazz* e Bach, guiavam o som da banda. O baixo e guitarra venturosos de Chris White e Paul Atkinson, a bateria virtuosa de Hugh Grundy, que tanto lembrava o jazz da Costa Oeste, mais a voz etérea, suspirante de Colin Blunstone, feito o sopro sussurado de um anjo.

Os Zombies não acharam seu lugar, tornando-se uma espécie de *cult band* quando isso nem sequer existia. Criavam uma música "difícil" para o público adolescente então alvo de todo o grupo de rock, sem suspeitar que jogavam pérolas aos porcos...

A música mais enternecia que empolgava. Emocionava mas não descia ao nível da provocação dos instintos — era música para a cabeça, não para os quadris. A influência direta dos Zombies foi nenhuma: somente anos mais tarde é que idéias testadas por eles foram largamente usadas no que se convencionou chamar de "música progressiva".

Em 67 ganharam um contrato com a CBS inglesa para a gravação do segundo album. O clima era de desilusão, dos dois últimos anos de dificuldades. Gravaram *Odyssey & Oracle*, que muitos críticos, em retrospecto, consideram uma das obras máximas dos anos 60

Completado o disco, os Zombies se separaram. Ninguém entendeu o álbum, que somente por influência de Al Kooper foi editado nos EUA, pelo selo Date. "Time Of The Season", tirada desse LP, foi acidentalmente programada numa rádio americana no final de 68, detonando uma lenta escalada pelos *charts* até se tornar um dos maiores hits de 69.

Tarde demais. Os Zombies já não existiam havia dezoito meses. É aterrorizante pensar que um dos principais grupos dos anos 60 gravou apenas dois LPs no espaço de três anos e acabou. Se isso tivesse acontecido com os Beatles, por exemplo, só os conheceríamos até *Rubber Soul* ..

Dá para imaginar?

RENE FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Time Of The Zombies **(Epic, EUA, 74)**
She's Not There **(Decca, Inglaterra, 81)**
Os dois álbuns são compilações. *Time...*, duplo, traz em um de seus discos *Odyssey & Oracle* inteiro. *She's Not There* compila música dos compactos, inclusive várias e raras gravações em estéreo.

SEJA UM DJ DISCO

A febre disco está tomando as pistas de novo. Saiba como não ficar para trás...

Se o bom e velho Kool And The Gang continua esquentando mais a pista que qualquer lançamento tecno dos últimos seis meses, é o caso de se pensar um pouco. O que faz a pista ferver mais: "Everybody In The Place" ou "Everybody Dance"?

Vamos admitir, a maioria daqueles maravilhosos grooves produzidos entre 75 e 80 continua tendo efeito mortal em qualquer pista. Muitos DJs ingleses (Como Mark Moore, do S'Express, e Dave Dorrell) já estão radicalizando e fazendo do som *disco* o grosso de sua seleção.

Uma outra vantagem é o repertório: tudo já foi lançado, acabando assim aquela paranóia de ter uma novidade importada antes de todo mundo. E é muito mais barato. A seguir sete dicas para ser um perfeito DJ *disco*.

1. Freqüente muitos sebos, é lá que estão todas as raridades que vão entupir sua pista. Se você não conhece bem o repertório, vá comprando tudo que for com a cara. Provavelmente vai achar muita coisa que conhecia de ouvido, mas não lembrava o nome.

2. Entre os poucos lançamentos em catálogo é indispensável ter *Best Of Chic, Jimmy 'Bo' Horne Especial, KC & The Sunshine Band Greatest Hits, Off The Wall* (Michael Jackson), *Shalamar Greatest Hits* e *The Best Of Earth, Wind & Fire*.

3. Esqueça mixagens. Para começar, no tempo da *disco* ninguém se importava com isso. Depois, que simplesmente não vale a pena. A qualidade e volume dos discos varia muito e muitas faixas têm a duração curta demais. Imagine deixar "Daddy Cool" do Boney M sem a introdução!

4. *Disco* é como dance, cheia de subdivisões e vertentes. Aprenda a diferenciá-las e sacar a preferência da sua pista. Por exemplo, lugar onde pega bem *camp* ou *trash disco* (coisas fervidas e engraçadas como Baccara, La Bionda e Charo) nem sempre vinga *soul disco* (coisas sofisticadas, como Evelyn King, Phyllis Hyman e Barry White).

5. Tratando-se de anos 70, o absurdo não tem limite. Mas é preciso saber diferenciar entre um absurdo que cai bem e um absurdo infame. Gretchen pega bem, mas aquela versão *disco* da Quinta de Beethoven não precisa ser recuperada.

6. Por amor à música, evite os remixes que buscam atualizar as pérolas da *disco*. São raros os que dão certo, e, ainda assim, nunca ouvi um que batesse o original.

7. Não diga "eu toco flashback e velharia" e sim "estou só tocando os clássicos da *disco*".

DISCO HITS
O FEIJÃO-COM-ARROZ

(sem essas é melhor nem começar)
"Born To Be Alive" **Patrick Hernandez**
"I Will Survive" **Gloria Gaynor**
"Macho Man" **Village People**
"That's The Way (I Like It)" **KC & The Sunshine Band**
"Zodiacs" **Roberta Kelly**
"Dance Across The Floor" **Jimmy 'Bo' Horne**
"Le Freak" **Chic**
"You Make Me Feel" **Sylvester**
"Boogie Oogie Oogie" **A Taste Of Honey**
"Ring My Bell" **Anita Ward**
"Don't Leave Me This Way" **Thelma Houston**
"Got To Be Real" **Cheryl Lynn**
"Bad Girls" **Donna Summer**
"Staylin' Alive" **Bee Gees**
"Daddy Cool" **Boney M**
"We Are Family" **Sister Sledge**

NAS PISTAS

"Comin' On Strong" **DESIYA** (Mute)
O garage já ultrapassou o tecno no domínio das pistas mais antenadas. Com faixas excelentes como essa, é fácil de entender por quê.

"Can You Handle It?" **DNA feat. SHARON REDD** (EMI)
Tacada de gênio! Um clássico dos clubes todo retrabalhado em língua garage. Inclui remixes de Maurice Joshua e E-Smoove, discípulos do mestre Steve 'Silk' Hurley.

"Don't Lose The Magic" **SHAWN CHRISTOPHER** (Arista)
Groovíssimo remix por David Morales para uma das grandes divas do garage. Hit certo e aquele impacto no baixo.

CAMILO ROCHA

PARADA

Inglaterra Music Week 25/4/92

"On A Ragga Tip" SL2 *XL*
"Do You Want It Right Now" DREGREES OF MOTION feat. BITI *ffrr*
"Groovy Beat" DOP *Guerilla*
"So Right" K-KLASS *Deconstruction*
"Take Me" DREAM FREQUENCY feat. DEBBIE SHARP *Citybeat*

EUA Billboard 2/5/92

"Workout" FRANKIE KNUCKLES feat. ROBERTA GILLIAM *Virgin*
"Nu Nu" LIDELL TOWNSELL *Mercury*
"I'm The One You Need" JODY WATLEY *MCA*
"Take Me Back To Love Again" KATHY SLEDGE *Epic*
"Lift Every Voice" MASS ORDER *Columbia*

PERDER ESSA VAI SER UM HORROR!

A revista *TERROR E FICÇÃO* está chegando com os filmes mais assustadores e incríveis que vão pintar nas telas. *Batman o Retorno*, com a fantástica Michelle Pfeiffer no papel de Mulher Gato. *Hellraiser III*, a vingança de Pinhead que vai deixar você tremendo. E tem muito mais na revista *TERROR E FICÇÃO*. Perder essa vai ser um horror.

AO VIVO

FREDDIE MERCURY TRIBUTE
Wembley Arena (Londres)

Fotos LFI

Freddie — com seu amor pelos grandes prazeres da vida — provavelmente não se interessava por números, mas os deste show — o maior desde o *Live Aid* — sao assustadores. Um bilhão de telespectadores em 70 países. Ingressos esgotados em 3 horas, show organizado com dez semanas. Cinco mil luzes, 175 microfones, 500 banheiros, 15 mil cachorros-quentes, 100 mil camisetas. E dez milhões de pessoas contaminadas pela Aids ao redor do mundo.

"Mamma, just killed a man..." A multidão arrepia quando ouve A Voz e vê Brian May, Roger Taylor e John Deacon entrando no palco. O show mal tinha começado e já tinha gente de olhos vermelhos... e isso no camarote dos jornalistas!

É engraçado ver alguém aqui como James Hetfield, cujas opiniões racistas e antigay são bem conhecidas. (Talvez Freddie Mercury, assistindo lá do céu, tenha sido mais tolerante em seu julgamento. Afinal, o Queen tocou na África do Sul no auge do apartheid e parece ter sido "perdoado".) Se bem que isso não é nada perto do Guns N'Roses. Mas talvez a entrevista recente onde Axl conta detalhes escabrosos de sua infância o tenha redimido... E o Guns nos trouxe alguns dos melhores momentos do dia.

Brian May enlouqueceu! Ele está elogiando o Extreme, "a única banda que entende o que foi o Freddie e o Queen... "

O quê!! Quem salvou o momento foi um sósia de Freddie — de bigode, camiseta e gestos grandiosos — no meio do público. Já o Def Leppard — a banda mais chata do mundo — conseguiu apenas ser insignificante. O que eles tocaram? Não sei, aproveitei para visitar um dos 500 banheiros.

O Spinal Tap é uma das melhores bandas do planeta. Por quê? Porque

são uma piada! O problema é que tem gente — como o Def Leppard e seus fãs — que não entende a gozação. Mas mal mesmo ficou o U2, com "Until The End Of The World" via satélite, gravado na noite anterior. Ninguém deu a mínima. Até que a Elizabeth Taylor, resplandecente em seu kitsch hollywoodiano, fez seu discurso: "Não importa o tipo de sexo. USE UMA CAMISINHA!" Milhões aplaudiram.

O verdadeiro espetáculo começou quando o sol abaixou, as luzes se acenderam e deram início ao maior karaokê de celebridades já visto. Com Brian, Roger e John fornecendo a música, e o maior entra-e-sai da história do rock. Joe Elliot canta "Tie Your Mother Down" e Roger Daltrey mostra que ainda sabe rodar o microfone com "I Want It All" toda pesadona. A presença de Zucchero provocou perguntas como: o que este italiano está fazendo aqui, e por que ele está cantando em espanhol? Quando vejo Gary Cherone voltando, já tapo os ouvidos. Sim, ele destrói "Hammer To Fall", mas em compensação, James Hetfield mostra que sabe cantar em "Stone Cold Crazy". Só não sabe mesmo o que fazer com as mãos quando não tem uma guitarra para segurar.

O Deus do Sexo, Robert Plant, apesar dos problemas iniciais com o microfone, bota fogo no estádio com "Innuendo" e "Crazy Little Thing Called Love" , em versões *muito* pessoais. A hora dos isqueiros chegou com "Too Much Love Will Kill You" (será que ninguém pensou no mau-gosto deste título?), uma composição de Brian May. Se é nesse tipo de coisa que ele vai desperdiçar seu talento agora que Freddie se foi...

"Radio Ga Ga" com Paul Young é de dar medo; 71 999 pessoas batem palmas coreografadas. Não faz muito tempo que esse tipo de coisa era comum na Alemanha.

Seal, parecendo Jazzie B. de terno e óculos, tenta não fracassar com "Who Wants To Live Forever". Mas o humor volta com Lisa Stansfield de robe e aspirador de pó (se bem que Freddie ficava melhor de saia, brincando de dona de casa prestes a soltar a franga). Annie Lennox chamou a atenção pela maquiagem e vestido: dentro do estádio, porém, ninguém conseguiu ouvir sua voz no dueto de "Under Pressure" com Bowie.

Depois de uma "All The Young Dudes" maravilhosa — que bom ver Ian Hunter e Mick Ronson — e *Heroes* (nunca mais ia cantar esta música, hein, Mr. Jones), David Bowie ajoelha e reza o Pai Nosso. Seu erro foi mencionar palavras com tentação e pecado, num evento relacionado a Aids.

George Michael ainda é amado pelo público. Pudera... ele não só dá um belo exemplo do que é o "soul-de-olhos-azuis" num dueto com Lisa Stansfield como também canta uma versão perfeita de "Somebody To Love". Em seqüência é a vez de Elton John, com cabelo novo e uma "Bohemian Rhapsody" uma oitava abaixo do original. Axl Rose veio salvá-lo com seu mais belo falsete, em meio à explosão e ao gelo seco. Para mim, Guns N'Roses é a banda mais convencional do planeta, mas hoje eles não dão um fora: "We Will Rock You" com Axl é perfeição pura.

Teve gente que não entendeu a presença de Lisa Minelli, mas a cantora era idolatrada por Mercury... e com aquela voz "We Are The Champions" virou um cabaré, completado pela volta de todos os artistas ao palco, estilo "vamos-nos-abraçar-o-mundo-está-nos-assistindo". Quando finalmente os alto-falantes tocam "God Save The Queen", não há lenço seco no estádio.

Mas as lágrimas derramadas em Wembley são de pena, essa emoção tão barata e fácil. No final, quem mais chegou perto da "verdade" foi Sir Bob Geldof. Perguntado se este evento mudaria a atitude das pessoas em relação à Aids, sua resposta, curta e direta, foi "Não".

ANAMARIA G. DE LEMOS

Bono pára no meio da passarela erguida entre o palco e a meiúca do ginásio, agarra num golpe só a câmera de vídeo que sobrevoa sua cabeça, montada numa minigrua, e tasca-lhe um beijo na lente. O beijo molhado é transmitido, ao vivo, para setenta monitores espalhados pelo Los Angeles Sports Arena, elevando em algumas dezenas de decibéis a zoeira que já tomava conta do ginásio. Ato contínuo, Bono faz a câmera mover-se para baixo, até que seu pélvis — envolto numa apertadíssima calça de couro — preencha todo o espaço das telas.

"Estou me sentindo como se fosse Tom Jones", diz Bono enquanto a banda, no palco, toca "Until The End Of The World". "Edge, vem para cá, vem ser Engelbert (Humperdinck)."

Mais tarde, toda banda sobe num palquete mínimo, montando em meio ao público, e faz um set acústico, iniciado com "Angel Of Harlem" e encerrado (explode, coração) com "Dancing Queen", do ABBA! Adeus, U2, bem-vindo de volta. Estávamos com saudade.

Se nos anos 80 o U2 era o estandarte do rock cheio de razão, talvez a banda mais cagadora de regras do final da década (ou seria apenas Bono o pregador de sermões?), a hibernação pós-*Rattle And Hum* resultou num insuspeitado senso de humor, acima de tudo.

Nisso, o U2 deixou de lado sua postura de Verborrágico Guardião da Verdade e voltou a ser uma banda de rock com muito a dizer

Quando Bono vira-se para uma das paredes de monitores e acena para ele mesmo, filmado mais jovem e, talvez, mais idealista, no mesmo cenário onde fotografaram a capa de *The Joshua Tree*, ele está caindo dos céus, de boca na real E, de certa forma, na farra.

Se no passado ele engrenava um discurso sociopolítico antes de cantar, agora ele chega no palco vestido de lamé prateado dos pés à ca-

beça, trazendo debaixo do braço um enorme espelho. A banda começa a tocar "Desire" e Bono se beija no espelho, dizendo "you're fucking beautiful".

Não que inexistam momentos em que se teme uma "recaída". Um frio percorre a espinha na hora em que ele pega um telefone, disca, e pelo P.A. ouve-se a telefonista dizendo "Casa Branca, boa noite". Lá vem discurso? Não, exatamente, como logo se verá. Bono quer falar com o presidente e insiste duas, três vezes, sabendo, logicamente, que em Washington já passa das onze da noite. Antes que a telefonista desligue na sua cara, Bono sai-se com um pseudo-indignado "você sabe com quem está falando?".

Edge explicaria o conceito da curta turnê *Zoo-TV* — que percorreu os Estados Unidos de 29 de fevereiro a 23 de abril — como sendo uma superdose de informação. Está certo: enquanto a banda toca, são transmitidos nos monitores slogans, palavras de ordem e frases desconexas (a mais memorável é TUDO QUE VOCÊ SABE É ERRADO). O próprio Bono manipula parte das imagens com um controle remoto, acessando canais de satelite e misturando tomadas da banda tocando com programas de pescaria ou vendas. O uso do vídeo, entretanto, por mais rico e inebriante que seja seu conteúdo, não distrai do principal, da música.

Como banda, o U2 está afiadíssimo e, surpreendentemente para veteranos, com uma tremenda fome. Como antecipado em *Achtung Baby*, a banda despiu a casca antiga, se reinventou, e quer ser reconhecida nesses novos termos. Prova dessa coragem (ou será apenas cansaço das músicas antigas?) foi a organização do repertório do show, restrito apenas aos últimos três álbuns da discografia da banda, com nada menos que oito faixas de *Achtung Baby* abrindo os trabalhos.

Como show, é impecável e eletrizante, de longe o melhor espetáculo de rock do ano, até agora.

JOSE EMILIO RONDEAU

Ru Mendes Azu

TITÃS
Olympia (SP)

A pista do Olympia está quase lotada de pessoas que pulam, cantam, dançam e se acabam em aplausos ao fim de cada música. E ainda não são os Titãs que estão no palco.

Quem anima a galera e esquenta o ambiente é o Moleque de Rua. Muito mais coesos e precisos do que sempre foram, eles conseguem vencer o som merreca . Facilmente convencem a platéia de que é possível se divertir ao som de latas enferrujadas e tubos de PVC.

O público, que já era grande, parece duplicar para a entrada dos Titãs.

Um fundão de veludo (?) vermelho vivo e luzes em torno do branco emolduram as silhuetas da banda. Plasticidade nota dez. E o som, que na apresentação do Moleque fora tímido, explode em decibéis.

Aí acontece o fenômeno: a platéia composta de 99,99% de Mauricinhos e Patricinhas começa a bater cabeça e a ensaiar uma *slam dance*. Socorro! Os caras são dez vezes mais violentos e despreparados do que um headbanger tradicional!

O radicalismo dos Titãs é esse mesmo — infantilóide e próprio para boyzinhos e intelectuais desavisados. Mesmo que o show esteja bem legal, com o repertório do disco *Tudo ao Mesmo Tempo Agora* predominando, o que salta aos olhos é a ausência da pretendida e necessária fúria adolescente. Dá na cara que os Titãs são pais de família razoavelmente bem na vida, tentando resgatar alguma coisa que perderam pelo caminho.

Também não dá para execrar os caras por fazerem o que bem entende. Pelo menos eles alargam as fronteiras do pop para terrenos bem mais pesados. Eles fazem uma espécie de jornalismo musical que traduz as notícias frescas do mundo civilizado. Chamem isso de plágio — ou inspiração, se quiserem.

Branco, Arnaldo, Miklos, Nando e Brito vão revezando os vocais e os velhos hits se misturam ao novo repertório. A massa delira. De verdade.

Uma hora e tanto depois o que era legítima diversão começa a chatear. A mim, não ao público que se mantém fiel da primeira música até a o último bis.

Entre uma sessão de aplausos frenéticos e outra, os Titãs dão a sua réplica tocando o pau na imprensa que não gostou do último disco deles. Cada um fala mal de quem quiser. É assim mesmo: nao gostou, toca o pau. No futuro vai ser uma tropa de velhinhos caquéticos xingando uns aos outros.

Eu, que não nasci ontem, me dei por vencido após o terceiro retorno dos Titãs ao palco. Encaminhei-me para o aniversário do João Gordo, do Ratos de Porão, no Retrô.

E é exatamente nesse buraco escuro que a charada é morta. O Yo-Ho-Delic toca e espanta os maus espíritos com seu funk temperado de Hendrix e toda aquela fúria que faltava aos Titãs. E eles, a exemplo do Sepultura, provavelmente gostam dos Titãs, que, por sua vez, apadrinharam o Moleque de Rua (o baterista Charles Gavin produziu o disco deles). Assim é a vida, rapaziada!

CARLOS EDUARDO MIRANDA

KREATOR
Auditório Araújo Vianna (P. Alegre)

"Qualquer Roxette da vida toca no Gigantinho." Partindo desse princípio, um show de trash metal só pode ser realizado no Araújo Vianna.

Tudo bem, afinal trata-se de um auditório ao ar livre (o que quer dizer sem cobertura), com um astral ótimo etc. O único problema é que sempre chove nos dias de show. E o Kreator não foi exceção.

Começou com duas horas e um dia de atraso, já que a data inicialmente prevista era domingo, dia 12. Motivo, a chuva. O Leviaethan abriu a noite baixando a lenha e levantando os ânimos para a atração seguinte.

Quando o Kreator subiu ao palco o clima era algo assim como "Esqueça tudo o que você aprendeu sobre a civilização ocidental. Estamos de volta à barbárie". Iniciaram com "Terror Zone", do último disco, "Coma Of Souls" e depois vieram "Betrayer", "Some Pain Will Last", "Extreme Agression" e "People Of The Lie". Ficou evidente que o repertório de *Coma Of Souls* funciona melhor ao vivo.

Ao vivo, aliás, a performance do grupo foi prejudicada pelos bangers que insistiram em invadir o palco e fazer seu próprio show. A confusão chegou ao ponto que, nos dois últimos números, "Endless Pain" e "Tormentos", já não se via mais os músicos e sim uma multidão. Viadagem era pouco. Ainda assim o saldo foi positivo. O Kreator veio a Porto Alegre e arrebentou.

GILSON R. DA ROSA

CASSIANO
Sesc Pompéia (SP)

Não dá para dizer que este foi um dos melhores shows que já vi na vida. Mas, com certeza, foi um dos que fiquei mais feliz por ter visto. O som da choperia do Sesc Pompéia é do tipo churrascaria e a iluminação digna de beira de estrada. A disposição das mesas faz com que apenas um terço do público consiga visualizar o palco de um ângulo decente. E lá em cima estava uma lenda! O cara que inventou o soul brasileiro e inspirou Tim Maia e Ed Motta.

Depois de um jejum musical de mais de uma década, Cassiano foi "ressuscitado" num disco quase armação, no qual apitou pouco, cheio de convidados à sua revelia. Mesmo assim seu gênio resistiu e o resultado acabou acima da média dos lançamentos do ano passado.

Agora, vendo o cara ao vivo, dá uma dor no coração de não lhe terem dado uma oportunidade de fazer um disco exatamente como lhe aprouvesse. Seu set é emoção, simpatia, simplicidade e sofisticação. Cassiano reconstrói música por música em direções inusitadas, transfigurando hits como "Primavera" e "A Lua E Eu" de maneira sublime. As misturas malucas, que tinham tudo para ser esquizofrênicas, não são.

A platéia parece chapada de tanta surpresa. Ninguém se arrisca a cantar junto, mas todos explodem em aplausos ao fim de cada canção, deixando Cassiano, que não fazia show desde outubro do ano passado mesmo tendo lançado disco, reluzente de felicidade.

Ele retribui exibindo sua voz entre tímida e exuberante apesar da tuberculose ter lhe arrancado um pulmão.

Resta torcer para que seu contrato com a Sony, que vence em maio, seja revisto ou que lhe dêem uma nova oportunidade de registrar em vinil sua verdadeira face.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

MARCELO NOVA
Kripton Dance (Salvador)

Tudo parecia irremediavelmente desfavorável. O disco *Blackout* sequer podia ser encontrado numa das lojas da cidade. Uma única emissora de rádio dedicada ao rock, a 96 FM, tocava insistentemente as canções do elepê, destoando da total indiferença da mídia local diante da volta do filho-pródigo — e rebelde.

O próprio Marcelo Nova estava há três anos afastado dos palcos locais e, depois da dissolução do Camisa de Vênus, nunca se apresentara sozinho na cidade — já que, da última vez, trouxe o legendário Raul Seixas.

Mas em se tratando de Marcelo Nova tudo poderia acontecer — e realmente aconteceu. Foi a mais soberba aula de rock'n'roll dos últimos anos por estas plagas, deixando 1 200 embasbacados fãs literalmente de quatro diante das reinterpretações fulminantes de *hits* do Camisa de Vênus, como as recauchutadas *Beth Morreu* (numa estraçalhante versão *bluesy*), *Controle Total* (incluída no repertório apenas para shows em Salvador); composições em parceria com Raul Seixas; e as novas, como *Robocop*, *Deixe Eu Por Meu Carro* ou *Quando Eu Morri;* sem contar com novas leituras para músicas de Raul, Lou Reed, Bob Dylan e Clash.

Menos discursivo, Marcelo só convocou a platéia para uma reflexão uma vez, pregando que a renovação do rock já deve estar ocorrendo em algumas garagens deste país.

Blackout lavou a alma de quem imagina ser Salvador a cidade do axé, a cidade do horror — como diagnostica *Controle Total*. Ao final, uma horda de dezenas de garotos esperava a saída do ídolo às 4h30min da manhã. Queria falar, tocar o cantor, pedir autógrafos. Houve quem chorasse. Houve também quem andasse de joelhos, para uma saída meio constrangida e meio satírica de Marcelo diante da cena: "Vocês estão pensando que sou o Senhor do Bonfim?", brincou.

LUÍS CLÁUDIO GARRIDO

LITTLE VILLAGE
Pantages Theatre (Hollywood)

O único cenário eram as pilhas de amplificadores médios, amontoados um em cima do outro. Como se alguém estivesse dizendo (como se fosse preciso) que o papo ali seria musical, e não visual.

De fato, a hora e meia de show do Little Village — uma passagem única por Los Angeles, num teatro de tamanho semelhante ao do Carlos Gomes, no Rio de Janeiro — foi uma jornada exclusivamente musical das mais nutritivas e gratificantes.

O currículo dos senhores que formam o "supergrupo" não poderia deixar supor o contrário. É uma verdadeira cartilha pop/rhythm and blues/rock que cobre desde a Plastic Ono Band e chega até a fronteira da Califórnia com o México. Uma mistura dos talentos de Ry Cooder, John Hiatt, Nick Lowe e Jim Keltner é o sonho de qualquer um que já tenha sido exposto às carreiras individuais dos músicos ou ao álbum *Bring The Family*, de Hiatt, o catalisador da banda. Até aí, tudo mais do que esperado.

A surpresa fica por conta da química da banda ao vivo, já que o álbum resultante da colaboração acaba sendo, de certa forma, frustrante. Num palco, a banda provoca faíscas que o disco nem sugere, injetando vigor maior ainda em canções como "Inside Job", "Don't Think About Her While You're Trying To Drive" e "The Action". E nunca é demais rever Cooder arrancando harmonias inebriantes.

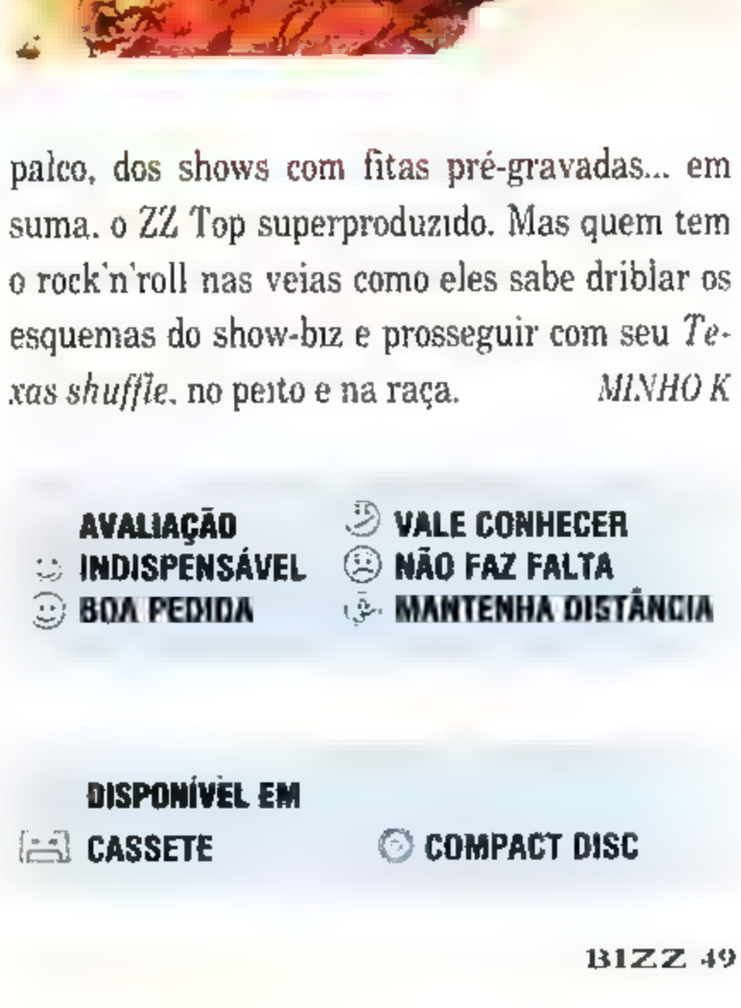
JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

DISCOS

ZZ TOP

Greatest Hits

(Warner)



O melhor *boogie* texano do planeta é feito por três *muchachos* chamados Billy Gibbons (guitarra/vocais), Dusty Hill (baixo/vocais) e Frank Beard (bateria). Barbudos — com exceção do batera, apesar do sobrenome —, feios, sujos, malvados, chauvinistas... Com toda essa fama a acompanhá-lo, o trio sempre teve uma imensa e fiel legião de fãs de suas estripulias, dentre os quais me incluo com louvor.

Afinal de contas, toco em uma banda que se chama 3 Hombres (uma alusão ao nome do terceiro álbum do ZZ Top) e, sem querer me gabar, tenho uma guitarra Gibson Firebird igualzinha a do Billy Gibbons. Mas longe de mim a pretensão de chegar aos pés do mestre, que em 68 já era elogiado até por Jimi Hendrix — quando sua banda de então, Moving Sidewalks, abriu um show do Experience

Dois anos depois, Gibbons estava ao lado de Hill e Beard (egressos do American Blues), lançando o *ZZ Top's First Album*, com a produção do "quarto hombre" e perene colaborador, Bill Ham. Era o início de uma série de (apenas) dez albuns em 22 anos de carreira, que foram suficientes para celebrizar definitivamente a pauleira rústica do trio.

Esta trajetória poderia ser dividida em duas fases distintas. A primeira engloba os cinco primeiros LPs, em que o grupo fazia um som mais basico, pautado quase que exclusivamente no trinômio guitarra/baixo/bateria. Para quem não possui os discos, esta fase está bem sintetizada na coletânea *The Best Of ZZ Top* (77).

No caso deste *Greatest Hits*, a seleçao centra-se no período posterior do trio, quando sua música se diversificou com a incorporação de itens como metais e sintetizadores, mesmo sem perder sua raiz. Somente a impagável "La Grange" (sobre um famoso prostíbulo texano), do disco *Tres Hombres* (73), e "Tush", faixa que encerra o álbum *Fandango!* (75), representam a fase inicial do ZZ Top.

A grande parte do repertório desta coletânea abrange gravações feitas entre 79 e 90, com duas faixas inéditas: "Gun Love" e a versão para o velho hit de Elvis "Viva Las Vegas", alem de uma nova gravação de "Legs" (do álbum *Eliminator*, de 83). Esta última, como "Gimme All Your Lovin'" e "Sharp Dressed Man", talvez sejam até mais conhecidas pelos clips cafajestes do trio, nos quais eles sempre aparecem cercados de carangos incrementados e mulheres gostosonas. Canções retiradas dos álbuns *El Loco* (81), *Afterburner* (85) e *Recycler* (90) completam a seleçao, que na versão em CD e cassete aparece com quatro faixas bônus.

Portanto, o ZZ Top apresentado aqui é aquele de encher arenas, de levar gado e cactus para o palco, dos shows com fitas pré-gravadas... em suma, o ZZ Top superproduzido. Mas quem tem o rock'n'roll nas veias como eles sabe driblar os esquemas do show-biz e prosseguir com seu *Texas shuffle*, no peito e na raça. *MINHO K*

AVALIAÇÃO
INDISPENSÁVEL
BOA PEDIDA
VALE CONHECER
NÃO FAZ FALTA
MANTENHA DISTÂNCIA

DISPONÍVEL EM
CASSETE
COMPACT DISC

D

TORI AMOS

TORI AMOS
Little Earthquakes
(Atlantic/Warner)

Há muitos e muitos anos atrás, meninas e meninos, havia uma moça loura muito talentosa chamada Joni Mitchell. Voz trêmula e expressiva, dedos deslizando sobre o piano e, eventualmente, o violão, esta nativa do Canadá, expatriada em Los Angeles, cantava com rara sensibilidade sobre As Coisas Que Realmente Eram Importantes: a solidão intrínseca do ser humano, as cruéis ironias da condição feminina. Sua base de operação era o folk, como já exercitado por outras moças talentosas de voz trêmula. Mas como sua curiosidade era bem maior a que de suas antecessoras, muito rapidamente Joni Mitchell interessou-se por jazz e blues e, até mesmo, uma salada rítmica que ainda não tinha nome naqueles remotos anos 70 mas que, uma década depois, seria "world music".

Ou talvez eu devesse começar assim. Há ainda mais e mais anos e anos havia uma outra moça, talentosa chamada Laura Nyro. As diferenças seriam suas informações básicas, e o caminho que ela percorreu: do jazz ao pop, desta vez. E o fato de que Laura estava uns bons dois ou três degraus acima (ou abaixo?) na exploração dos desvãos sombrios das Coisas Que Realmente São Importantes.

O que nos leva a Tori Amos, 28 anos, moça ruiva e talentosa, expatriada de sua nativa Carolina do Norte para Londres dos anos 90 (depois de uma estréia que se pareceu mais com uma implosão que com uma fanfarra: o equivocado álbum *Y Kant Tori Read*, de 88, que se inclinava mais para as tolices de Pat Benatar que para as meditações de Mitchell/Nyro). Em síntese, tudo o que foi dito nos parágrafos anteriores se aplica a Amos, com um detalhe: o universo em que a condição feminina se movimenta, agora, é bem mais complexo que o de suas antecessoras.

Quando Amos descreve uma curra em "Me and a Gun" , ou quando debate entre sexualidade e carinho em "Leather" ela está falando de um mundo mais cruel e implacável com moças tímidas: as musas de Amos devem fazer passeata pró-aborto, enquanto debatem o caso Anita Hill e se angustiam com a possibilidade de um teste de Aids.

ANA MARIA BAHIANA

HEAVY D & THE BOYZ
Peaceful Journey
(MCA/BMG-Ariola)

DJ JAZZY JEFF & THE FRESH PRINCE
Homebase
(Jive/BMG-Ariola)

O rap classe média — legitimamente negro, mas leve e de temas pouco radicais — é uma das tendências mais fortes e rentáveis nos EUA. Mas em geral seus álbuns são puro tédio e redundância, com um hit só tentando segurar a onda (Heavy D com a irritante "Now That We Found Love" e Jazzy Jeff com a inspirada "Summertime"). *C.R.*

ERIC CLAPTON
Rush
(Reprise/Warner)

Esta trilha sonora de Clapton está mais para os temas inócuos das duas versões de *Letal Weapon* (de 87 e 89, respectivamente) do que para os inspirados temas que o guitarrista fez para *Homeboy* (87).

O primeiro lado, com canções do filme, traz divagações guitarrísticas sobre uma base de três (!) tecladistas — incluindo Chuck Leavell, que já tocou com os Stones —, mais orquestra e pouquíssima consistência musical.

O outro lado apresenta "Help Me Up" (com um bom riff, e só), o hit réquiem para seu filho, "Tears In Heaven", e a salvadora da pátria: "Don't Know Which Way To Go", com voz e guitarra de Buddy Guy. Mas aí também já é covardia. *C.P.*

TRACY CHAPMAN
Matters Of The Heart
(Elektra/Warner)

Uma grata surpresa esse terceiro álbum de Tracy. Sem introduzir nenhuma grande inovação no seu folk pop de protesto, ela conseguiu fazer um disco agradável, gostoso de ouvir do começo ao fim. Os maiores responsáveis por isso são os arranjos caprichados de cordas e percussão, que contam com ajudas para lá de luxuosas de Vernon Reid, do Living Colour (guitarra em três faixas) e Bobby Womack (violão em duas).

Esse cuidado com o lado musical serve para compensar a chatice das letras politicamente corretas da cantora — um pouco mais moderadas neste LP, em que não se encontra nada tão insuportável quanto "Freedom Now", faixa de *Crossroads*, o disco anterior. Parece mesmo que ela se esmerou em não repetir erros do passado: nenhuma faixa aqui lembra a xaroposa "Baby, Can I Hold You Tonight", seu último hit.

Por outro lado, referências a "Fast Car" (o megahit que a projetou em 88, e até hoje sua melhor música) são fáceis de encontrar. O exemplo mais óbvio é "Bang Bang Bang", um épico social que está entre as melhores faixas do LP.

Um pouco atrás, mas ainda acima da média, estão "Short Supply", a "I Used To Be A Sailor" e "Woman's Work" (com uma bela introdução de bandolins). Nada mal para quem parecia eternamente condenada ao título de Tracy "Chata". *M.A.G.*

GUILHERME ARANTES
Crescente
(EMI-Odeon)

Mesmo trabalhando com a moçada do Barão Vermelho em "Taça De Veneno" e baseando-se em Prince para compor "Amigas", Guilherme Arantes ainda continua no time da MPB. *Crescente* traz algumas faixas híbridas de soul e tecnopop com arranjos dos mais descompromissados possíveis. E segue assim quase até o fim, quando aparece "Sob O Efeito De Um Olhar" — tão inspirada que nem um sax chato entrecortando consegue estragá-la. *J.J.E.S.*

QUEEN, CINDERELLA, JIMI HENDRIX ALICE COOPER E OUTROS
Wayne's World
(Warner)

Trilha do filme-mania *Quanto Mais Idiota Melhor*, besteirol *banger* à la Bill & Ted. *Mezzo* clássicos setentistas, *mezzo* lixo poseur, como convém. Mas ficou faltando um pouco de sangue. "Bohemian Rhapsody" do Queen, "Foxy Lady" de Jimi Hendrix e "Time Machine" do Black Sabbath são aquela maravilha, clássicos de chorar. Daí tem aquela tralha toda: Cinderella, Bulletboys e tal (incluindo a meia-boca "Feed My Frankstein", do penúltimo LP do Alice Cooper). Mas o pior é a havaiana tesão Tia Carrere, que trabalha em *Wayne's World*, estraçalhando "Ballroom Blitz", do Sweet. Veja o filme, não compre o disco. *A.F.*

ADAMSKI
Naughty
(MCA/BMG-Ariola)

Depois que fez a maravilhosa "Killer", o tecladista/produtor inlgês Adamski não precisava fazer nada mais de bom — tirando "Space Jungle" não fez mesmo.

Este terceiro álbum continua sem acrescentar nada a sua reputação. As atrações aqui são os convidados famosos (Nina Hagen, o rapper do KLF, Ricardo, o Soho, o produtor Youth e até o PIL) e os delírios pela tecnologia de estúdio. Os problemas: não há uma música que fique na memória (a melhor é "Get Your Body!", com Nina) e a repetição de um timbre de teclado etéreo em quase todas as faixas do álbum *C.R.*

SOUP DRAGONS
Hang-Ten!
(Sire/Warner)

Pode? Um monte de coisas boas nunca saem no Brasil, mas um grupelhinho cuja única contribuição de peso foi uma cover legal de Stones, tem toda sua discografia lançada aqui (menos o último *Hotwired*). Este disco é uma edição americana com o EP inglês de mesmo nome e os primeiros singles. A música é uma cópia descarada mas bem-feitinha de Buzzcocks (a faixa-título) e várias cópias dessa cópia. E a psicodelia de *This Is Our Art*? E o indie-dance de *Lovegod*? Esqueça Bowie, os SDs são os camaleões do rock. Só que ruins. *C.R.*

THE JESUS AND MARY CHAIN
Honey's Dead
(Blanco Y Negro/Warner)

Alegrai-vos, seguidores da distorção e adoradores da microfonia. Jesus voltou! Mais de dois anos sem lançarem nada novo (sem contar a cover presente na coletânea *The Last Temptation Of Elvis*), não fizeram os irmãos Reid distanciarem-se de seu som. Prova disso é o tão esperado novo álbum, cujo título alude à "Just Like Honey". Nesse intervalo, puderam comprar um estúdio e incorporar influências das novas bandas *indie* inglesas (quase todo o disco traz o baterista do Curve), além do agora cult som de Seattle. Em *Honey's Dead* a microfonia é atenuada, mas a guitarra motoserra característica do JAMC comparece sempre. "Sugar Ray" e "Rollercoaster" (esta batiza a turnê com eles, My Bloody Valentine, Dinosaur Jr e Blur) são os exemplos mais óbvios. E, por mais que esses glasgonianos digam o contrário, a postura autodesintegradora continua forte. Em "Reverence" a morte vira hino: "Quero morrer como Jesus Cristo/quero estar numa cama de pregos/quero morrer num dia de sol/quero morrer como JFK". *J.J.E.S.*

LITTLE VILLAGE
(Warner)

Os anos 60 e 70 foram coalhados de supergrupos movidos a ego e badalação. O aspecto musical da equação era, digamos, quase incidental.

O Little Village foge a essa regra. É um supergrupo movido a música, reunindo as habilidades e as idiossincrasias musicais de um butantã de veteranos: os guitarristas Ry Cooder e John Hiatt, o baixista Nick Lowe e o baterista Jim Keltner.

Esse conceito "novo" resulta num álbum desigual e, de certa forma, frustrante, porque a soma dos fatores acaba não sendo tão estimulante quanto o que cada um dos músicos já fez ou ainda é capaz de fazer sozinho. Mas não entenda errado: *Little Village* é um disco bem mais nutritivo do que a maioria das prafrentices fast food que existem por aí.

Formada, em princípio, para a gravação do álbum *Bring The Family*, de Hiatt, a banda ressurgiu agora com vida própria e com um repertório que combina bem a visão de música fronteiriça de Cooder, o blues sulista de Hiatt, o pop bretão de Lowe e a fábrica de ritmos elegantes de Keltner (aliás, a estrela da banda). São veteranos cuja vaidade somada ocupa um décimo da cabeça de um alfinete, se tanto: é um disco prazeiroso, que deve, sobretudo, ter divertido seus criadores.

Não há uma personalidade predominante aqui, mesmo porque a mescla é absoluta. Das energéticas "She Runs Hot", "Don't Bug Me When I'm Working" (uma homenagem a Sonny Boy Williamson, de quem tomaram emprestado o nome da banda) às plangentes "Don't Think About Her When You're Trying To Drive" e "Fool Who Knows".

Se existe uma música, porém, que sintetiza o Litle Village essa é "Inside Job": um balanço diabólico polvilhado de fraseados de guitarra provocantes e ricos. Keltner e Lowe criam um "chão" que se move com a potência de uma locomotiva, enquanto Cooder desfia riffs de slide guitar cortantes e Hiatt demonstra sua ligação quase mediúnica com as frases de guitarra do *bluesman* Howlin' Wolf.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

FISH
Internal Exile
(Polydor/PolyGram)

Não adianta nem ficar falando que o Fish é um tremendo baba-ovo do Peter Gabriel, que ele imita o Genesis antigo, coisa e tal. Quem gosta desse cara sabe disso e parece não se importar. Eles querem mesmo é ter sempre músicas iguais às outras para "variar" o repertório do toca-discos. Também não é desmérito nenhum fazer tudo sempre igual. Os Ramones vivem disso e são muito legais. Bem, se você é um desses maníacos, corra para comprar esse disco. Tem tudo que você imagina. Ou espere pelo novo do Osvaldo Montenegro, que deve ser tão chato quanto! *C.E.M.*

MR. BIG
Lean On It
(Atlantic-Warner)

Macaco velho não mete a mão em cumbuca. Mas é exatamente o que está fazendo o baixista Billy Sheehan, veterano quatro cordas de bandas como a de David Lee Roth, agora capitaneando o Mr. Big — uma banda pretensamente inspirada em blues elétrico e em boogie, mas que parece nunca ter sido formalmente apresentada a nenhum dos gêneros. Se coubesse um termo de comparação, é um híbrido de Badfinger e Mr. Mister com um guitarrista simostral (e bom pacas), Paul Gilbert. Na ânsia de acertar num alvo que seja, o segundo álbum da banda atira para todos os lados. *J.E.R*

SNAP!
The Madman's Return
(Logic/BMG-Ariola)

O primeiro disco do Snap! rendeu três mega hits e dois médios. Repetir isso é uma tarefa quase impossível, mas este segundo álbum está longe de fazer feio. Tem pelo menos dois hits: "Colour Of Love" — consagrado — e "Don't Be Shy" — potencial. Transita com desenvoltura por funk, house, soul e até tecno — sem nunca fazer você esquecer que é Snap! que está ouvindo. A qualidade geral das músicas é tão boa quanto à do anterior, mas a sofisticação é muito mais acentuada aqui. *C.R.*

ROSA TATOOADA
(Nova Idéia)

Lembram-se do heavy australiano do Rose Tatoo nos idos de 78? Não? Bem, ao menos é mais fácil recordar a cover do grupo ("Nice Boys"), que o Guns perpetrou no *G N'R Lies*. Se Axl & Cia. já não foram felizes naquela ocasião, aqui cabe o adjetivo pobre ao hard rock deste grupo gaúcho. Na verdade, só "O Inferno Pode Esperar" consegue se salvar neste álbum. De resto, parece que o pior do espírito do Made In Brazil teima em assombrar esta turma dos pampas. *C.P.*

NICK CAVE & THE BAD SEEDS
Henry's Dream
(Warner)

À exemplo de gravações anteriores, o sétimo álbum de Nick Cave volta a tratar de temas que, tal a reiteração com que são trabalhados pelo compositor, mais parecem obsessões. Ou seja, o remorso, a religiosidade (ou seu próprio avesso) e a morte.

O escapismo, a ânsia pela liberação do que o ser humano possui de mais negativo e repugnante se atrelam a todas as faixas.

Outra característica grata a Cave, que volta a se mostrar aí, é a compulsão em colocar o sacro e o profano lado a lado — algo que, em "Henry's Dream", é passado ao ouvinte através de sons e palavras absolutamente transtornados.

Reflexo desse approach é a balada "Christina The Astonishing", que Cave compôs tendo em mente a história (real) de uma santa belga nascida durante a Idade Média.

Aí, um instrumental espartano — congas, vibrafone, órgão — pontua a lenta mortificação da personagem, que, à certa altura, proclama: "O fedor do pecado humano está além do que consigo suportar".

Musicalmente, o LP é de um telurismo à toda prova, enraizado que está em certos estilos tradicionais.

Aí estão um descarnado blues ("Jack The Ripper"; narrativa de uma paixão possessiva que ameaça acabar com golpes de machadinha e facas de açougueiro), canções folk alcoolizadas ("Brother, My Cup Is Empty") e singelas love-songs ("Straight To You", "When I First Came To Town") cuja melancolia evoca a obra do canadense Leonard Cohen.

Por todo o disco, criaturas sem fé vagam à deriva, incapazes de conviver com a sordidez do mundo. "Passados são os dias de arco-íris/ passadas são as noites em que balançávamos nas estrelas... o paraíso nos negou seus domínios/ os santos estão bêbados e uivam para a Lua", canta Cave em "Straight To You".

Em *Henry's Dream*, fica a impressão final de que a lucidez armou-se com pinças e bisturis para dissecar cadáveres: nossas esperanças, nossa época.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

MARICENNE
Correntes Alternadas
(Studio Mega)

Muito antes do vírus do ecletismo se alastrar como epidemia entre as cantoras da MPB, Maricenne Costa já surpreendia os ouvidos alheios ao recriar o hino

punk "Garotos do Subúrbio". Veterana da bossa nova e da vanguarda paulista, ela fez uma boa mostra de suas convicções. Além da canção dos Inocentes, aí estão "Dor De Dente" (de Duda, do Moleque de Rua); O bolerão "Angelitos Negros" e "Wild Life"; insólita criação da dupla Tom Zé/Ritchie. *A.G.C.D.*

PAPA DEE
Lettin' Off Steam
(Arista/BMG-Ariola)

Mostre-me alguém que ainda agüenta atravessar um disco inteiro de ragga e eu te mostro alguém que acha graça em ver o movimento de uma fila de banco. Papa Dee é mais um concorrente desse gênero cansado. Vem da Suécia e teve um hit médio aqui com "Ain't No Stoppin' Us Now". Seu disco é o de praxe: bases funky, raggamuffin' enrosca-língua, samples e refrões mais que óbvios. *C.R.*

REB BEACH,
RICHIE SAMBORA,
YNGWIE MALMSTEEN,
ZAKK WYLDE,
NUNO BETTENCOURT,
ALBERT COLLINS E OUTROS
The Guitars That Rule The World
(Metal Blade/Warner)

A revista especializada *Guitar World* apresenta um album com "os guitarras que regem o mundo". Fora a pretensão dos caras, em português claro isso quer dizer: uma espécie de manual prático da masturbação instrumental. Entre os "eméritos" praticantes da datilografia guitarrística estão Yngwie Malmsteen, Reb Beach (Winger) e Paul Gilbert (Mr. Big), além do insosso Nuno Bettencourt (Extreme). Tudo mais ou menos naquela base: cozinha pesada e rápida e solo em cima de solo em cima de solo... *Tá-Tá-Tá...*

Em meio à batalha de egos que domina quase a totalidade do disco, há espaço para algumas poucas exceções audíveis. É o caso do excêntrico country heavy "Farm Fiddlin' ", do guitarrista da banda de Ozzy Osbourne, Zakk Wilde. Outras faixas de certo interesse são "Filet Of Soul", de Alex Skolnick (Testament), "Walk On Walden", de Elliot Easton (The Cars) e "Willie And The Poor Bob" (Dickey Betts & Warren Haynes, da Allman Brothers Band).

Porém, fica no ar a pergunta: o que Albert Collins e sua singela homenagem a Stevie Ray Vaughan ("Blues For Stevie") fazem em meio a tantos onanistas? *C.P.*

COWBOY JUNKIES
Black Eyed Man
(RCA/BMG-Ariola)

Um country/blues branco, seco, mas suave. Como a trilha sonora de um *road movie* no deserto. Só algo assim para definir o som único deste quarteto canadense, que consegue se impor sem tender comodamente para o tradicionalismo, bem como não embarcando em nenhuma tendência "da moda".

A única crítica plausível ao grupo seria a de se apegar demais a um estilo *down* de canções. Uma prática já delineada na estréia caseira de *Whites Off Earth, Now!*, que alcançou a plenitude nas ressonâncias de *The Trinity Session* — com apenas um microfone *overall* captando os músicos ao vivo sob a abóboda de uma igreja — e obteve um acabamento *high tech* em *The Caution Horses*. Ótimas canções e covers (Hank Williams, Lou Reed, Neil Young), mas sempre tendendo menos ao porre do que à ressaca.

Com este *Black Eyed Man*, a opção foi diferente: aqui as canções melancólicas de Michael Timmins — cada vez mais forjadas para a voz de sua irmã, Margo — resvalam até no pop, com melodias contagiantes e refrões ganchudos. É o caso de "Southern Rain", "A Horse In The Country" ou das duas composições do texano Townes Van Zandt: "Cowboy Junkies' Lament" e "To Live Is To Fly". Algum desavisado poderia jurar estar ouvindo Carly Simon em vez de Margo. Mas sempre no sentido positivo da comparação.

Pequenas jóias se sobressaem do álbum. Tanto na simplicidade de "This Street, That Man, This Life" e da faixa-título como no clima sombrio de "Murder, Tonight, In The Trailer Park".

Michael também preferiu ater-se à guitarra-ritmo, trazendo para os parcos solos alguns convidados (especialmente Ken Nyhr). Mas a maior surpresa se reserva à introdução de metais ("Oregon Hill"), cello ("Winter's Song") e clarinete ("If You Were The Woman And I Was The Man", esta com Margo num surpreendente dueto com o cantor country John Prine).

Black Eyed Man prova que, mesmo por outras vias que não a do country "deprê", os "cowboys" acertaram na veia de novo.

CELSO PUCCI

KYLIE MINOGUE
Let's Get To It
(PWL/Warner)

Kylie abandonou de vez a imagem de namoradinha da Austrália.

Além das pernas, põe as manguinhas de fora nesse quarto álbum, co-assinando mais de 50% das faixas. Os padrinhos Stock e Waterman assinam o resto, com exceção da cover de "Give Me Just A Little More Time" e "If You Were With Me Now" (com Keith Washington). Só que desta vez perderam o gás: descontando "I Guess I Like It Like That", chega a dar saudade de "The Loco-Motion". *J.J.E.S.*

THE FARM,
THE SHAMEN, E OUTROS
Dance, Dance, Dance
(Epic/Sony)
AFRIKA BAMBAATAA
E OUTROS
Nova FM Dance Line
(Stiletto)

Duas coletâneas: *Dance...*, que, além dos citados, tem Cut N'Move, Clivillés & Cole e Pasadenas remixados por Steve 'Silk' Hurley. Compre. A carne de segunda é a *Nova FM*... com duas boas (Bambaataa e Word For Word) e um monte de esqueciveis. Grave as duas. *C.R.*

LICENÇA PARA O DCC

Agucem os ouvidos, pois o Digital Compact Cassete está chegando. Sim, afinal um rival à altura para o CD em termos de pureza sonora, que deve começar a entrar no mercado brasileiro a partir de novembro próximo.

O sistema une a praticidade do cassete à fidelidade do som digital, tendo em vista que o DCC é similar à fita analógica normal — com a diferença de ser totalmente blindada e acessível apenas quando em uso no *player*.

Isso evita que elementos estranhos (suor, poeira, luz solar) possam interferir na qualidade das gravações, mas não impede que se toque os cassetes analógicos no mesmo sistema.

Outra vantagem do DCC em cima do próprio CD é que, além de registrar sons, ele permite a inserção de textos escritos, que podem ser acompanhados em sincronia com o registro musical, através de uma tela de vídeo acoplada ao *player* ou pelo visor de cristal líquido de alguns dos modelos do aparelho.

Mas o que impressiona mesmo é a excepcional limpidez do som, sem nenhuma espécie de ruído de fundo. Tanto que a Philips — que desenvolveu o processo — já se acautelou com relação às eventuais piratarias que poderiam advir e dotou o aparelho de um sistema que emite um sinal eletrônico que impede a feitura de uma segunda cópia na mesma matriz, após ter sido realizada uma primeira

O problema principal, descontando-se o provável alto custo que o sistema deve ter no início, seria a parca lista de títulos disponíveis em DCC. Para resolvê-lo, a PolyGram brasileira promete a importação de vários álbuns de medalhões de seu cast (Dire Straits, INXS etc.) no formato, bem como fazer DCCs de artistas nacionais (João Gilberto, Caetano Veloso) no exterior. *CELSO PUCCI*

DUPLA MALDITA

Duas bandas inglesas importantes — e subestimadas — vêm com inéditos em CD, lá fora. O semi-obscuro **THE ONLY ONES** traz boa amostra de sua pré-new wave na coletânea **The Immortal Story** (Columbia). Mais conhecidos, mas igualmente malditos, **THE STRANGLERS** saem com **All Twelve Inches** (Epic) — reunindo doze hits em *extended versions* — e **Live At Hope And Anchor** (EMI), com um show de 77 no clube londrino. A EMI também lança a estréia solo do baixista **JEAN JACQUES BURNEL (Euroman Cometh**, com 35 minutos de bônus em um registro ao vivo) e o disco que o guitarrista **HUGH CORNWELL** gravou com o baterista **ROBERT WILLIAMS** (ex-Captain Beefheart's Magic Band): **Nosferatu** (ambos de 79). *C.P.*

ADEUS AO VINIL

A PolyGram anuncia que em junho irá suspender suas edições em vinil no mercado nacional, seguindo uma tendência mundial de concentrar-se nos CDs. Como aperitivo, já lançou exclusivamente neste formato a coletânea **The Very Best Of Connie Francis** (Polydor), com "Stupid Cupid" e outros vinte hits da cantora. E mais duas (re)edições: **Slave To The Rhythm** (Island/PolyGram), álbum de **GRACE JONES** de 85 produzido por Trevor Horn, e **461 Ocean Boulevard** (Polydor/PolyGram), a excelente volta por cima dada por **ERIC CLAPTON** — depois de um longo namoro com a heroína — em 74. Já a Warner sai com o CD **Eliminator** (83), para acompanhar o lançamento da coletânea *Greatest Hits* (ver *Discos* nesta edição) do **ZZ TOP.** *C.P.*

BOLSA DE DISCOS

DISCO DO MÊS: **MOLEQUE DE RUA** (Columbia/Sony)

Eis que pela primeira vez, desponta um álbum nacional — e além de tudo uma estréia — no topo da nossa lista do mês. E a honra cabe à moçada da Vila Santa Catarina que veio sacudir um pouco o embolorado cenário nacional com seu disco. Brigando, gingando, batendo lata e mandando brasa, parece que o Moleque veio mesmo para ficar. Na rua ou em qualquer lugar

CHIC
Chic-Ism
(Warner)

DAVID BYRNE
Uh-Oh
(Luaka Bop/Warner)

CLIVILLÉS AND COLE
Greatest Remixes Vol.1
(Columbia/Sony)

NUCLEAR VALDEZ
Dream Another Dream
(SBK/Sony)

GARCIA & GARCIA
Mr. Fire
(Blade)

ANDRE FORASTIERI	5	7	-	8	5	2
ARTHUR & CLÁUDIO DUARTE	8	7	8	4	5	-
CELSO FIORAVANTE	6	8	6	7	5	5
CELSO PUCCI	6	7	2	5	4	2
DEVIL DITTO	6	2	1	2	1	4
JEAN YVES DE NEUFVILLE	9	8	8	7	-	-
JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO	8	7	9	7	-	5
KID VINIL	8	6	7	6	5	6
LUIS CLÁUDIO GARRIDO	7	6	7	6	-	5
LUIZ HENRIQUE ROMANHOLI	8	7	5	5	-	-
ROBERTO MAIA	8	7	8	6	8	7
ZECA CAMARGO	9	7	9	6	8	-

CLASSIFICAÇÃO GERAL

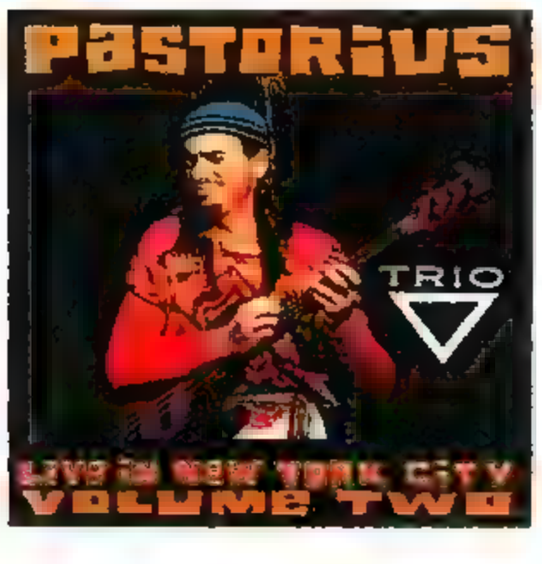
ARTISTA/DISCO	MÉDIA
1 MOLEQUE DE RUA (Columbia/Sony)	7,33
2 CHIC *Chic-Ism* (Warner)	6,58
3 DAVID BYRNE *Uh-Oh* (Luaka Bop/Warner)	6,36
4 CLIVILLÉS AND COLE *Greatest Remixes Vol.1* (Columbia/Sony)	5,75
5 NUCLEAR VALDEZ *Dream Another Dream* (SBK/Sony)	5,12
6 GARCIA & GARCIA *Mr. Fire* (Blade)	4,50
7 ACCEPT *Staying A Life* (Epic/Sony) DAVE STEWART AND THE SPIRITUAL COWBOYS *Honest* (RCA/BMG - Ariola)	4,22
9 LITA FORD *Dangerous Curves* (Atlantic/Warner)	3,25
10 FOREIGNER *Unusual Heart* (Atlantic/Warner)	2,67
11 EUROPE *Prisioners Of Paradise* (Epic/Sony)	2,40
12 NANDA ROSSI (Philips/PolyGram)	2,25

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Nova Idéia — *R. Liberdade, 64, cj. 20, Poá (RS) - (0512) 32-3898* Studio Mega — *São Paulo (SP) (011) 255-0690*

ZONA FRANCA

A independência britânica continua a gerar bandas que acham que olhar para o dedão do pé e cantar com falso desdém é o máximo em "atitude". Azar deles, e sorte de quem perceber quem corre por fora. Depois de quatro singles, o **CURVE**, banda da bela Toni Halliday, lança **Doppelgänger** (Creation), título certo para uma lista dos melhores de 92.

"Already Yours" é o que três quartos do noise pop britânico tentam fazer há um tempão, e "Split Into Fractions" é o que seria do Jesus And Mary Chain *sem os irmãos Reid*... E com os suspiros de Toni. *FABIO MASSARI*



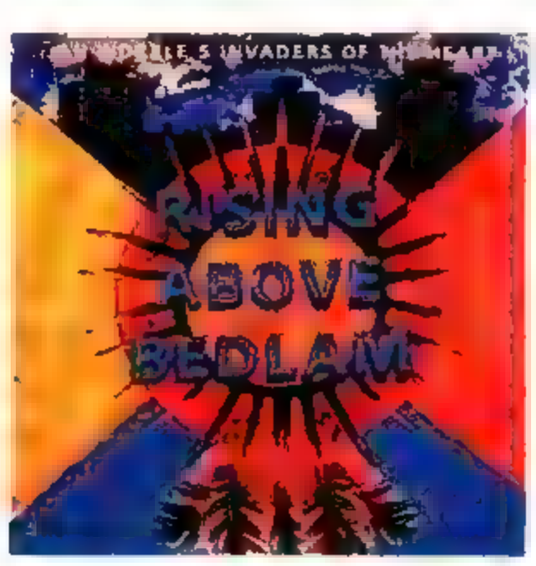
Desde que foi morto a porradas por um leão-de-chacará há quase cinco anos, o mito do maior *bass hero* da história, **JACO PASTORIUS**, não cessa de crescer. O chato é que sua discografia oficial é pequena e esquisita, beirando poucas vezes o brilho de suas performances ao lado do Weather Report (vide "Teen Town" e "River People"), do melhor que o jazz fusion já fez.

Para compensar, saiu a trilogia **Live In New York City** (Big World Music), semi-oficial. Recomendo o volume dois, **Trio** (com o batera Kenwood Dennard e o guitarrista Hiram Bullock), incluindo até "I Shot The Sheriff" e "Dear Prudence" entre suas próprias composições. Os outros dois volumes, com um octeto, são mal gravados, mas para os fãs... *ALEX ANTUNES*

"O meu ofício é corromper a juventude, com a idéia infecciosa da liberdade individual." É Timothy Leary em pessoa falando de LSD e realidade virtual, com um acompanhamento eletrônico da pesada, no EP **"From Psychodelics To Cybernetcs"**, do **SYSTEM 01** (Interfisch EFA). Lembra ClockDVA, e não é à toa: Paul Browse, do System, é o parceiro de Adi Newton na última formação. 34 minutos de tecno-xamanismo. *"Any reality is an opinion..."* *ROSCOE MACIEL*

Já que a EMI-Odeon não se pronuncia a respeito do lançamento por aqui do disco ao vivo de **KEITH RICHARDS AND THE X-PENSIVE WINOS**, o jeito foi encaixá-lo, de leve, nesta *Zona Franca*.

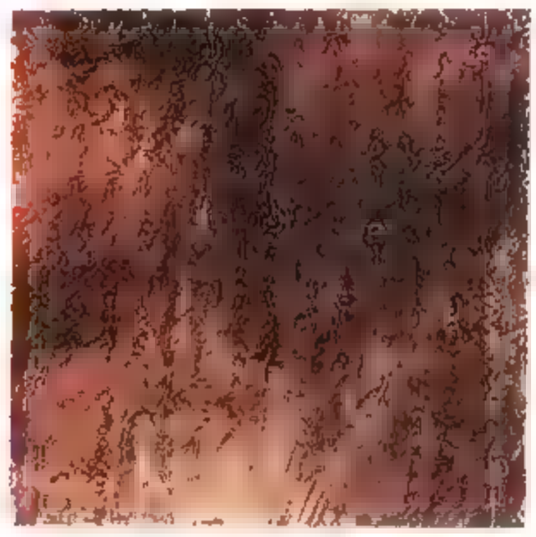
Sim, porque como o próprio título explica, **Live At The Hollywood Palladium, December 15, 1988** (Virgin) traz o Stone e sua banda alternativa — com o batera e parceiro Steve Jordan — esmerilhando na turnê de lançamento do álbum *Talk Is Cheap*. Com mais *punch* ainda que as versões de estúdio. *CELSO PUCCI*



Sinead O'Connor marca presença em duas faixas, mas quem rouba a cena é outra cantora, Natasha Atlas, nas letras em castelhano e *vocalises* de pequenas pérolas como "Bomba", "Soledad" e "Erzulie". Eles prometeram (BIZZ 77) e cumpriram: os **JAH WOBBLE'S INVADERS OF THE HEART** (o baixista/vocalista Jah, o guitarrista Justin Adams e o tecladista Mark Ferda) vêm de *soft dance* com world music e um toquinho melancólico em **Rising Above Bedlam** (Oval/Warner). *ALEX ANTUNES*

E onde anda o **ART OF NOISE**? Para o produtor Trevor Horn e o Goebbels do pop, o jornalista Paul Morley (os inventores da banda e do selo ZTT), não interessa mais, desde que Anne Dudley e seus chapas deram seu grito de independência E se tornaram, segundo a dupla, exatamente a paródia de megagrupo que pretendiam criticar...

Para provar a tese, a ZTT reuniu o primeiro álbum do grupo (*Whos's Afraid...*) ao rarissimo EP *Into Battle* e ao single "Moments In Love", comprimido tudo no CD **Daft (Set Out)**. *ROSCOE MACIEL*



O rock português no pos-punk sempre foi mais bacana que o brasileiro. Coisas como o "free-pop" do Pop Dell'Arte, o minimalismo do Telectu, o neotradicionalismo da Sétima Legião e mesmo o saudável ecletismo do antigo GNR sempre deixaram no chinelo os nossos provincianos Paralamas e Titãs (que, não à toa, escolheram como banda "correspondente" os medíocres Xutos & Pontapés).

Essa vocação internacionalista é confirmada na coletânea experimental **Realidade Virtual**. Apesar da presença de grupos ingleses, alemães, franceses e espanhóis, o melhor mesmo corre por conta do pessoal da terrinha: **GOD SPEED MY AEROPLANE**, **NUNO REBELO**, **RAFAEL TORAL**, **MATRIX RUN**, **HESSKHÉ YADALANAH**, **POPPER W2** e o impagável **ADOLFO LUXÚRIA CANIBAL & HUMPTY DUMPTY**, com sua "Introdução Ao Ritmo Do Camartelo E Da Betoneira". Distribuição no Brasil: Cri Du Chat. *ALEX ANTUNES*

Stamp

CAMISETAS - BLUSÕES - CALÇAS

RECEBA PELO CORREIO

MALHA MERCERIZADA - TAMANHOS P.M.G.

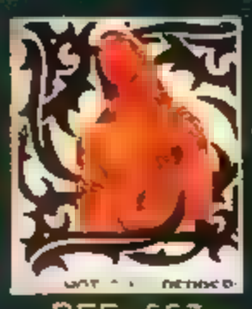
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

TEL.: (011) 299-7478

REF.: 560

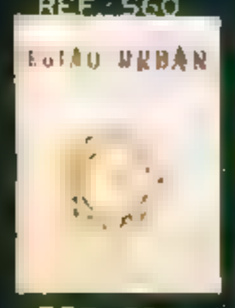
REF.: 559

REF.: 558

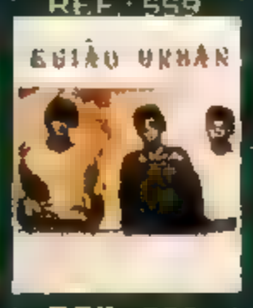

REF.: 557

REF.: 556

REF.: 555



REF.: 554



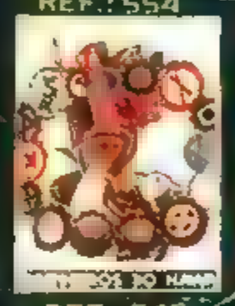
REF.: 553

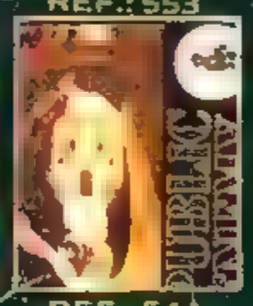
REF.: 552

REF.: 551

REF.: 550

REF.: 549


REF.: 545



REF.: 544

REF.: 543

REF.: 542

REF.: 541

REF.: 540

REF.: 539

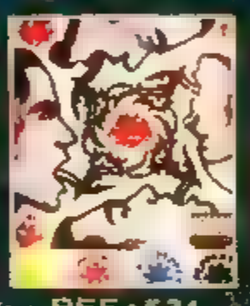
REF.: 538

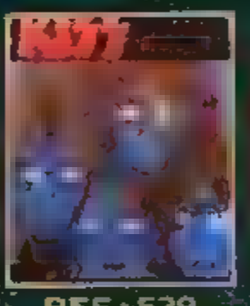
REF.: 536

REF.: 534

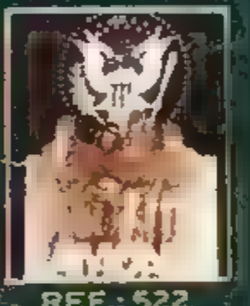
REF.: 533

REF.: 532


REF.: 531


REF.: 529

REF.: 524


REF.: 522

REF.: 520

REF.: 519

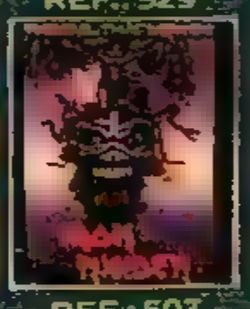
REF.: 518

REF.: 516

REF.: 510

REF.: 509

REF.: 508



REF.: 507

REF.: 504

REF.: 502

REF.: 498

REF.: 496

REF.: 493

REF.: 487

REF.: 482

REF.: 476

REF.: 470

REF.: 469

REF.: 467

REF.: 462

REF.: 445

REF.: 441

REF.: 439

REF.: 435

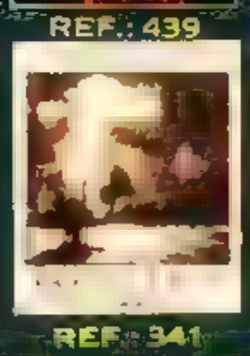
REF.: 427

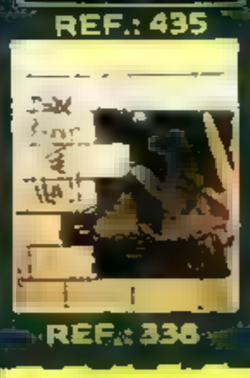
REF.: 390

REF.: 377

REF.: 353

REF.: 345


REF.: 341


REF.: 338

REF.: 317

REF.: 308

REF.: 218

CALÇAS DE MOLETON NAS SEG. REFERENCIAIS:

CA1: GUNS N'ROSES
CA2: SEPULTURA
CA3: RED HOT C. PEPPERS
CA4: METALLICA
CA5: U2
CA6: NIRVANA
CA7: SLAYER
CA8: SKID ROW
CA9: ENGENHEIROS DO HAVAII
CA10: LEGIÃO URBANA

DESCONTOS!

ENVIE CHEQUE NOMINAL À STAMP OU VALE POSTAL (JÁ COM O DESCONTO) E GANHE:

1. NA COMPRA ATÉ 3 PEÇAS: 20% DE DESCONTO
2. NA COMPRA DE 4 OU MAIS: 30% DE DESCONTO

PREÇOS

MANGA CURTA (MC):	Cr$ 32 000,00
MANGA LONGA (ML):	Cr$ 39 000,00
BLUSÃO MOLETON (MT):	Cr$ 54 000,00
CALÇA MOLETON (CA):	Cr$ 50 000,00
BLUSÃO C/ CAPUZ (BZ):	Cr$ 56 000,00

VALIDO ATE A PRÓXIMA BIZZ

- PREENCHA O CUPOM AO LADO (OU CÓPIA) E ENVIE PARA STAMP
- VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.
- TODAS AS ESTAMPAS ESTÃO DISPONÍVEIS NOS 4 MODELOS: CAMISETA MANGA CURTA (MC), MANGA LONGA (ML), BLUSÃO SIMPLES (MT) E BLUSÃO COM CAPUZ (BZ).

ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ VALE ☐ NO VALOR DE . . . . . PREFIRO PAGAR AO RECEBER ☐

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

Nome . . . . . .

End. . . . . .

CEP . . . . . Cid. . . . . Est .

Assinatura . . . . . Tel . . . . .

RG . . . . . .

IDADE . . . . . SUGESTÃO PARA ESTAMPA . . . . . .

BIZZ-83

VÍDEOS

TEARS FOR FEARS
Tears Roll Down (Greatest Hits 82-92)
Direção: vários. 1991 (60 min., hi-fi stereo. PolyGram)

A carreira da dupla acaba de completar uma década e embora só tenham lançado três álbuns, conseguiram emplacar vários hits na memória coletiva — em geral mais por insistência mala do que por mérito do refrão. Já os vídeos nunca tiveram muita coisa que grudasse na cabeça, eram muito sem graça. Entre as poucas exceções, a animação de "Sowing The Seeds Of Love" (de Jim Blashfield, o mesmo diretor de "Leave Me Alone", de Michael Jackson, e "Boy In The Bubble", de Paul Simon — e o mais fraco entre os três) e a angustiada "Pale Shelter" — possivelmente o melhor momento dos TFF. Contém ainda o vídeo solo de Roland Orzabal, "Laid So Low". C.R.

CROSBY, STILLS & NASH
Long Time Comin'
Direção: Malcolm Leo, 1990 (56 min., hi-fi stereo, SMV)

O grosso desta retrospectiva está nos reencontros do CS&N que aconteceram em 77 e 82, somado a takes e depoimentos do trio para esta produção. Até aí nada demais, não fosse o fato do verdadeiro tesouro estar nas entrelinhas da narrativa, com imagens antológicas dos Byrds, do Buffalo Springfield, dos Hollies e do CSN & Y safra 69/70 . A pena é que sejam só trechos. C.P.

BON JOVI
Access All Areas
Direção: Wayne Isham, 1990 (87 min., hi-fi stereo, PolyGram)

Uma hora e meia com cenas duma excursão de 88 da banda. Mostra os cabeludos em varias partes do mundo (incluindo Moscou, Rio de Janeiro, Londres), muito papinho de camarim, fãs em frenesi, trechinhos de shows e praticamente nenhuma música inteira. Ou seja, ou você é do tipo que se emociona até com os arrotos do Richie Sambora ou você vai achar tudo isso de um tédio devastador. C.R.

OUTROS LANÇAMENTOS

THE BEATLES *Live* (PMI) O quarteto aparece no antológico programa de TV *Ready Steady Go!* no ano de 64 • **VÁRIOS** *The World's Greatest Artists Sing Lennon: A Tribute* (SMV) Cenas raras de arquivo com Lennon, Yoko, Beatles e artistas de Michael Jackson a U2 interpretando músicas de Lennon • **JEAN MICHEL JARRE** *Images* (PolyGram) O lançamento que você *tanto* esperava... • Onde foram parar aquelas velhas prometidas da BMG: as *video magazines* específicas de metal, dance etc? C.R.

THE BEATLES
Magical Mystery Tour
Direção: The Beatles, 1967 (50 min, hi-fi stereo, SMV)

Ainda sob os efeitos das brumas psicodélicas do álbum *Sgt. Pepper's*, os Beatles tentaram reeditar o nonsense e a graça descompromissada dos filmes *A Hard Day's Night* e *Help!* nesta produção de 67, feita originalmente para a TV britânica. Mas os mistérios e a magia da viagem não resistiram ao desgaste do tempo como seus antecessores, parecendo hoje em dia mais uma brincadeira pouco inspirada. Restam grandes canções dos Beatles como "Strawberry Fields Forever", "I Am The Walrus" e "The Fool On The Hill". C.P.

EURYTHMICS
Live
Direção: Geoff Wonfor, 1987 (90 min., hi-fi stereo, PolyGram)

Um show em Barcelona num ano que marcou o fim da criatividade numa das duplas mais bem-sucedidas dos anos 80. A apresentação é convencional — só a banda com Lennox e Stewart à frente, sem cenários nem grandes produções — mas eles dão o que o público pagou para ouvir: um trem de hits em arranjos muito diferentes dos discos. O problema é a duração do evento — quase uma hora e meia sem grandes surpresas — e o exagero de jams instrumentais e solos no meio de cada música. C.R.

IMPORTADOS

THE YARDBIRDS *The Most Blueswailing Band (GB, 91, Atlantic Vision)* Aí está: quando o departamento é o que o povo chama de "seminal", "visceral", "honesto" é difícil bater os Yardbirds. Afinal, esta banda liderou o boom do blues britânico nos anos 60, teve Eric Clapton na primeira formação, juntou Jeff Beck e Jimmy Page e ainda fez uma ponta no clássico cabeça de Antonioni, *Blow-Up*. Tudo isso está registrado aqui em trechos ao vivo, apresentações em programas de TV, entrevistas e o diabo a quatro. Imperdível. C.R.

BRASIL

1	(6)	***Nevermind***	**Nirvana**	BMG-Ariola
2	(1)	***Tudo Ao Mesmo Tempo Agora***	**Titãs**	Warner
3	(4)	***Blood Sugar Sex Magik***	**Red Hot Chili Peppers**	Warner
4	(5)	***V***	**Legião Urbana**	EMI-Odeon
5	(R)	***Doubt***	**Jesus Jones**	EMI-Odeon
6	(N)	***Ten***	**Pearl Jam**	Sony
7	(N)	***The Plague That Makes...***	**Infectious Grooves**	Sony
8	(2)	***Metallica***	***PolyGram***	
9	(10)	***Dangerous***	**Michael Jackson**	Sony
10	(N)	***Prove You Wrong***	**Prong**	Sony
11	(3)	***Achtung Baby***	**U2**	Warner
12	(N)	***Tears Roll Down...***	**Tears For Fears**	PolyGram
13	(N)	***Face Lift***	**Alice In Chains**	Sony
14	(R)	***Here Comes Trouble***	**Scatterbrain**	Sony
15	(R)	***Slave To The Grind***	**Skid Row**	Warner
16	(15)	***The Best Of R.E.M.***	**R.E.M.**	EMI-Odeon
17	(12)	***Use Your Illusion II***	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
18	(N)	***Bossa N'Roll Ao Vivo***	**Rita Lee**	Som Livre
19	(R)	***Out Of Time***	**R.E.M.**	Warner
20	(R)	***Use Your Illusion I***	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola

[illegible]

1	(2)	***Metallica***		PolyGram
2	(1)	***Nevermind***	**Nirvana**	BMG-Ariola
3	(4)	***Ten***	**Pearl Jam**	Sony
4	(3)	***Blood Sugar Sex Magik***	**Red Hot Chili Peppers**	Warner
5	(5)	***Face Lift***	**Alice In Chains**	Sony
6	(N)	***A Decade Of Aggresion***	**Slayer**	Sony
7	(6)	***Achtung Baby***	**U2**	Warner
8	(N)	***Up***	**Right Said Fred**	BMG-Ariola
9	(7)	***No More Tears***	**Ozzy Osbourne**	Sony
10	(11)	***Greatest Hits***	**Queen**	EMI-Odeon
11	(R)	***Two Rooms***	**Varios**	PolyGram
12	(R)	***V***	**Legião Urbana**	EMI-Odeon
13	(N)	***Tears Roll Down...***	**Tears For Fears**	PolyGram
14	(8)	***Shepherd Moons***	**Enya**	Warner
15	(12)	***Prove You Wrong***	**Prong**	Sony
16	(N)	***The Plague That Makes...***	**Infectious Grooves**	Sony
17	(N)	***Honey's Dead***	**Jesus & Mary Chain**	Warner
18	(N)	***All The Stuff And More Vol. 2***	**Ramones**	Warner
19	(10)	***Slave To The Grind***	**Skid Row**	Warner
20	(N)	***Bandwagonesque***	**Teenage Fanclub**	BMG-Ariola

[illegible]

1	***Adrenalize***	**Def Leppard**	Mercury
2	***Totally Krossed Out***	**Kris Kross**	Ruffhouse/Columbia
3	***Blood Sugar Sex Magik***	**Red Hot Chili Peppers**	Warner Bros
4	***Classic Queen***	**Queen**	Hollywood/Elektra
5	***Ropin' The Wind***	**Garth Brooks**	Liberty
6	***Wish***	**The Cure**	Fiction/Elektra
7	***No fences***	**Garth Brooks**	Liberty
8	***Nevermind***	**Nirvana**	DGC
9	***Wynnona***		Curb/MCA
10	***Wayne's World***	**Trilha Sonora**	Reprise

[illegible]

1	**"Jump"**	**Kris Kross**	Ruffhouse/Columbia
2	**"My Lovin' (You're Never Gonna Get It)"**	**En Vogue**	East West
3	**"Bohemian Rhapsody"**	**Queen**	Hollywood
4	**"Save The Best For Last"**	**Vanessa Williams**	Mercury
5	**"Live And Learn"**	**Joe Public**	Columbia
6	**"Under The Bridge"**	**Red Hot Chili Peppers**	Warner Bros
7	**"Tears In Heaven"**	**Eric Clapton**	Reprise
8	**"Ain't 2 Proud 2 Beg"**	**TLC**	Laface/Arista
9	**"Everything About You"**	**Ugly Kid Joe**	Stardog/Mercury
10	**"One"**	**U2**	Island

[illegible]

1	***Doppleganger***	**Curve**	Charisma
2	***Walking In London***	**Concrete Blonde**	IRS
3	***Stick Around For Joy***	**Sugarcubes**	Elektra
4	***Uh-Oh***	**David Byrne**	Sire
5	***Going Blank Again***	**Ride**	Sire/Reprise

Leitor! Sua participação é importante! Escreva para "BIZZ — *Parada Dos Leitores*", Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo, SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Se possível, acrescente seu telefone para que voltemos a consultá-lo quando necessário.

[illegible]

1	***Stars***	**Simply Red**	East West
2	***Diva***	**Annie Lennox**	RCA
3	***Power Of Ten***	**Chris De Burgh**	A&M
4	***Up***	**Right Said Fred**	Tug
5	***Some Girls Wander By Mistake***	**Sisters Of Mercy**	Merciful Release
6	***Wish***	**The Cure**	Fiction
7	***Divine Madness***	**Madness**	Virgin
8	***Greatest Hits***	**ZZ Top**	Warner Bros
9	***Curtis Stigers***		Arista
10	***Volume III Just Right***	**Soul II Soul**	Ten

[illegible]

1	**"Please Don't Go"**	**KWS**	Network
2	**"On A Ragga Tip"**	**SL2**	XL
3	**"Deeply Dippy"**	**Right Said Fred**	Tug
4	**"The Days Of Pearly Spencer"**	**Marc Almond**	Some Bizarre
5	**"Temple Of Love (1992)"**	**Sisters Of Mercy**	Merciful Release
6	**"Nothing Else Matters"**	**Metallica**	Vertigo
7	**"Hang On In There Baby"**	**Curiosity**	RCA
8	**"You're All That Matters To Me"**	**Curtis Stigers**	Arista
9	**"In The Closet"**	**Michael Jackson**	Epic
10	**"You"**	**Ten Sharp**	Columbia

[illegible]

1	***Dry***	**PJ Harvey**	Too Pure
2	***Going Blank Again***	**Ride**	Creation
3	***Bleach***	**Nirvana**	Tupelo
4	***Chorus***	**Erasure**	Mute
5	***Lazer Guided Melodies***	**Spiritualized**	Dedicated

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), de 2/05/92 a 16/05/92, *Melody Maker*, *New Musical Express* e *Music Week* (GB), de 25/04/92 a 9/05/92. Para a *Parada Dos Leitores*, foram consideradas as cartas recebidas até 14/05/92.

Lojas consultadas: Câmbio Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Pop Som e Multisom (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba), 220 Volts (Campinas), Baratos Afins, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Woodstock Disco (São Paulo), em 14/05/92.

LETRAS

PEARL JAM

ALIVE

(Eddie Vedder/Stone Gossard)

VIVA

Son, she said, have I got a little story for you
what you thought was your Daddy
was nothing but a...
while you were sittin'
home alone at the age thirteen
your real Daddy was dyin'...
sorry you didn't see him
but I'm glad we talked...
I... I... I'm still alive (3x)

Filho, ela disse, tenho uma historinha para você
o que você pensava ser teu papai
não era nada além de um...
enquanto você estava sentado
sozinho em casa aos treze anos de idade
teu verdadeiro pai estava morrendo...
sinto muito por você não tê-lo visto
mas estou satisfeita por conversarmos...
eu... eu... eu ainda estou vivo (3x)

Wo-oh wow, she walks slowly
across a young man's room
she said, I'm ready... for you
I can't remember anything
to this very day, 'cept the look...
the look... oh, you know where
now I can't see...
I just stare
I... I... I'm still alive (4x)
ooh yeah oh

Wo-oh wow, ela caminha devagar
pelo quarto de um jovem
ela disse estou pronta... para você
não consigo me lembrar de nada
até o dia de hoje exceto o olhar...
o olhar... oh, para você sabe onde
agora não consigo enxergar...
apenas encaro
eu... eu... eu ainda estou vivo (4x)
ooh yeah yeah oh

Is something wrong? She said
of course there is, you're still alive
she said, oh, do I deserve to be? Is that the question?
and if so... if so, who answers? Who answers?
I... I... I'm still alive (3x)
I... I'm still alive
ooh yeah yeah yeah yeah

Há algo de errado? Ela disse
é claro que há, você ainda está viva
ela disse, oh, mereço estar? É essa questão?
e se for... se for, quem responde? Quem responde?
eu... eu... eu ainda estou viva (3x)
eu... eu ainda estou vivo
ooh yeah yeah yeah

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FAMA
Musica e Idolos

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saude

SAUDE É VITAL
Prevençao e Saude

CARICIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Video

SET-1000 VÍDEOS
Seleçao dos Melhores Videos

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANARIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Musica Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redaçao e Correspondência: av. Naçoes Unidas, 5777 CEP 05479900 Tel (011) 211-7866 Telegramas Editabril Abrilpress

Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara 160 - 15° andar s 1533 34, CEP 20020 Tel (021) 532-0313 Telex (021) 36890 Fax (021) 532-1486

Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr - 90077. Phone (213)474-7851

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403 New York, N.Y. 10165 Phone (001212) 557-5990 5993. Telex (00) 237670 FAX (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone (00331) 42 66 31 18 Telex (0042) 660731 ABRIL-PA FAX. (00331) 42 66 13 99

PUBLICIDADE

São Paulo: Av Brig Faria Lima, 1541 - 16° andar, CEP 01451, Fone (011) 814-7211, FAX (011) 212-0664

Brasília-DF: Espaço Com Integrada e Cons Ltda Fones (061) 223-2134 226-3644 FAX

Belo Horizonte: M A M Public e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1904, Ed City Center CEP 30140 Fone (031) 224-9534, FAX (031) 226 2059

Região Sul: Print Sul - Av da Azenha, 1502, cj 206 CEP 90060 Fone e FAX (051) 223-9528 Porto Alegre - RS, (0482) 44-8224 Florianopolis - (0474) 33-6186 - Joinville - SC, (041) 234-0439 Curitiba PR

BIZZ EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 226-7007
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

BIZZ-83

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇAO

Diretor: Jose Augusto Lemos
Redator-Chefe: Andre Forastieri
Editor: Celso de Sa les Pucc
Editor-Assistente: Camilo Rocha
Editor de Arte. Richard Kovacs
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Chefe de Arte: Maria Amélia de Azevedo
Diagramadores: Antônio Fernando Morra e Renato Yada
Colaboradores — Textos: André Barcinski Arthur G Couto Duarte Cassio Leite Carlos Eduardo Miranda Evil Otto Fábio Massari Gilson Ronaldo da Rosa, Hagamenon Brito Nogueira Israel do Vale Neto Jean Yves de Neufville Jose Julio do Espirito Santo Luis Claudio S. Garrido Leandro D Fortino Marcel Plasse Mansa Adan Gil Neusa M P de Oliveira **Fotografia.** Ricardo Siqueira. Rui Mendes. Priscila Farias **Arte:** Silene Pereira de Miranda **Correspondente (Londres):** Anamaria G de Lemos

PUBLICIDADE

Diretor: Claudio Martins
Gerente: Rosangela Cassilo
Contatos: Arthur Oliveira Neto Silvia Lima
RJ-Contato: Lidia Camarati
Coordenação: Wladimir Xavier de Almeida e José Soares A Santos

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: Andre Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fabio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE:
Diretor de Escritórios Regionais: Carlos Alberto Araujo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
COMUNICAÇÃO:
Diretor: Rogerio Rahier
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S Gonçalves
Estudio Fotografico-Gerente: Fabio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Dpto. de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana. Jose Emilio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liege de Lima Doria Castelli

BIZZ 83 e uma publicação mensal da Editora Azul S A **Sao Paulo - Redação e Correspondência:** Av Nações Unidas 5777 tel (011) 211-7866 CEP 05479900 Caixa Postal 66254 CEP 05389 Telex (011) 83178 Fax (011) 813-9115 **Telegramas:** Editabril Abrilpress **Rio de Janeiro:** R Marecha Câmara 160 - 15° andar S 1533 34 CEP 20020 Tel (021) 532-0313 Telex (021) 36890 Fax (021) 532-1486 Telegramas Editabril Abrilpress **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais Azinhaga dos Feta s 2685 Camarate Lisboa **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo numero de edições anuais A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupçao na entrega dos exemplares contratados sem que para isso tenha dado motivo o proprio assinante implicara a restituição em cruzeiros da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues devidamente corrigido de acordo com as disposiçoes legais em vigor sobre a materia Ao fazer sua assinatura exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal Com sua assinatura seu nome e automaticamente incluido no cadastro da Editora Abril o qua podera ser cedido a empresas idoneas para fins unicamente de divulgação e promoçao de seus produtos que julgamos ser de seu interesse Caso nao queira fazer parte desse cadastro entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante cujos telefones constam desta revista Data de circulação **junho 92. Numeros atrasados,** ao preço da ultima edição em banca por intermedio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicaçoes Abril de sua cidade Distribuida com exclusividade no pais pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicaçoes Sao Paulo **Serviço ao Assinante** tel (011) 823 9222

ANER

Fotolito. Fotoline Ltda
IMPRESSA NA DIVISAO GRAFICA DA EDITORA ABRIL S A

CARTAS ESPECIAL

Sob o título "O Mar Não Está para Tubarão", essa prestigiosa Revista, em sua 81.ª edição (n.º 4, Ano 8), relativa ao corrente mês de abril, publicou artigo assinado pelo jornalista José Augusto Lemos, sobre a situação da indústria fonográfica no País, contendo uma série de inverdades, capazes de abalar a credibilidade de nossa Empresa junto a instituições financeiras, ao mercado consumidor e à própria opinião pública como um todo.

A legislação brasileira consagra, como em toda sociedade democrática, o princípio da livre manifestação de pensamento, bem como da livre veiculação de idéias e informações.

Isso aumenta, em muito, a responsabilidade da Imprensa como instituição e dos profissionais que dela se valem para externaram suas opiniões e formularem suas críticas

O jornalista, do fotógrafo ao articulista, do repórter ao chefe-de-redação, do arquivista ao diretor da empresa de comunicação — não importa o nível —, deve ter a consciência de que a mesma pena que constrói pode converter-se numa poderosa arma predatória nas mãos dos precipitados e dos inconseqüentes. Cabe ao jornalista, em suma, vislumbrar a fronteira entre o exercício sadio da liberdade de expressão e a prática condenável do abuso, cujos contornos são descritos no Capítulo III da Lei n.º 5250, de 9.2.1967.

Uma coisa é a livre e irrestrita manifestação de opiniões e conceitos subjetivos, revelando simpatias e antipatias ou preferências de ordem pessoal — o que é bom ou bonito para alguém pode ser ruim ou feio para outrem. Diverso e condenável é, contudo, o comportamento daquele que, *levianamente*, agride uma verdade objetiva, deturpando números e fatos, com o nítido objetivo de prejudicar determinada pessoa física ou jurídica, ferindo-lhe a reputação e a credibilidade. É o caso do Sr. José Augusto Lemos, na desastrada e sensacionalista matéria publicada nas páginas 32/35 do n.º 4/92 dessa Revista.

Ademais de deixar claro o seu mais veemente protesto e repudiar as inverdades veiculadas pelo Sr. José Augusto Lemos, a EMI-ODEON, exige, na forma dos artigos 29 e seguintes da aludida Lei n.º 5250/67, que a presente mensagem seja tomada como *resposta* e *publicada, na íntegra*, no próximo número da BIZZ, *com igual dimensão e idêntico destaque* conferido ao artigo sob análise, para que fiquem elucidados os seguintes pontos:

a) Não corresponde à verdade o fato de que a EMI-ODEON (não podemos responder pelas demais gravadoras) esteja sofrendo auditoria específica por parte da Matriz, embora qualquer empresa controladora de capital tenha todo o direito de auditoriar suas subsidiárias ou filiais, quando bem lhe aprouver.

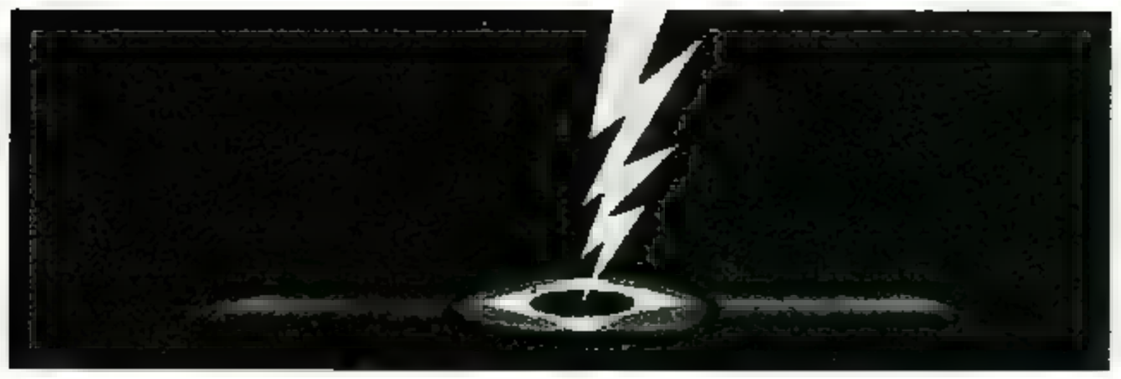
b) Também não é verdade que o grupo EMI cogite da hipótese da criação de um escritório único para centralizar todas as suas operações na América do Sul, sediado em Buenos Aires, Caracas, Santiago, ou qualquer outra capital.

c) A EMI-ODEON não tem, como insinuou o Sr. Lemos, o menor propósito de "lotear" o seu "casting" ou virar "selo" de quem quer que seja. Sendo a mais antiga e conceituada gravadora do País, a EMI-ODEON possui um dos mais ricos e vastos catálogos, tanto nacional como internacional, o que, por si só, lhe assegura a estabilidade e o potencial necessários para enfrentar momentos — como este — de crise e dificuldades. Ademais, o elenco artístico da EMI-ODEON pode ser considerado um dos mais valorosos, caros, equilibrados e ecléticos em todo o meio fonográfico, principalmente pela diversificação de estilos e gêneros, capaz, portanto, de atender a todos os gostos e faixas etárias. Como o público-leitor da BIZZ é selecionado e conhecedor de música, basta que enunciemos os nomes dos artistas que integram atualmente o nosso elenco: ALCEU VALENÇA, EDSON GOMES, EGBERTO GISMONTI, ELYMAR SANTOS, FERNANDA ABREU, GUILHERME ARANTES, HANÓI-HANÓI, IVO MEIRELLES, LEGIÃO URBANA, MARA, MARINA, MARISA MONTE, MATOGROSSO, OS PARALAMAS DO SUCESSO, PAULO CINTURA, SARAJANE, SÓ PRETO SEM PRECONCEITO, SUPLA e YAHOO. Não nos parece crível nem lógico que esteja ameaçada de se transformar num "selo" ou pretenda "ratear" o seu "casting" uma gravadora que vem de renovar contrato com Elymar Santos e que, apenas no curso de 1991, enriqueceu seu elenco com intérpretes renomados, como são os casos de Guilherme Arantes, Ivo Meirelles, Supla e Matogrosso. Cremos que a função de um jornalista é, antes de espalhar boatos, tentar apurá-los. Por que o Sr. Lemos não se deu ao trabalho de fazê-lo, o que teria sido extremamente simples, já que jamais nos furtamos ao diálogo ou mesmo a prestar qualquer sorte de informações? Pelo menos o Sr. Lemos revela a virtude da autocrítica: trata-se de um boateiro confesso...

d) De todas as passagens do artigo, a mais dramática, pelo seu conteúdo mentiroso, maldoso e destrambelhado, é aquela da página 33, em que o articulista *afirma* que a história da EMI brasileira "é a mais triste". Para começar, o Sr. Lemos revela total desconhecimento em relação à verdadeira (e gloriosa) história da ODEON. A aquisição de parcela de seu capital social pela EMI LIMITED, em meados de 1975, antes de retirar-lhe o vigor e a pujança, serviu para fortalecer ainda mais a Gravadora que — talvez o Sr. Lemos não se recorde — de lá para cá contou em seu elenco (além dos nomes que no momento o integram) com artistas, por exemplo, do porte de João Dias, Adoniran Barbosa, Roberto Ribeiro, Claudete Soares, Clara Nunes, Beto Guedes, Clementina de Jesus, Elis Regina, Ivan Lins, 14-Bis, Gonzaguinha, Paulinho da Viola, Luís Airão, Marcelo, Milton Nascimento, Paulo Moura, Clara Sverner, João Nogueira, José Augusto, Fernando Mendes, Simone, Blitz, Betto Douglas, Dick Farney, Maísa, Leonardo, Golden Boys, The Feevers, Agnaldo Timóteo, Evinha, Reginaldo Rossi, Fátima Guedes, Rita Lee, Roberto de Carvalho, Ângela Maria, Djavan, Alaíde Costa, Alberto Brizola, Michael Sullivan, Hermes de Aquino, Nana Caymmi, Dori Caymmi, César Camargo Mariano, Dalto, Banda Reflexus e tantos outros talentos da Música Popular Brasileira. Como se vê, a decadência só existe mesmo na cabeça — doentia e mal informada — do Sr. José Augusto Lemos. Outrossim, falsos são os números apresentados pelo articulista, que dá a entender que a EMI-ODEON bancou hum milhão de dólares de "luvas" para renovar com os "Paralamas" e pagou trezentos mil dólares "cash" à "PolyGram" para obter a "liberação do passe" de Marina. Em primeiro lugar, artista não tem "passe"; em segundo lugar, os valores enunciados não correspondem à verdade; foram aleatória e levianamente inventados pelo articulista. Por questão ética, deixamos de revelar os números reais, especialmente em atenção e respeito aos artistas envolvidos. Convém salientar que um contrato artístico, como de resto qualquer contrato oneroso, não pode ser referenciado e avaliado apenas por um montante isolado divorciado de seu contexto. Outros dados, como o prazo de vigência, a quantidade de obras, o território, os custos de gravação e promoção, o valor do direito porcentual incidente sobre as vendas, as formas, condições e modalidades de pagamento etc. são fundamentais para se aferir a real dimensão econômica de um contrato artístico, cujos resultados, na maioria dos casos, só podem ser aferidos após o término, nunca de maneira apriorística, como pretende o desavisado articulista. Choca-nos, por fim, o juízo de valor do Sr. Lemos que, em conflito com a realidade dos fatos, considera "queima de dinheiro" a contratação de intérpretes da expressão de Marina e dos "Paralamas".

Não é segredo para ninguém que Brasil atravessa a mais gra-

O Mar Não Está Para Tubarão II
A Polêmica



ve crise financeira de sua história moderna. Ninguém esconde isso, nem mesmo o Governo. Todos os setores de atividades foram afetados com a queda brusca de consumo, inclusive os que lidam com gêneros de primeira necessidade. A indústria fonográfica, e dentro dela a EMI-ODEON, não poderia deixar de pagar a sua quota de sacrifício diante da grande recessão.

Fomos, como a esmagadora maioria das empresas, obrigados a tomar medidas drásticas, algumas até dolorosas, como a dispensa de empregados antigos e eficientes. Mas a empresa, como instituição, continuou sólida, justamente porque foram praticadas a tempo as providências requeridas e por vezes amargas de contenção de despesa e racionalização de custos. A economia brasileira começa a dar os primeiros sintomas de reaquecimento e de retomada de sua credibilidade. As nossas vendas aos poucos se recuperam e, em breve — como todas as demais gravadoras —, atingiremos níveis de mercado bem mais satisfatórios. Temos munição e potencial para tanto. O Brasil é um País musical por excelência. A música constitui a matéria-prima, tanto da Revista BIZZ quanto da EMI-ODEON. Somos, pois, parceiros — jamais concorrentes — na nobre tarefa de divulgar e promover a manifestação mais autêntica da cultura popular brasileira. Esperamos que a Revista BIZZ, fiel às suas tradições e objetivos, continue a desempenhar essa relevante missão com altivez e dignidade

Antecipando nossos agradecimentos pela boa acolhida que por certo a Revista BIZZ dará à nossa justa e legítima reivindicação, subscrevemo-nos,
Atenciosamente,

Jozef Lucas Maarten Govaerts
Diretor-Superintendente

A revista é "prestigiosa"? E eu sou "precipitado", "inconseqüente", "leviano", "mentiroso", "boateiro", "predatório", "maldoso", "destrambelhado", "doentio" e "mal informado"?

O.k., Ilmo. Sr. Govaerts, comecemos por cortar os adjetivos, vamos aos substantivos — aos fatos.

1. Sobre os boatos rebatidos nos itens (a), (b) e (c) de sua carta: obviamente *não correspondem à verdade.*

Cito a mim mesmo, na matéria em questão: "São ***rumores****, funestos... estes* ***boatos****... esse* ***diz-que-diz****...* ***Boatos*** *são* ***boatos*** *e não passam de* ***boatos****..."*

Note a palavra que aparece quatro vezes na introdução da matéria. No meu dicionário, "boato" é o oposto de "fato", assim como "mentira" está para "verdade". Vamos ao "prestigioso" Aurélio*: "notícia anônima que corre publicamente sem confirmação; boatice, atoarda, balela, falaço, ruído, rumor, voz, zunzum, zunzunzum".*

Não fui quem criou nem espalhou as três "fofocas" (para usar um termo mais rude). Elas já estavam — como enfatizei no texto — num pacote prontinho e epidêmico "nos bastidores e corredores do meio musical". Eu apenas as publiquei, como B-O-A-T-O.

A intenção era ilustrativa, como "um bom indicativo do estado de espírito geral" (nas filiais brasileiras das "Cinco Irmãs", o verdadeiro assunto da matéria). Favor não confundir com "boataria autoconfessa". Além do que, a EMI era uma das três gravadoras em férias coletivas até o Carnaval, justamente o período de elaboração da matéria.

O senhor dá a impressão de ter engasgado na introdução e deixado de ler a análise (e não reportagem) que vinha a seguir. Não parece haver outra explicação.

Mais um detalhe, em relação ao item (a): É justíssimo o direito de auditoria em subsidiárias e filiais. Em nenhuma instância a minha matéria diz o contrário. *Muito pelo contrário... Afinal, este é um país em que nunca houve, por exemplo, uma auditoria da dívida externa.*

2. Sobre as questões citadas no item (d) de sua carta: a compra da Odeon pela EMI em 1975, a renovação de contrato dos Paralamas e a contratação de Marina.

Em nenhum momento minha matéria tocava em méritos e desméritos artísticos. O assunto era uma coisa complexa (mercado), que remete essencialmente a uma coisa chata (dinheiro), expressa em números.

Assim, na comparação com a Odeon dos anos dourados da MPB, eu não estava falando em decadência artística. O fato é que a Odeon foi, nas décadas de 20, 30, 40 e 50, a maior gravadora brasileira (não só pelo talento de seu elenco nacional). Isso faz com que o fato de ter sido a vítima principal desses boatos/fofocas (talvez por ter sido a primeira das "cinco irmãs" a demitir) seja muito, muito triste, sim.

Sobre a menção direta a Paralamas e Marina:

Primeiro, são artistas que já estiveram na capa da revista, além de sempre muito bem votados nas eleições entre críticos e leitores que realizamos, de Melhores do Ano, desde 85. Marina e os Paralamas lotam ginásios, têm boa execução em rádio, vendem discos, conseguiram atravessar o desfiladeiro de um mercado de massa, não-segmentado — estão "com um clip no Fantástico*", e não "na sarjeta", nos termos de minha matéria. Por outro lado, não pertencem ao escalão de campeões de vendas citado na matéria: de Roberto Carlos a Xuxa, de Amado Batista a Leandro & Leonardo. Seria muita ironia eu — na posição de Diretor da revista — ter de dizer ao senhor que Marina e Paralamas sempre tiveram mais espaço em BIZZ do que estes* million sellers*. Não porque eu — ou alguma outra pessoa — goste deles, mas porque são o nosso segmento de mercado.*

Obviamente os fatos — ou melhor, os números — só poderiam ser revelados pela EMI-Odeon. É só com eles daria para saber qual o retorno dos investimentos nos contratos citados. Os números relativos à renovação com os Paralamas foram veiculados pela imprensa na época e nunca desmentidos. Tenho os recortes de jornais à sua disposição.

A respeito do contrato com Marina, o número vem de fontes em off*. A expressão "compra do passe" foi utilizada figurativamente para não repetir o verbo "contratar" no mesmo parágrafo. Na realidade, a EMI teve de pagar à PolyGram pela rescisão do contrato, ainda não vencido (faltava um disco).*

Se o senhor, "por uma questão ética" (qual?), não os revela, os números não devem ser muito lisonjeiros, certo?

(Aproveito para corrigir um erro de informação veiculado na matéria em questão. A PolyGram nunca comprou a Deutsche Grammophone. Foi uma joint venture da Philips holandesa com este selo alemão, da Siemens, que deu início à companhia. A correção me foi passada pelo pessoal da própria PolyGram e publicarei quantas correções forem encaminhadas, devidamente acompanhadas de números e fatos.)

3. O final de sua carta repete, em palavras mais emplumadas, trechos da matéria que repudia. Cito mais uma vez:

"Tanto para você (o leitor) quanto para nós (a revista) — que afinal de contas também vivemos de música — esse diz-que-diz soa como uma forte ameaça".

"Caso você não tenha percebido, o país foi para o buraco... uma cratera escura chamada recessão."

Seu ataque infelizmente nem menciona as questões mais importantes levantadas no texto, sua verdadeira essência: tentar contribuir com um diagnóstico (até certo ponto pessoal e subjetivo, sim) de certos erros e distorções acumulados na indústria e no mercado de discos brasileiros há trinta anos.

*Aproveito para repeti-los: (1) A ausência de paradas. (2) A extinção dos compactos, simples (*single*) e duplo (*Extended-Play*). (3) A ausência de segmentação no mercado. (4) A margem de lucro de lojistas e atravessadores.*

Sobre abalar a credibilidade financeira da prestigiosa EMI-Odeon e ferir sua reputação:

Ficaria difícil tentar construir um ataque desses com base em uma matéria que qualifica a EMI como a maior gravadora do planeta, depois de pagar 900 milhões de dólares pela Virgin.

Passada a minha surpresa diante de sua carta, o que me parece mais estranho é o Sr. Govaerts responder por todas as administrações anteriores à sua, de 75 à final de 92, quando assumiu a direção e a superintendência da filial brasileira do grupo Thorn EMI.

Desejo-lhe, sinceramente, boa sorte na tarefa árdua e espinhosa que recebeu de seus superiores. Desejo-lhe também melhor sorte na escolha de ghost-writers.

José Augusto Lemos

NA REVISTA
LETRAS
TRADUZIDAS
O ROCK FALA
A SUA LÍNGUA

E MOSTRA
TUDO EM
FOTOS
ALUCINANTES!

REVISTA
LETRAS
TRADUZIDAS
Bizz

NAS BANCAS

INCLUINDO:
• ELTON JOHN
• TEMPTATIONS
• NIRVANA

EDITORA AZUL

CARTAS

RATOS

Queria parabenizar a BIZZ pela excelente entrevista com os Ratos de Porão — além de muito divertida, abrangente. E parabéns aos Ratos pelos dez anos!

Mauricio Alves de Assis
Rio de Janeiro/RJ

Só de olhar para a BIZZ 81 com o Gordo na capa, dá vontade de vomitar. Será que vocês não têm uma coisa mais limpa para colocar na capa?

Flávia Induzzi Passos
Vila Velha ES

BIZZ, você é foda! Na capa, a banda mais suja e agressiva do Brasil!!! Realmente merecida a reportagem com os RxDxPx, afinal não é qualquer banda que sobrevive aos trancos e barrancos de uma década, já que no Brasil ainda tem muito preconceito contra a música pesada.

Gostaria de notificá-los que o nome do vocalista-guitarrista-líder do Kreator é Mille Petrozza, e nao Mike. As datas dos shows também saíram erradas. Fora esses deslizes, está duka (ralho)!

Silmar Akizawa
Sao Paulo SP

Quando vi o Sepultura na capa da BIZZ, eu delirei. Mas quando vi os Ratos de Porão na última edição, eu gozei! Não acreditei ao ver que tinha matérias sobre Ramones, Cramps, Dead Kennedys, Kreator, Metallica (apesar da baba do último LP) e Ratos. Parabéns à BIZZ e meus pêsames aos playboys!

Guilherme Fialho de Oliveira
Belo Horizonte MG

Foram os Cr$ 6 900 mais bem gastos em revista. Essa eu paguei com gosto. OK, Ratos, Cramps, Ramones... Foi como trepar com a gostosa que eu fissurava há sete anos e que nunca me deu bola. Valeu, BIZZ!

Flávio A.P. Moro
Pirassununga SP

BARULHEIRA

Janeiro: Legião é um pé no saco, mas, como colecionador convicto, eu compro. A chamada de capa de fevereiro me atrai: Sepultura. Abro a revista e dou de cara com o próprio, numa puta matéria. As fotos ficaram ótimas. Viro uma página e: Ministry. Viro outra e: Red Hot Chili Peppers. Em março nada mais, nada menos que Nirvana, Red Hot e mais algumas bandas de Seattle: Alice In Chains, Soundgarden, Pearl Jam... Vocês devem estar achando estranho eu citar somente bandas que fazem barulho. O fato é que sou um headbanger e há tempos deixei de comprar revistas que se dizem especializadas no gênero metal, pois vocês estão bem melhores.

Calebe Alves da Graça
Sao Paulo/SP

Li a reportagem do Nirvana na BIZZ 80. Pelo que eu entendi, o que o grupo faz em cena não é um show, é simplesmente uma malhação de instrumentos que faz uma barulheira só para iludir os imbecis que curtem esse tipo de música

Adriano Guilherme
Sta. Bárbara d'Oeste/SP

Em todo o seu tempo de existência, a BIZZ jamais fez uma edição como a de março. Foi decepcionante! Eu gosto do Nirvana, sim. Sabe quando a esmola é demais? Sintam o drama: o Nirvana foi capa, destaque na seção *Discos*, "Smells..." traduzida na seção *Letras*. E o pior não foi nada disso. É muito mais interessante ler uma entrevista com o Mudhoney (o verdadeiro representante do som de Seattle) que contemplar a tentativa frustrada de entrevistar o Nirvana.

Edjandir C. Costa
Tubarão/SC

Fiquei feliz para cacete ao ver a BIZZ de março carregada da banda que amo: Nirvana! Aliás, curto estes fodidos desde seus primeiros shows em Seattle, onde morei desde meus 19, num total de quase dois anos. Ver o Nirvana ser enfim reconhecido e estourando agora é o máximo para um fã que participou de cada passo desta puta banda.

Alex Cobain
Pelotas/RS

Depois de uma revista péssima como a de fevereiro (só se salvou o Sepultura), a BIZZ está de volta às suas raízes originais — ou seja, uma revista brilhante, chocante, rica em entrevistas de bom gosto.

Quanto ao nosso grande André Barcinski, parabéns. Sua reportagem merece nota 1000, pegou minha atenção do começo, meio ao fim. Outra grande matéria foi a dos Red Hot Chili Peppers por José Emilio Rondeau. Adorei também a *Discoteca Básica*. Raul é demais, o maior roqueiro do Brasil. Ainda não chegou nenhum outro capaz de igualar-se a ele. Só existem grupinhos como RPM ou Nenhum de Nós que gravaram "Gita" e "Tente Outra Vez" e acabaram estragando

Ulisses Menezes Neto
São Paulo/SP

Caro André Forastieri, acabei de ouvir neste exato momento o disco do Nirvana. Adorei. Mas tem dois problemas:

1) Você diz que o disco é punk puro. Porra, no *Never Mind The Bollocks* (Sex Pistols) e no *Rocket To Russia* (*Ramones*) não existem faixas como "Something In The Way", que parece — Deus me perdoe! — Guns N'Roses. Claro que nem todo o disco é assim. Nas mais apunkalhadas, ou seja lá o que for, o pau come solto. Me lembrei até do bom e velho Black Sabbath.

2) Se você acha que seria uma maravilha (e eu também) o Nirvana tomar de assalto o mundo, olhe um pouco para trás: o Guns N'Roses até que era legal. Mas olha hoje em dia!

Alexandre Guedes Mourão
Manaus AM

MEU BRASIL BRASILEIRO

Daqui, do alto da feira, dá para ver alguns artistas medíocres armando suas barraquinhas para vender discos, ajudados pela mídia, é claro. Aqui e lá fora. Mas o pastiche que virou o rock nacional está mais para Jovem Guarda 3, porque Jovem Guarda 2 é a nossa atual música sertaneja. Definitivamente: não existem Tons Jobins do rock. A maioria é mero acidente fonográfico. Brilhante foi a crítica do Forastieri sobre o disco dos R.H.C. Peppers: "...se existissem bandas cariocas legais". E temos tudo — clima, cores, ginga — para gerar bons roqueiros nativos.

Sobre os Engenheiros do Hawaii, achamos que eles precisam de vitaminas para seus cérebros. Que tal brócolis com própolis? É ótimo. O Lobão precisa urgentemente de um chapeuzinho e de uma avó que lhe agüentem. O Lulu nunca nos enganou com suas suíças... e por aí afora. Sobre alguns mais — bons? — nem convém falarmos, pois nunca iriam compor como Morrison, Lennon, Raul, Cazuza etc.

Finalizando, aqui vai um recado para leitores e fãs neuróticos e irritados com críticas: rock é descontração, dança... e inteligência também. Ouçam de tudo, mas saibam escolher as "frutas" e os "legumes".

Pimentas, Jilós e Bloody Maries
Rio Claro/SP

É realmente lamentável que alguns representantes do pop/rock made in Brazil sejam tão mal informados e sem visão.

Senão, o que dizer das declarações de Arnaldo Antunes e Herbert Vianna a respeito da volta do compacto? Será que esses caras não vêem o desserviço que estão prestando ao rock nacional?

O não lançamento de compactos, sim, é que só interessa à indústria. Afinal, no Brasil, as gravadoras há muito vêm trabalhando sobre o pressuposto de que quem quer ouvir uma única música se dispõe a comprar um LP.

Durante muito tempo foi um bom negócio para elas (e só para elas). Mas agora a coisa mudou — algum saldo positivo a crise econômica tinha de deixar.

Atualmente muita gente prefere gravar em K7 as músicas que gosta, em vez de comprar o LP. O lançamento de compactos, CD singles, EPs etc. ajudaria a aumentar o número de compradores de discos, atraindo um grande contingente de consumidores de hits.

Além disso, haveria mais oportunidades para grupos/artistas novos, enquanto os já consagrados não precisariam ficar guardando suas composições até a época de soltar um LP.

Outro fator importante é que, sem o compromisso de fazer um LP, Titãs e Paralamas, por exemplo, não precisariam ficar constrangidos em selecionar o que realmente houvesse de bom em seus recentes LPs e lançar em single.

Sandra Soares Barros
Recife/PE

Quero informar meu profundo aborrecimento com algumas pessoas presentes no show dos Titãs (sábado, 14/3) no Olympia.

Quando tocavam nos telões músicas do Faith No More, Chili Peppers e Living Colour, todos pulavam ao som black que estava rolando. Mas então o baterista Charles Gavin entrou no palco e anunciou o Moleque de Rua como banda de abertura. O público começou a responder às músicas do Moleque de Rua com gritos como: "Febem!", "Ô, música de preto!", e o grupo acabou sendo ignorado por muita gente que não aplaudia, fazia gestos obscenos e acenava adeus para os moleques que se esforçavam para o delírio de poucos presentes que estavam animados. A situação era tal que muitos "heavies '90" sentaram-se no chão em "protesto".

Essa tremenda falta de respeito não é digna de pessoas que vão aos shows escutar "Marvin", que também tem uma tendência black.

Onde estamos? Ou se gosta ou não se gosta, mas tudo devemos ouvir, pelo menos com respeito.

Rafael Siqueira de Guimarães
São Paulo/SP

HOLLYWOOD ROCK

Como assíduo leitor da BIZZ, eu poderia sentar-me e escrever linhas e linhas, mas minhas atenções vão apenas para a frase: "Sebastian Barbie, a boneca que diz *'fucking'* " — no *Ao Vivo* da edição 80. Nunca houve tão perfeita crítica para uma banda — ou melhor, para a pior banda de "rock" do mundo.

A revista estava o máximo, mas vocês parecem estar se esquecendo da única e melhor banda do mundo: Pixies. Gostaria de deixar registrado meu fã-clube: The Bleeded Pixies Fan Club, Caminho D-1 n.º 14, Piaçaveira, CEP 42800.

Black Santos
Camaçari/BA

Queria dar os parabéns à BIZZ pela edição de março, que mostrou de maneira inteligente e bem original os bastidores do Hollywood Rock, focalizando com precisão os pontos positivos e negativos e mostrando um lado do festival que não se pode observar apenas assistindo aos shows. Valeu mesmo!

Danielle Feijó de Salles
Niterói/RJ

Fui ao Rio ver o Hollywood Rock e fiquei decepcionado com o fracasso do festival. Já estou começando a ter saudade de grupos como Queen e Dire Straits. Estas bandas, além de tocar sempre para multidões acima de cem mil pessoas, tinham no mínimo dez músicas cantadas de cor pela massa. Muito diferentes destes grupinhos que fazem sucesso por causa de apenas uma música. É o caso de EMF ("Unbelievable") e Seal ("Crazy"). Mas nem tudo foi mal. Extreme provou que não é feito só de "More Than Words" e o Skid Row enlouqueceu a galera o tempo todo.

Espero que no próximo festival venham grupos melhores.

Rogério Ribeiro Neves
Passa-Quatro/MG

ERRATA

Acho que vocês cometeram alguns erros na ficha do Information Society. Pelo que me consta, Kurt Valaquen é o vocalista oficial da banda, e James Cassidy canta apenas algumas músicas. Cassidy, aliás, também toca guitarra, além de baixo. E o baterista que tocou com eles no Brasil chama-se Edd Webber, e não Ed Wozniak. Faltaram ainda os dados: Kurt Harland Valaquen (Minneapolis/EUA, 23/01/63), James R. Cassidy (St. Paul/EUA, 26/07/63), Paul Jason Robb (Minneapolis/EUA, 02/08/63).

Emília Gonçalves dos Santos
Niterói, RJ

Vamos por partes: 1) embora não seja o vocalista principal, James Cassidy também faz vocais no grupo; 2) você tem razão: Cassidy também toca guitarra e o nome do baterista é Edd Webber, não Ed Wozniak; 4) não tínhamos os dados pessoais dos integrantes do INSOC — obrigado pela informação, Emília.

KUBIKULUM ROCK
TUDO EM CDS

KUBIKULUM ROCK
R. 24 de Maio, 62 — 2.º and., conj. 351
CEP 01014 Fone/Fax: (011) 221-5010

Sacuda o teclado com
EASY PLAY
Partituras Facilitadas
Confira Novidades

p/ iniciantes e iniciados
Escolha
♪ Iniciando ♪ Clássicos
♪ Cinema90 ♪ Cinema 91
♪ Marina ♪ LuluSantos
♪ Guilherme Arantes ♪ Djavan
♪ Paralamas do Sucesso
Procure nas livrarias ou peça pelo correio anexando cheque nominal à
Easy Play Partituras Facilitadas
Calçada dos Mirtilos, 27 - Alphaville
CEP 06453 - Barueri - SP
EASY PLAY
Preço Unitário Cr$ 25.000,00 em sua casa
com dez músicas e letras (Válido até 20 de julho).

ARETHA FRANKLIN

I NEVER LOVED A MAN THE WAY I LOVE YOU (1967)

O grande Otis Redding balança os braços e reclama com o vice-presidente da Atlantic Records, Jerry Wexler: "Acabo de perder a minha música. Essa garota a roubou de mim".

Essa "garota" de 24 anos chamava-se Aretha Franklin, e Otis tinha razão de se sentir mordido. Dois anos antes, "Respect", de sua autoria, chegara ao 35.º posto do *Hot 100* da *Billboard*. Agora, abril de 67, na voz de Aretha, a canção ocupava pela segunda semana o primeiro lugar. Mas não era a isso que ele se referia.

O original esparso e seco de Redding havia sido virado do avesso, como se não passasse de um simples rascunho. Uma levada venenosa de guitarra e metais atravessava toda a música, puxada por um delirante transe gospel de chamada-e-resposta. A letra — Otis reclamando de sua vida conjugal — ganhava uma nova ênfase com as vozes de Aretha e sua irmã Carolyn acrescentando todo tipo de imprecação furiosa, metralhando em stacca to: "Re-re-re-respect! (just a little bit, just a little bit)", antes de explodir, soletrando no refrão: "R-E-S-P-E-C-T... find out what it means to me!... R-E-S-P-E-C-T!... sock it to me, sock it to me, sock it to me!"

A garota que seria batizada de Lady Soul vinha mesmo da igreja e contava com mais de dez anos de estrada. Nascida em Memphis, mas criada em Detroit, tinha seis anos quando a mãe abandonou seu pai, o reverendo C.L. Franklin, pregador *superstar* no circuito *gospel*.

A garotinha cresceu no colo dos maiores cantores do gênero: Mahalia Jackson, James Cleveland, as Ward Singers e os Soul Stirrers — comandados por R.H. Harris e seu discípulo Sam Cooke. Foi Sam, ídolo e amigo, quem a encorajou a segui-lo na travessia do gospel para a música secular (ou "pop").

Aos 14 anos, Aretha já chamava a atenção no coral da New Bethel Baptist Church, a igreja de seu pai, com o qual chegou a gravar para o selo JVB. Aos 18 era levada para a Columbia, pelas mãos do produtor John Hammond, que tentou transformá-la numa espécie de diva-jazz com só uma pitada de R&B. Foram cinco anos gravando *standards* da Broadway e outras "pérolas do cancioneiro". Não podia mesmo dar certo.

"Eu queria devolvê-la à igreja", foi a explicação de Jerry Wexler, vice-presidente da Atlantic Records. O selo de Nova York comandava o mercado de R&B desde que lançara Ray Charles, e sua grande fonte de renda no momento era a distribuição dos selos independentes do Sul, como a Stax/Volt de Memphis e Fame de Muscle Shoals, Alabama.

Foi para este peculiar celeiro de hits que Wexler levou Aretha em janeiro de 67. Obtivera grandes resultados com Wilson Pickett e agora repetia a dose.

O chamado *hard soul* de Muscle Shoals — R&B cru e áspero, meio country — merece um capítulo à parte na história do pop. Um bando de brancos de alma preta, "soul cowboys", num estúdio montado dentro de um barraco, criando/arranjando/produzindo clássicos em série, comandados pela dupla de compositores Dan Penn e Chips Moman e apoiados pelos monstruosos Spooner Oldham, nos teclados, e Roger Hawkins, na bateria.

Como produtor, Wexler optou por deixar Aretha gravar primeiro, sozinha ao piano, para só depois o staff da Fame trabalhar em cima. A gravação, tumultuada, só durou uma tarde. Aretha voltou para Nova York e Wexler a seguiu depois, levando a fita com apenas duas canções finalizadas.

Pode ser que você nunca tenha ouvido falar nesse disco (fora de catálogo no Brasil desde que se esgotou sua primeira edição). Mas se tiver em casa o incendiário Volume 6 da série *Atlantic Rhythm&Blues*, conhece estas duas obras-primas: lados A e B do primeiro compacto de Aretha pelo seu novo selo.

Mesmo antes de ela abrir a boca, "I Never Loved A Man (The Way I Love You)" já arrepia a espinha com o piano elétrico de Oldham e a guitarra de Moman. Depois, então... a América e o mundo caíram diante da verdadeira Aretha Franklin.

Já a balada "Do Right Woman — Do Right Man" (de Dan Penn e Chips Moman) é uma espécie de resposta a "It's A Man's World" de James Brown.

Quem assistiu a *O Cabo do Medo*, de Scorsese, lembra como esta música — junto com o livro *Sexus*, de Henry Miller, e a planta conhecida em português oficial como cânhamo — é utilizada pelo psicopata vingativo para seduzir, com extrema maestria, a mocinha indecisa entre puberdade e adolescência. Não seria exagero dizer que o disco inteiro, e esta música em particular, está para o pop negro como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, está para o mundo das letras.

Em um dia de trabalho, dois clássicos e um single entre os Dez Mais. Wexler não perdeu tempo: mandou o pessoal vir até Nova York para mais duas sessões. Resultado: o estouro de "Respect".

Mais cinco dias e o álbum estava pronto, mantendo a carga desenfreada de gospel e R&B de seus primeiros hits.

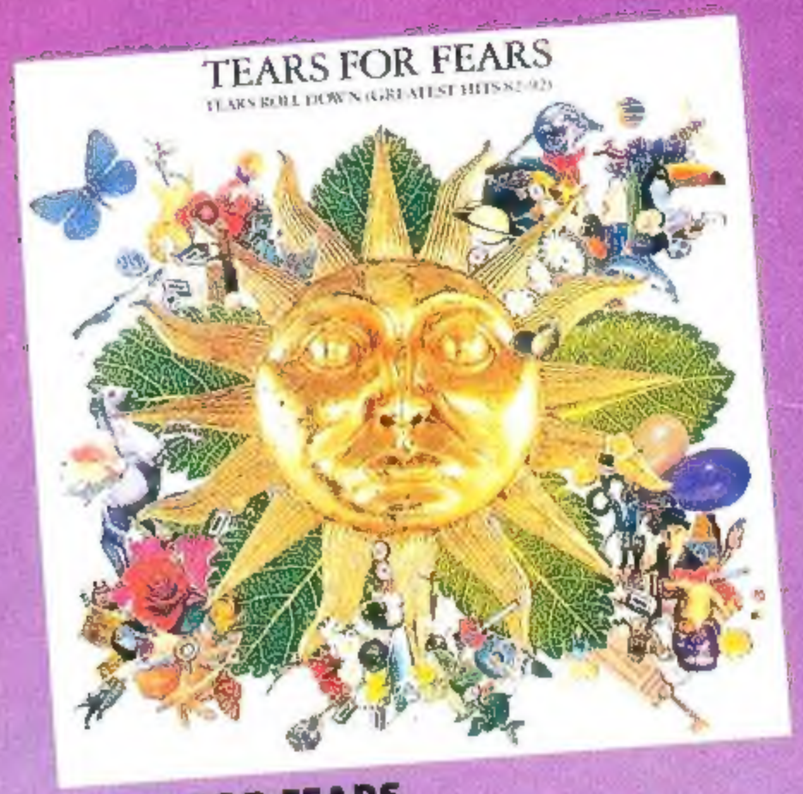
"Dr. Feelgood" explora o mesmo tema de "I Never Loved...": turbulenta dependência sexual, discutida com as cartas abertas em cima da mesa, refletindo a relação de Aretha com o co-autor da música, seu então marido e empresário, Ted White.

A outra co-composição de White, "Don't Let Me Lose This Dream", é uma balada soul com glacê meio bossa nova, meio baião à moda de Burt Bacharach.

Outras faixas, como "Save Me" e "Soul Serenade", escancaram a importância da irmã Carolyn e do saxofonista King Curtis, diretor musical das bandas que acompanharam Aretha até morrer esfaqueado numa briga de bar em 71. Pois é na tapeçaria dos metais com os backings vocals que Aretha rasga garganta e coração.

I Never Loved A Man... inclui ainda um tributo ao mestre Sam Cooke — as covers para "Good Times" e "A Change Is Gonna Come" — e foi apenas o primeiro de uma série de quatro LPs seguindo fielmente esta receita de *"hard soul sulista"*, todos absolutamente "básicos".

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

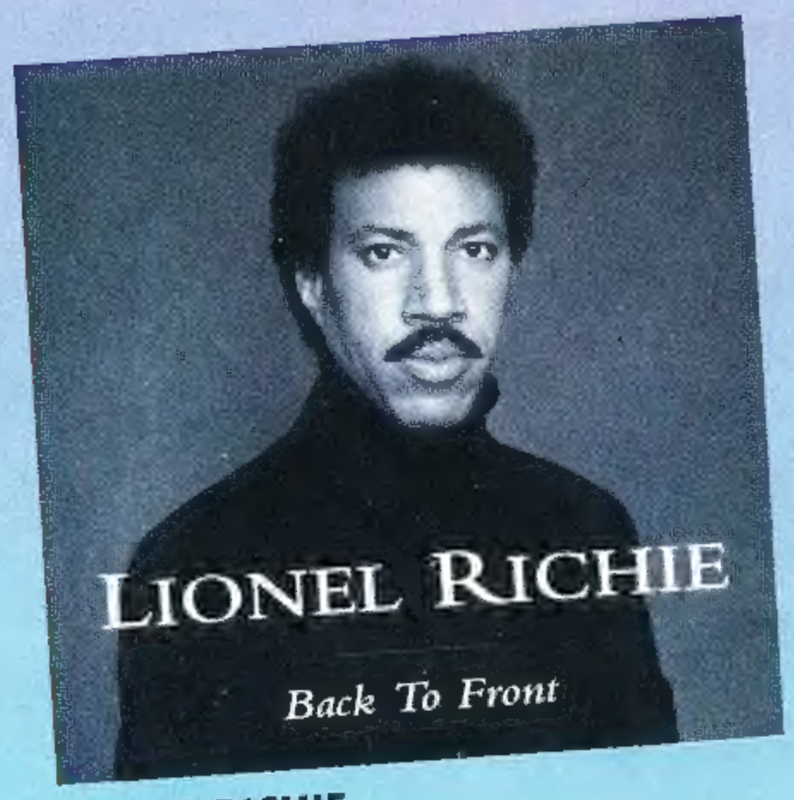


TEARS FOR FEARS
TEARS ROLL DOWN (GREATEST HITS 82-92)

U2
ACHTUNG BABY

SAIU O LISTÃO DOS GIGANTES

THE CURE
WISH



LIONEL RICHIE
BACK TO FRONT

Enfim, o listão dos gigantes do Rock disponíveis em CD já saiu das fornalhas da PolyGram. O melhor som, as melhores capas, o melhor tratamento. Eles merecem. E você também.

PolyGram

Em CD, LP e MC

chiclete já era!

saúde e sabor

Você pode gostar de chiclete,
mas leia isto:

Tablete Valda é elaborado com plantas medicinais.
E o chiclete, é?
Tablete Valda é alívio e saúde pra sua garganta.
E o chiclete, é?
Tablete Valda é refrescante com sabor prolongado.
E o chiclete, é?
Esquece chiclete. Procura Tablete Valda
à venda nas farmácias.
Você vai sentir a diferença.

tabletes VALDA Surf-Pro
III Etapa do Campeonato Brasileiro de Surf

VALDA ingredientes naturais

FEST VALDA INTERCOLEGIAL DE MÚSICA